Chico
Buarque
ópera do
malandro

Chico Buarque

Opera do malandrO americanismo: da pirataria à modernização autoritária (e o que se pode seguir)

"A multidão vai estar é seduzida" — Teresinha Fernandes de Duran

Nós, os brasileiros, desde há algum tempo temos cultivado paixão pelo moderno e uma persistente adesão à ideologia do progresso. Talvez, por isso, ao menos os homens com mais de 30 anos deste país sejam capazes de reconhecer algo da sua experiência nos filmes em que Fellini recorda sua juventude sob o fascismo. Principalmente nos flashes intrigantes que sublinham o mágico interesse pelo cinema americano, pela tecnologia e pela máquina, ou naqueles momentos carregados de sentido em que vielas estreitas e seculares são cruzadas rapidamente por possantes carros de corrida numa competição automobilística. Os efeitos bizarros da justaposição do moderno ao tradicional, e sobretudo de uma forma singular de modernização que aparenta ser produzida em nome do passado e para sua perpetuação.

A velocidade, a simultaneidade, a valorização de um ritmo de vida intenso, os novos espaços urbanos — aqui, o americanismo tem sido também uma estética. Largas avenidas, edifícios, automóveis, a idéia de limpeza associada ao moderno. Velhas cidades coloniais de rara beleza demolidas sem remorso, como que para apagar a presença constrangedora da memória social. A pirataria do capital imobiliário que destruiu a arquitetura de nossas principais cidades contou com nosso compassivo silêncio, às vezes até entusiasmados por sua substituição pelas novas ascéticas fachadas, tão desejadas em segredo quanto a esperança fantasista do esbranquiçamento racial.

O getulismo, o PTB e o latifúndio, o chiclete, a Coca-Cola, o nylon e os

cines Metro. Mas para além da dimensão cultural, do mimetismo da moda, que também indicavam a falta de raízes das elites, o americanismo consistiu numa adequada práxis que em meio século transformou o país. Afirmou o predomínio da indústria sobre a agricultura, remarcou a composição demográfica e trouxe o eixo de gravitação para os centros urbano-industriais. Nas condições brasileiras, porém, sua inserção se produziu num contexto certamente diferenciado da sua imposição original nos Estados Unidos.

No final dos anos 20, a indústria se encontrava em fase incipiente, avançando marginalmente no interior da ordem oligárquica agro-exportadora. Constitui-se a nova fração burguesa através de um processo substitutivo de importações de bens de consumo não-duráveis, cujo impulso tinha como matriz as vicissitudes do mercado internacional para nosso principal produto de exportação — o café —, e situações de emergência, como a Primeira Guerra Mundial. A defesa cambial do sistema agroexportador, como se sabe, reverteu em favor da industrialização encarecendo os bens importados, e a diminuição do fluxo de mercadorias nos anos 1914 - 1918 atuava no sentido de fortalecer essa tendência.

Embora o Estado e o sistema da ordem no pré-30 assumissem uma forma liberal, a versão restritiva e excludente do liberalismo praticada pela oligarquia agrário-exportadora somente em parte atendia às necessidades de classe dos industriais. Assim com a mercantilização da força de trabalho disponível por meio do assalariamento, com as instituições, códigos e leis que proclamavam o triunfo burguês e da sua concepção do mundo. Mas havia claras disfuncionalidades para sua expansão, quer na imensa faixa da mão-de-obra retida pelos latifúndios, aí submetida a relações pré-capitalistas, quer no alto preço dos bens agrícolas, ambas as circunstâncias onerando o custo da força de trabalho industrial. Mais que tudo, o fato do Estado se achar sob apropriação da oligarquia agrária. Dado que não gozava de poder de concorrência com a produção estrangeira, sua plena imposição dependia de uma política protecionista do poder estatal, que só ocasional e indiretamente os negócios da agro-exportação podiam conceder.

Por outro lado, o caráter oligárquico do sistema político não dava passagem ao atendimento das reivindicações acumuladas dos setores emergentes, que incluíam as camadas médias e os militares — "os tenentes" —, a burguesia industrial e a classe operária. Sem deter o poder do Estado, sem submeter ao movimento do seu capital a parte majoritária do estoque de força de trabalho, ainda vinculada a uma ordem de tipo patrimonial, a ordem liberal dos agrários não se comportava como meio próprio para a ascensão da fração burguesa industrial.. Ademais, havia outra séria razão — de uma ou de outra forma, o liberalismo facultava a mobilização, a organização e a ação da classe operária, de que as greves gerais de 1917 e 1918 e a fundação do PCB em 1922 se fariam exemplo. O difícil processo da sua acumulação, portanto, também se via ameaçado "por baixo".

Duas eram as modalidades possíveis de trânsito para sua hegemonia. A primeira, a ser construída pela expansão crescente das fábricas e da generalização da concepção do mundo fabril, num processo transformista onde a força do especificamente econômico desfizesse as relações pré-capitalistas no

campo — submetendo todas as outras formas de capital pré-existente, bem como a força de trabalho, ao capital industrial —, e lhe abrisse uma generosa participação no poder estatal. Praticamente se inviabilizava pela ativa resistência do setor agro-exportador em manter o monopólio do Estado e da sua política econômica — lembre-se que a indústria brasileira era acusada de atividade "artificial" — a que vinha se juntar o crescente aguerrimento do sindicalismo.

A segunda, de natureza revolucionária, apontava para um terreno incerto e perigoso. Débil como era, o enfrentamento com as frações oligárquicas agrárias em seu conjunto implicava numa aliança com o campesinato, com a média e pequena propriedades rurais, setores intermediários urbanos radicalizados, e inclusive com a classe operária. Não contava com maturidade política para dirigir um processo de tal envergadura, que aliás jamais concebeu, para não se mencionar o estágio igualmente atrasado, em termos de consciência social, das demais classes e estratos cogitáveis para uma coalizão desse tipo. Contra a utopia revolucionária, contava com a boa certeza de que no atacado a ordem oligárquica atendia à burguesia como um todo, garantindo ademais um eficaz sistema de dominação sobre as classes subalternas.

A natureza distintiva do movimento político-militar de 1930 se constitui exatamente pela solução peculiar que impôs ao dilema burguês. Sem incluir a participação da fração dos industriais e sem conduzi-la diretamente ao poder, veio dar expressão às suas necessidades elementares, fornecendo pela intermediação do Estado, da política, os meios e os modos para sua conversão em dominante. O papel da classe reinante cabia à oligarquia agrária dissidente, que se soltará da sua antiga solidariedade com o setor agro-exportador. O moderno vinha à luz pelo ventre do arcaico e do tradicional. As elites do latifúndio em dissidência» este "Brasil negro", é que portavam os papéis de condução política da imposição do moderno. O americanismo aqui surgirá como forma particular de salvação de todas as frações burguesas, inclusive da que perdeu em 30, e não como resultado do triunfo de uma concepção do mundo burguesa-progressista. O passado reverenciará o moderno, ínstalando-o, mas cobrando o pedágio da sua conservação. Entre nós também os vivos seriam governados pelos mortos — Teresinha Fernandes de Duran é filha do sr. Duran e se casa com Max Overseas.

A crise de 1929 do mercado internacional deixara transparecer que a agro-exportação não mais reunia condições de solidarizar em torno de si sequer os restantes setores das classes dominantes, estimulando a aberta contestação da classe operária e principalmente da juventude militar. O caráter da profundidade da rebelião conheceu seu testemunho heróico no sacrifício dos "18 do Forte", confirmado em extensão e importância pelo levante de 1924, em São Paulo, pela saga da Coluna Prestes e pela forma claramente hesitante com que esta foi combatida pelas forças federais. Apenas a indústria e a modernização capitalista poderiam refazer a solda burguesa, tendo ainda capacidade integrativa para acolher numa nova ordem a grande maioria dos descontentes. Ao Estado cumpria estabelecer os suportes que facultassem a reorientação da economia a fim de fundar a primazia do modo de produção especificamente capitalista a partir da fábrica moderna.

Tratava-se de uma vasta tarefa, a requerer medidas preparatórias como a

construção de ciclópicas usinas produtoras de energia, a criação da siderurgia, a exploração e o refino do petróleo, a elevação da capacidade de importar e, em conseqüência, a de exportar, e na regulação do mercado interno, em especial do mercado da força de trabalho. Declarava-se como objetivo essencial do Estado a invenção pelo uso de recursos políticos de uma burguesia industrial de novo tipo, quer pelo aperfeiçoamento e depuração da pré-existente, quer pela indução de outras através de regias benesses concedidas pelo Estado para a realização de projetos de interesse geral da modernização que dirigia.

A busca desses fins estava condicionada à eficácia dos mecanismos de coerção acionados pelo aparato do poder. Sobre a noção de federação, suporte do liberalismo oligárquico, se afirmam pela força das armas, como em 1932, os ideais unitários. Sobre o liberalismo econômico, ideologia da agro-exportação, o dirigismo estatal. Tarefa enorme essa, a de reconstituir a ordem burguesa, atualizá-la face à nova realidade do mercado externo e ao realinhamento, no plano interno, das classes e camadas sociais. A política antecederá a economia e, para melhor servi-la, não poderá dispensar a violência.

Ao contrário do padrão clássico de americanismo, a hegemonia burguesa não "nascerá das fábricas". Seu ponto de partida virá das chamadas regiões supra-estruturais, do Estado, da política, do Direito, que irão traçar "de fora" pelas mãos dos nossos "junkers" caboclos as linhas mestras do processo de modernização. E tempo há de rolar até que parte das novas frações burguesas se sinta em condições — suprema audácia — de reivindicar para si o controle do arsenal político do Estado.

A ordem corporativa consistiu no formato institucional encontrado para a imposição do americanismo, aí compreendidas as alterações psico-físicas por que passam as classes subalternas para seu ajustamento ao trabalho industrial. O Estado se postaria numa posição acima das classes sociais, encarnação da razão e único sujeito do devir histórico, interpretando por mandato tácito a substância da vontade nacional. Politizando com exasperação suas funções econômicas, o Estado fazia decretar a abolição da prática da política por parte da sociedade civil. O universo do liberalismo seria o da divisão da sociedade por interesses egoísticos e insanavelmente contraditórios, uma verdadeira ante-sala do socialismo — escreviam os corifeus da modernização autoritária.

O interesse, para se expressar com legitimidade, deveria se recobrir do ideal da "grandeza nacional", o indivíduo se subordinar às necessidades e imperativos do Estado-nação. A democracia substantiva sucederia os degenerados formalismos da democracia liberal. A diferenciação entre classes sociais, uma perversão do liberalismo, substituída por uma ordem harmoniosa e orgânica em que os diferentes agentes da produção — as personas do capital e do trabalho — se reuniriam em sindicatos corporativos comungando da mesma identificação quanto a fins edificantes e patrióticos.

Historicamente é constatável na implantação do industrialismo o recurso à coerção, como meio de ressocialização para o trabalho fabril das massas rurais que, após serem expropriadas da posse da terra, acorrem aos centros urbanos em busca de meios de subsistência. O que varia é seu grau, e o modo particular como se combina com elementos consensuais. Gramsci, que dominava com maestria esse assunto, observava que no socialismo o consenso deveria predominar sobre

a coerção na fase de trânsito para a indústria — onde esse processo ainda não tivesse ocorrido. No fordismo, forma superior da sua imposição numa ordem burguesa, os elementos consensuais se expressam na política de altos salários e na disseminação da ética puritana.

Nos países de capitalismo tardio, o uso da coerção tem se verificado em grande escala, entre outras razões de natureza geral, pelo fato da indústria desde seu início se ver confrontada pelo sindicalismo organizado, e em razão da direta inclusão do trabalhador na fábrica moderna sem o estágio prévio da cooperação e da manufatura. A modernização sob instituições corporativas se constitui numa forma exaltada de constrangimento, que visa simular entre os explorados no processo de trabalho a inexistência da exploração, apagando sua identidade na ideologia de comunhão entre o capital e o trabalho.

O Estado Novo de 1937 suprime a liberdade e a autonomia dos sindicatos, transformando-os em aparatos de Estado. Extrai-se da sociedade civil tudo que diga respeito à vida operária. Onde antes havia o conflito e a possibilidade de desintegração social, a razão do autoritarismo iluminado intervém para fundar a paz e a cooperação. Mas algo da fórmula consensual será preservada através da regulamentação dos direitos elementares do trabalho — limitação da jornada de trabalho, férias, descanso semanal, etc. —, fazendo as vezes de contrapartida da liberdade perdida pelo movimento operário.

No papel, igualavam-se empregadores e empregados, patrões e operários, submissos todos à severidade das mesmas leis e à realização da grandeza nacional. Como não podia deixar de acontecer, os industriais distinguiram o real da fantasia — aí, foram eles o malandro — e mandaram às favas a panacéia corporativa para evitar a luta de classes e o sonho milenarista de uma ordem burguesa sem conflitos, explorando sem piedade uma força de trabalho inerme, num capitalismo pirata e selvagem como de poucos se têm notícia.

Ao se iniciar a redemocratização em 45, esse regime de tutela do movimento sindical e operário aparentemente se aproxima do seu fim. Contudo, quando terminam os trabalhos da Constituinte em 1946, mais uma vez o liberalismo se faz acompanhar de disposições restritivas. Negou-se voto aos analfabetos, aos praças de pré, a elegibilidade aos sargentos e se manteve intocada a propriedade da terra. As formas reticentes em que se cuidou da liberdade e da autonomia sindicais e do direito de greve, a que se aliou a conservação da Justiça do Trabalho com as mesmas funções designadas pelo Estado Novo, permitiram, com algumas modificações, a continuidade do corporativismo sindical.

O segredo de Polichinelo da nova ordem liberal fazia-se visível quando, ao tratar da representação no Parlamento, criava mecanismos de sobre-representação para os Estados menos urbanizados, em geral os menos desenvolvidos industrialmente. Plus ça change, plus ça reste comme ça. Como é óbvio, se viam assim diminuídas as possibilidades dos setores emergentes dos grandes centros urbano-industriais de ganharem lugares no poder legislativo. A continuidade da ordem burguesa se faria com a preservação do compromisso entre a fração industrial e agrária, esta já uma sócia menor, apesar de seguir desempenhando importantes papéis políticos no sistema de dominação.

Tornou-se trivial separar — a ordem estado-novista projetou sua sombra

por sobre a liberal. Na forma, essa transfiguração política era indicada a princípio pela coalizão entre o PSD e o PTB — o primeiro, herdeiro do sistema de controle característico nos campos; o segundo, da estrutura corporativista sindical — e, no conteúdo, pela sobrevida concedida à modernização autoritária. No fundamental, a via prussiana encontrará confirmação no regime do liberalismo político.

É menos comum, todavia, notar do que dependiam as instituições de 46 para fundarem uma ordem estável. Não de pouco, certamente. Sob sua vigência, um presidente da república foi levado ao suicídio, um renunciou apenas sete meses depois de eleito e outro foi apeado do poder pela força. A contrario sensu, a estabilização conseguida por JK se faz reveladora. Em seu período, não só se integram consensualmente as diferentes frações burguesas num projeto de modernização, como se mantêm as classes subalternas dos campos e das cidades sob suas formas tradicionais de controle.

A precariedade das instituições vigentes vinha à tona quando, ao lado da dissidência nos grupos dominantes em relação à natureza do projeto de expansão burguesa, produzia-se um afrouxamento — por razões que variavam no tempo — no uso desses controles. Tornava-se mais patente ao coincidir com um movimento genuíno que, irrompendo "de baixo", reivindicasse pela autonomia e direitos fun damentais, como o de acesso à propriedade da terra.

Nessas ocasiões os termos da ordem se mostravam incapazes de conter e processar as demandas existentes, não porque expressassem a legalidade e a concepção burguesa do mundo, mas precisamente por se identificarem com uma forma singular e recessiva de implantação capitalista — a autoritária, a prussiana. Intensificadas as aspirações por reformas, não encontrariam passagem no legislativo em função da sobre-representação dos Estados atrasados. Reivindicasse a classe operária aumentos salariais através de greve, essas se chocariam contra a legislação trabalhista, para não se falar nos camponeses, acusados de atentar contra o direito da propriedade. O novo se mantinha preso ao passado. Nosso capitalismo continuava com um pé na Lapa, em escusos galpões de fundo de praia, enlevado pelas mamatas, e nostálgico da capatazia de fazenda.

Dessa verdadeira perversão do quadro institucional-legal, decorria que as demandas desatendidas, impossibilitadas de correr no interior de canais legítimos, saturavam o sistema político, e acabavam por contorná-lo exigindo serem satisfeitas a qualquer preço. Sob forma bruta, por fora da percepção do espaço político produzida pelos partidos políticos, patenteavam a instabilidade do sistema da ordem ao mesmo tempo em que a agravavam. Por certo que não se desejava infiltrar aqui a justificação das várias concepções golpistas e aventureiras que se fizeram presentes no pré-64. Muito ao contrário, entende-se que, apesar de tudo, o jogo político liberal de 1946 era algo a ser conservado com todos os custos, mas essa é uma outra história, com personagens de carne e osso, que só irão aparecer poucas páginas adiante, no fim dessa apresentação.

Hoje, nessa hora parda de transição para a democracia, defrontamo-nos com problemas semelhantes aos de 45. Ao longo dessas últimas décadas, o americanismo vingou. Sub-sistema setores burgueses tradicionais e pré-capitalistas, de reduzida significação econômica mas com expressivo peso político. Vide a intrigante participação do Piauí. Ajustadas as contas com o regime autoritário, que liberalismo sobreviverá?

A resolução do enigma aguarda a forma com que o grande capital — caso siga dirigindo, como está, as condições do trânsito para o liberalismo político — se situará diante das frações burguesas recessivas e caudatárias. E também de como se posicionará face à questão social — o urbano, a saúde, a educação, e sobretudo o tema crítico da liberdade de movimentos da classe operária, dos assalariados urbanos e rurais, e do campesinato.

Rebaixando-se persistentemente o grau de coerção, tendência hoje estabelecida, não haverá ordem duradoura e estável que possa conviver com as desigualdades sociais existentes e com as formas perversas e autoritárias de controle das classes subalternas. O documento dos "oito empresários" reconhece a necessidade de um aggiornamento do capitalismo brasileiro ao tema social e à questão democrática. É alguma coisa, mas não é tudo.

Vários indicadores atestam que o projeto de liberalização do grande capital pretende palmilhar o surrado caminho da excludência política das classes subalternas. O tratamento inédito, ora em curso, parece se aplicar numa intempestiva conversão do sindicalismo ao sistema de valores liberais de pauta economicista. Tem-se como objetivo a diáspora operária, a perda da sua unidade e a criação de sindicatos incapazes de reparar em algo que não seus próprios umbigos. O passo final para a abertura estaria a depender do êxito desse sediço apostolado liberal, privando-se a classe operária da sua cidadania.

Em que pese a possibilidade de tal ou qual fração do movimento sindical se deixar levar por esse canto de sereia, consiste em mero exercício da razão utópica burguesa pensar em realizar, no Brasil contemporâneo, a fórmula americana de hegemonia. É bom lembrar que o voluntarísmo em política não se constitui em deformação monopolizada pela esquerda. Convivemos, com uma intensidade que os italianos, os franceses, os portugueses e os espanhóis jamais conheceram, com uma problemática "nacional" cuja materialidade, em longa tradição, se faz garantir pelo fato de ser sustentada por segmentos da corporação militar. Há o problema da terra, e esse caldo de cultura já de si explosivo se precipita numa sociedade onde se manifestam as complexas contradições próprias ao capitalismo moderno.

Administrar os conflitos daí resultantes, nem sempre unidirecionados, freqüentemente cruzados, por meio de instituições carentes de plasticidade, supõe que se deseja sentar sobre um vulcão. A estabilidade da democracia se associa à sua capacidade não só de formular o consenso, como de formar canais legítimos para o dissenso social. A noção de instituições democráticas estáveis não traz consigo a eliminação do seu reverso — a instabilidade. Ao contrário, viabiliza a expressão do que é diverso, discordante. Quanto mais flexível na negociação das divergências, mais consciente delas, mais apta a regular e presidir a concorrência entre projetos alternativos de sociedade, maior sua solidez.

A Teresinha da ópera do Chico aparenta maturidade e domínio de si para enfrentar riscos e situações ainda não vividos, impondo ao seu pai e ao marido novos padrões de conduta. Nos idos de 40, não se podia dizer o mesmo das moças que trabalhavam com o sr. Duran — mas serão as mesmas hoje? Quanto ao malandro da canção final — e pur si muove —, por formação e tradição aprendeu que conversa é trabalho, não é coisa de se jogar fora. Está aí, somos modernos, e agora?

Luiz Werneck Vianna
A "Ópera do Malandro" estreou no Teatro Ginástico, Rio de Janeiro, em julho de 1978, com o seguinte elenco:
O produtor ...... Ary Fontoura
A Patronesse..... Maria Alice Vergueiro
João Alegre ...... Nadinho da Ilha
Duran .... Ary Fontoura
Vitória .... Maria Alice Vergueiro
Teresinha .... Marieta Severo
Max .... Otávio Augusto
Chaves .... Tony Ferreira
Lúcia .... Elba Ramalho
Geni .... Emiliano Queirós
Dóris Pelanca.......... Uva Nino
Barrabás :......... Ivens Godinho
Fichinha........... Cidinha Milan
Johnny Walker . . Vander de Castro
Dorinha Tubão . . . Elza de Andrade
Phillip Morris ... Paschoal Villamboim
Shirley Paquete ..... Neuza Borges
Big Ben......... Ivan de Almeida
Jussara Pé de Anjo . .. Maria Alves
General Electric . . Vicente Barcelos
Mimi Bibelô...... Cláudia Jiménez
O Juiz .... Cléber Thomaz
Jarbas .... Genival Calixto
Bonifácio .... Vera Cruz

Direção: Luís Antônio Martinez Corrêa
Assistência de Direção: João Carlos Motta
Cenografia & Figurinos: Maurício Sette
Assistência Figurinos: Rita Murtinho
Direção Musical: John Neschling
Assistência de Direção musical: Paulo Sauer
Arranjos: John Neschling & Paulo Sauer
Direção Vocal Interpretativa: Glorinha Beutenmüller
Direção Corporal: Fernando Pinto
Iluminação: Jorge Carvalho
Programa: Maurício Arraes

NOTA

O texto da "Ópera do Malandro" ê baseado na "Ópera dos Mendigos" (1728), de John Gay, e na "Ópera dos Três Vinténs" (1928), de Bertolt Brecht e Kurt Weill. O trabalho partiu de uma análise dessas duas peças conduzida por Luís Antônio Martinez Corrêa e que contou com a colaboração de Maurício Sette, Marieta Severo, Rita Murtinho, Carlos Gregório e, posteriormente, Maurício Arraes. A

equipe também cooperou na realização do texto final através de leituras, críticas e sugestões. Nessa etapa do trabalho, muito nos valeram os filmes "Ópera dos Três Vinténs", de Pabst, e "Getúlio Vargas", de Ana Carolina, os estudos de Bernard Dort ("O Teatro e Sua Realidade"), as memórias de Madame Satã, bem como a amizade e o testemunho de Grande Otelo. Contamos ainda com a orientação do prof. Manoel Maurício de Albuquerque para uma melhor percepção dos diferentes momentos históricos em que se passam as três "óperas". E o prof. Luiz Werneck Vianna contribuiu com observações muito esclarecedoras.
Esta peça é dedicada à lembrança de Paulo Pontes.

Chico Buarque Rio, junho de 1978
INTRODUÇÂO

Luz no produtor, de smoking, à frente da cortina fechada

PRODUTOR

Prezados espectadores, boa noite. Alguém já disse que, quando o artista sente a necessidade de explicar sua arte ao público, um dos dois é burro. É excusado dizer que não pretendemos arremessar semelhante adjetivo sobre a distinta platéia. Quanto a nós, mesmo correndo o risco de endossar tal qualificação, achamos por bem dirigir-lhes umas palavrinhas à guisa de introdução. Eu pessoalmente, como produtor deste espetáculo, devo dizer que ele representa uma nova vereda para a nossa companhia teatral. Acredito que é tempo de abrirmos os olhos para a realidade que nos cerca, que nos toca tão de perto e que às vezes relutamos em reconhecer. E a nossa companhia chegou à conclusão que é chegada a hora e a vez do autor nacional, esse profissional sempre às voltas com intrincados problemas que o impedem de se comunicar mais amiúde com seus conterrâneos e, não raro, de viver dignamente do ofício que um dia resolveu abraçar. Pois bem. Após longa e persistente pesquisa, logramos encontrar uma peça de autor ainda inédito em nossos palcos mas que goza de palpável prestígio nas chamadas rodas de malandragem da noite carioca. E estou certo de que não há desdouro algum para o curriculum da companhia que aqui represento em montar esta "Ópera do Malandro", cujo autor eu gostaria de chamar neste momento ao palco. Com vocês, João Alegre! (João Alegre entra no palco vestido de malandro carioca) Boa noite, João! Devo dizer que Alegre abriu mão dos direitos autorais relativos ao espetáculo desta noite, permitindo que a bilheteria revertesse integralmente para as obras caritativas da Morada da Mãe Solteira que, como todos sabemos, é uma organização que vem prestando inestimáveis serviços à nossa sociedade. E neste instante eu tenho o prazer de chamar ao palco a presidente da Morada da Mãe Solteira, sra. Vitória Fernandes de Duran... Onde está dona Vitória? Ah, sim, lá vem vindo ela... Os senhores que contribuíram para o brilho desta noitada beneficente certamente conhecem as muitas virtudes da senhora Vitória. . . Boa noite, dona Vitória! (Puxa aplausos)

VITÓRIA

Muitíssimo obrigada! Saibam todos que o orgulho é todo meu em ter esta chance de vincular o nome da Morada da Mãe Solteira ao de uma companhia que só tem feito abrilhantar o Teatro com "T" maiúsculo em nosso país e no exterior!

PRODUTOR

O que o público provavelmente não conhece é o talento dramático de dona Vitória. Sim senhores! Tenho o gosto de anunciar que nesta noite tão especial o nosso elenco contará com a generosa participação da própria senhora Vitória Fernandes de Duran! Em pessoa e ao vivo! (Black-out)

PRÓLOGO

A cortina permanece fechada; luz em João Alegre que batuca numa caixinha de fósforos; a orquestra entra aos poucos

João Alegre canta "O Malandro"

O malandro / Na dureza
Senta à mesa / Do café
Bebe um gole / De cachaça
Acha graça / E dá no pé
O garçom no / Prejuízo
Sem sorriso / Sem freguês
De passagem / Pela caixa
Dâ uma baixa / No português
O galego / Acha estranho
Que o seu ganho / Tá um horror
Pega o lápis / Soma os canos
Passa os danos / Pro distribuidor
Mas o frete / Vê que ao todo
Há engodo / Nos papéis
E pra cima / Do alambique
Dá um trambique / De cem mil réis
O mineiro / Nessa luta
Grita puta / Que o pariu
Não é idiota / Trunca a nota
Lesa o Banco / Do Brasil
Nosso banco/Tá cotado
No mercado/Exterior
Então taxa/A cachaça
A um preço/Assustador
Mas os ianques/Com seus tanques
Têm bem mais o/Que fazer
E proíbem /Os soldados
Aliados/De beber
A cachaça/Tá parada
Rejeitada/No barril
O alambique/Tem chilique
Contra o Banco/Do Brasil
O usineiro/Faz barulho
Com orgulho/De produtor
Mas a sua/Raiva cega

Descarrega/No carregador
Este chega/Pro galego
Nega arreglo/Cobra mais
A cachaça /Tá de graça
Mas o frete/Como é que faz?
O galego/Tá apertado
Pro seu lado /Não tá bom
Então deixa/Congelada
A mesada/Do garçom
O garçom vê/Um malandro
Sai gritando/Pega ladrão
E o malandro/Autuado
É julgado e condenado culpado
Pela situação

Breque na orquestra; black-out

ESTADOS
10
DEZ
VALOR

CENA 1

Casa de Duran; misto de sala de estar, escritório e bazar; Duran está sentado à escrivaninha e fala ao telefone.

DURAN

É isso mesmo, tem que dar um basta nessa malandragem! No dia em que todo brasileiro trabalhar o que eu trabalho, acaba a miséria. Mas viu, Chaves, eu tô te ligando pra lembrar que amanhã é o último dia do mês. . . É, inspetor, a dívida tá em trinta contos e no dia primeiro passa a trinta e três. Hein? Tem nada demais, dez por cento ao mês. A inflação tá galopando aí fora... Abatimento? Sei. Bem, eu vou examinar com a maior boa vontade. . . Oliveira, Oliveira. . . Cremilda Pacheco de Oliveira? Celina, Conceição, Cremilda, é minha sim. . . Vulga Marli Sodoma, quarenta e um aninhos, hummmm. . . Atentado ao pudor, é? Olha, inspetor, sinceramente, eu não sei o que é que essa senhora ainda está fazendo aqui no meu fichário. O quê? Não, não me interessa. A imagem da minha empresa não pode ficar comprometida por causa duma Marli Sodoma! Não, já decidi. Nem por três vinténs. Aciona aí a Operação Faxina, tá bom? O quê? Mudou, é? Ha ha, essa é boa. Operação Detergente, como é que é mesmo? Sei. . . Elimina a gordura sem deixar vestígio? Ha ha ha, formidável, essa agora. . . Sim. Garcia? Maria de Jesus Garcia, tá aqui na mão. . . Ah, claro, é a Jussara Pé de Anjo. O que há com ela? Suadouro, é? Sei, sei. . . É, pois é, ela é violenta mesmo. E um touro! E se você não se cuidar ela destrói a tua delegacia. (Toca a campainha) Pode entrar! Mas olha, solta a Jussara, tá? No fundo ela é boa moça. Trabalha direitinho, trabalha, tem muito cliente que aprecia o jeitão dela. E ela ainda me dá uma mãozinha como leoa-de-chácara. O quê? Duzentos mil-réis? Tá louco, ô Chaves! Não é me extorquindo desse jeito que você vai abater a dívida, não. Cento e cinqüenta e olhe lá. (Toca a campainha) Pode entrar! Mais quinhentos mil-réis do quê? Que debutante? Não, hoje não chegou aqui nenhuma debutante. Aliás, a última mocinha que você teve a audácia de me recomendar, eu recusei. É, tava estragada. Pois é. Tem nada de quinhentos mil-réis. Essas tuas debutantes, de agora em diante, eu só recebo em consignação. (Toca a campainha) Eu vou ter que desligar, Chaves, a gente se fala depois. (Toca a campainha; Duran desliga o telefone e berra) Entra, porra! (O sininho toca novamente; Duran levanta-se e vai até a porta, que é uma porta giratória; sai por ela e volta empurrando uma jovem de aparência lamentável, muito magra e com a roupa esfarrapada) Não sabe ler, não? Não viu a placa escrito: entre sem bater?

FICHINHA

Não sei ler, não senhor. . .

DURAN

Ahn. . . Mas não me ouviu ali aos berros? Tá surda ou não limpou o ouvido

hoje?

FICHINHA

Acho que tô meio surda, sim senhor.. . Mas me mandaram vir assim mesmo procurar o "seu" Durão.

DURAN

Durão, não. Duran! Fernandes de Duran! Quem foi que te mandou aqui, mulher?

FICHINHA

Foi na cadeia, sim senhor. Disseram pra vir na Rua das Marrecas 32, Agência de Empregos "A Brasileira"... "Seu" Durão é o senhor?

DURAN

Duran! Duran! E o seu nome, qual é?

FICHINHA

Raimunda Dias. Mas me chamam de Fichinha, sim senhor.

DURAN

Fichinha, é?

FICHINHA

Fichinha, sim senhor.

DURAN

E o que é que você foi fazer na cadeia, meu bem? Compras?

FICHINHA

"Seu" Durão, eu não sei por que é que me levaram pra lá, não. Eu não conheço a cidade, sabe? Eu sou do Norte. Eu nem queria descer pro Rio, não senhor. Eu tinha um namorado lá na Paraíba, um noivo, tinha até casamento marcado, aí, sabe como é, o noivo se precipitou, fez isso e aquilo, depois se alistou na FEB e me deixou sozinha. Aí minha família disse que eu não podia ficar mais lá assim toda desonrada do jeito que fiquei. . .

DURAN

Aí a coitada tomou um gaiola e veio procurar emprego no Sul, mas não conseguiu porque as pessoas só querem se aproveitar dela porque ela tá só e desprotegida e assim desprotegida ficou no meio-fio esperando condução ali pertinho da Praça Mauá, rodando a bolsa por causa dos mosquitos, quando passou o tintureiro e carregou com ela pro distrito, onde a inocente foi fichada como vadia, vagabunda e puta. . .

FICHINHA

Não senhor, fui fichada como comunista. Porque tava muito mal vestida pra

ser puta, foi o que eles disseram lá. E na confusão da tal da triagem me jogaram numa cela cheia duns sujeitos tudo de bigodinho e que ficavam gritando um negócio chamado anauê dentro do meu ouvido. Passei uma semana com eles berrando esse anauê e acho que daí é que fiquei meio surda e fui ficando louca e comecei a gritar também, com toda a força dos meus bofes, comecei a gritar que não era nada daquilo que eles pensavam, que eu não era comunista nem anauê, que eu era presa comum, queria tratamento de presa comum, e que eu era vadia, vagabunda e puta e que o Nordeste inteiro já me comeu, até o padre, até o baitolo, até o boi do bumba-meu-boi e é por isso que me chamam de Fichinha... (Chora convulsivamente)

DURAN

Puta, é?

FICHINHA

Puta, é sim senhor.

DURAN

E pratica há quantos anos?

FICHINHA

Faz uns sete anos, sim senhor.

DURAN

Doenças?

FICHINHA

Umas dezoito ou dezenove, não lembro direito. . .

DURAN

Cancro mole, mula, sífilis, blenorragia. . .

FICHINHA

Sei não senhor. . . Tive todas essas doenças da vida, mas não sei o sobrenome delas não. . .

DURAN

É, o que se há de fazer. As mulheres são engraçadas. Enquanto estão gozando saúde, a carne rija, a pele macia, tudo no lugar, elas ficam se entregando a qualquer um, no mato, atrás do tanque, de pé no banheiro, ficam se entregando a troco de nada, a troco duma goiaba, como se aquele corpo não valesse um tostão. Depois que elas começam a desmanchar, a cara cheia de pereba, muita celulite, pelanca abanando, cheirando mal, tudo podre e inflamado por dentro, aí é que elas se lembram de cobrar por esse corpo. . . É, infelizmente, minha cara Fichinha, eu já estou com os quadros completos. São mil quatrocentas e trinta e duas funcionárias com carteira assinada, salário-mínimo, assistência médica e oito horas de trabalho. É, infelizmente. . . Quantos anos você tem?

FICHINHA

Dezessete, sim senhor.. .

DURAN

Dá uma voltinha aí.

FICHINHA

Dou, sim senhor.

DURAN

Olha, Fichinha, eu sei que vou fazer asneira, mas o teu caso me comoveu. O que tem chegado de conterrânea tua ultimamente, não é brincadeira. E eu vou admitindo, até por uma questão de patriotismo. Tô dispensando as polacas que são ótimas, são saudáveis, mas andam mal acostumadas e fazem exigências absurdas. . . É, acho que vou te admitir como estagiária.

FICHINHA

Como é?

DURAN

Estagiária. Você faz um teste, trabalha umas noites e, se aprovar, passa a funcionária efetiva. Mas primeiro tem que pagar a taxa de inscrição.

FICHINHA

Pagar? Eu não tenho nada. Me levaram até a bolsa...

DURAN

Bem, assim também fica impraticável. Eu tô querendo ajudar, mas assim. . . Você tem que fazer uns exames, tem que fazer tratamento nessa boca, enfim, só pra começar precisa importar um caixote de penicilina. E quem vai pagar? Tem graça. . . Ora. . . Vá lá, vá lá. Vou te dar um salvo-conduto provisório pra entrar na ronda. Sobre cada dez mil-réis que você receber, a agência cobra cinco de comissão, certo?

FICHINHA

Certo, sim senhor.

DURAN

E mais dez por cento pelos acessórios.

FICHINHA

Acessórios?

DURAN

Claro, minha filha. Ou você pensa que vai arranjar homem com essa carcaça que o diabo lhe deu? Precisa dar um toque aqui, um retoque ali, umas

proeminências, umas protuberâncias, um não-sei- quê que satisfaça as taras dos homens. Porque o sujeito que tá cansado do trabalho, cansado de voltar pra casa, cansado do arroz, do feijão, com o saco cheio da mulher, querendo esganar os filhos, você acha que esse sujeito vai parar na zona a fim de quê? De fazer papai e mamãe? Ora, pombas! É por isso que o meu ofício está cada dia mais ingrato. E ao mesmo tempo mais fascinante, por- que tem que estar sempre criando um novo apelo que desperte o sexo exausto da humanidade! (Abre uma cortina mostrando uma vitrine repleta de objetos) Seios de paina, bunda de borracha, bota de sargento, avental de babá, hormônio, foliculina, gumex, pomada japonesa, vibradores, consoladores, chicotes, diafragmas laminados, isto é ciência! E as minhas funcionárias entram com a arte! (Grita) Vitória! Vitória! Venha ensinar a arte a esta jovem!

VITÓRIA (Descendo as escadas com passo firme)
Que isso? Esmola outra vez? Isso já está virando um abuso, já é debochar da caridade cristã! Por onde foi que você entrou? Vai, vai, vai, passa lá na cozinha e pega um naco de pão. Se a gente dá dinheiro, vai tudo pra cachaça.

DURAN
Não, Vitória, calma. . .

VITÓRIA
É sim, se fosse pra comer eu dava. A gente tem coração e não sabe negar esmola. Domingo passado, na saída da missa, eu dei cinco tostões prum desgraçado que estava estrebuchando na sarjeta. Na mesma hora o homem ficou bom e correu pro botequim. É cachaça e jogo do bicho, gente ignorante! Sai, sai, sai, eu não dou mais um tostão!

DURAN
Vitória, deixa eu falar.

VITÓRIA
Pois fala, que é que tá esperando?

DURAN
Não é mendiga não...

VITÓRIA
Ah, é a arrumadeira? Trouxe referências? Não? Sem referências eu não aceito mais não. A última que empreguei, se lembra, Duran, foi roubando um garfo, foi surrupiando uma colher, quando fui ver tinha sumido um faqueiro completo de prata. Tem namorado, moça? Com namorado então, nem se fala! A gente é compreensiva, dá um pouco de confiança, a empregada aproveita e passa o dia no portão. . . E o suflê pegandofogo dentro do forno. É por isso que não pára empregada na minha casa.

DURAN

Essa é Fichinha, Vitória. Funcionária nova.

VITÓRIA

Funcionária de quem?

DURAN

Vai estagiar na butique dos Arcos.

VITÓRIA

Você ficou maluco, Duran? Tá doente? Botar essa mulher pra trabalhar na butique? Quer dizer, mulher é força de expressão. Isso aí é um equívoco. Isso é um aleijão! Não, não, não eu não posso acreditar.

DURAN

Vitória, eu tenho que trabalhar. Vê aí os acessórios pra ela.

VITÓRIA

Mas isso é um absurdo! Brincadeira de mau gosto... Você vai ver só. Vem cá, moça. . . (Leva Fichinha para trás de um biombo) Vamos tentar o impossível. (Alto) Ih, Duran, essa mulher pelada tá pior do que antes! Encolhe essa barriga d'água, vamos. Barriga. . . Isto é uma moringa cheia de ameba. (Alto) Que comissão você tratou, Duran?

DURAN

A de sempre, cinqüenta por cento.

VITÓRIA

Cinqüenta por cento? Mas isso é comissão de catarina, loura e de olhos azuis. Não, mocinha, se você quer trabalhar pra gente tem que pagar sessenta, certo?

FICHINHA

Tá certo, sim senhora.

VITÓRIA

Não dá, não dá, isto é uma desgraça. Vê lá se isto é bunda que se apresente. Esta vala nunca foi bunda, nem aqui nem no Nordeste. É, você me desculpe mas não vai dar pra garantir salário-mínimo. Só de enchimento postiço, pintura, proteína, você vai me consumir uma barbaridade! Olha, além dos sessenta tem quinze por cento de acessório, tá?

DURAN

Cadê a tua filha, Vitória?

VITÓRIA

Teresinha ainda deve estar sonhando com os querubins! Aliás, nem sei a que horas ela chegou esta noite. Só sei que o capitão ficou de levar ela ao Cassino da Urca, olha só. . .

DURAN

Capitão? Que capitão?

VITÓRIA

Ora, Dudu, eu já lhe falei do capitão. Ele tem saído muito com a Teresinha ultimamente.

DURAN

Não é aquele bêbado. . .

VITÓRIA
Que nada, Dudu, como você tá desatualizado! O capitão é da pontinha! Parece mesmo um cavalheiro de tradição, família e quiçá propriedades em Petrópolis. Sempre tão elegante, usa luvas de vidro.

DURAN
E não se corta? Um aperto de mão mais violento e deve voar caco pra tudo quanto é lado. Ha ha ha. . .

VITÓRIA
Que ignorância, Duran! Não sabe que luva de vidro é como a gente chama essas luvas daquele tecido novo, importado, como é que é mesmo? É náilon, isso, luvas de náilon, náilon autêntico, importado dos Estados Unidos.

DURAN
Esse capitão é viajado, é?

VITÓRIA
E não! Só dá gorjeta em dólares. Está vendo esse rapé? É da Bolívia. Ele que mandou pra mim, pela Teresinha. Olha, eu não quero tomar partido não, mas pelos agrados que vem fazendo, sei não, acho que o capitão está mesmo bem intencionado.

DURAN
O que você quer dizer com bem intencionado?

VITÓRIA
E se eu conheço alguma coisa do pensamento feminino, a tua filha também tá bem intencionada pra chuchu.

DURAN
Espera aí, Vitória. Você tá falando de caso ou casamento?

VITÓRIA
E por que não casamento? Tua filha já completou vinte e três anos, você sabia?

DURAN
Vitória Regia! A tua filha é uma galinha! Atraca aí um marinheiro de merda e, só porque sabe falar alô, OK e good night my boy, já fica a putinha achando que topou com o Rockefeller. E a vaca velha por trás, só incentivando.

VITÓRIA
Você é bem grosso, hein? Se há uma coisa no mundo de que você não pode me acusar é de saber pouco de homem. Certo, me enganei uma vez e de

maneira fatal. Com você!

DURAN

Escuta, Vitória, eu dou toda a independência à tua filha. Ela tem até entrada independente pra ir e vir com quem quiser. Mas daí a casar vai um passo multo grande. Já mexe com a minha vida! Interfere no meu patrimônio!

VITÓRIA

Mas, Dudu, é inevitável que ela se case um dia, que tenha filhos, um lar, tudo isso que faz uma mulher se sentir realizada. Assim como eu. . .

DURAN

Teresinha é o nosso maior investimento, Vitória! Ninguém aqui criou essa menina pra mulher de malandro não! O que a gente aplicou nela, é pra futura mulher de ministro de Estado, pelo menos. E quando ela arrumar um ministro de Estado, que o traga pela porta da frente e me apresente a ele, entendido?

VITÓRIA

Te apresenta como, se você nem fala com ela?

DURAN

Eu? Ela é que não fala comigo.

VITÓRIA

Vocês dois são tão parecidos! Tão cabeçudos!

DURAN

Ela não sabe se valorizar. Se tivesse um mínimo de tino comercial, saberia que cinqüenta quilos de carne não se dão assim pra qualquer um comer de graça não. Ah, se eu tivesse o corpo dela!

VITÓRIA

Você tá subestimando a cabecinha da tua filha, Dudu. Eu que falo com ela, e muito, sei que ela não há de aceitar proposta de casamento sem estar muito bem coberta. Aliás, ela gosta muito de imitar essas moças de sociedade que saem no jornal de domingo. Teresinha gosta de levar vantagem em tudo. Já disse e repito, Duran: ela é a tua cara!

DURAN

Queria acreditar nisso, Vitória, mas eu tenho medo. Em nossa família não pode caber um sanguessuga.

VITÓRIA

Pode deixar que ela não vai prejudicar a gente. Eu ponho a mão no fogo pela honestidade da minha filha.

Fichinha sai de trás do biombo, irreconhecível

FICHINHA

Licença. . .

VITÓRIA

Olha só, Duran! E não é que você tinha vazão?

DURAN

Mas é claro, mulher! Quando é que você vai parar de duvidar dos meus milagres? Fichinha, você está uma tetéia! Agora dona Vitória vai-lhe ensinar como é que se faz pra viver do amor.

Vitória canta "Viver do Amor"

Pra se viver do amor
Há que esquecer o amor
Há que se amar
Sem amar
Sem prazer
E com despertador
— como um funcionário
Há que penar no amor
Pra se ganhar no amor
Há que apanhar
E sangrar
E suar
Como um trabalhador
Ai, o amor
Jamais foi um sonho
O amor, eu bem sei
Já provei
E é um veneno medonho
É por isso que se há de entender
Que o amor não é um ócio
E compreender
Que o amor não ê um vício
O amor ê sacrifício
O amor é sacerdócio
Amar
É iluminar a dor
— como um missionário

VITÓRIA

Vai, minha filha. Deus te abençoe.

A orquestra silencia; Fichinha sai pela porta giratória, volta, sai; volta, sai e na terceira volta quem entra é Genival, ou Geni, com uma chapeleira

GENI

Olá, todo mundo. Vitória, meu anjo, arranja um conhaque rápido senão eu tenho uma síncope. (Atira-se numa poltrona)

DURAN

Que houve, rapaz? Apanhou dum taifeiro?

VITÓRIA

Nossa, Genival, como você está pálido! Tá com cada olheira. . . (Vai buscar a garrafa)

GENI

É, devo estar mesmo um bofe! Imagina que nos bons tempos eu levava quatro, cinco noites de enfiada com os marujos na maior disposição. Agora que tô pra lá de balzaqueana, basta uma noite em claro pra me deixar podre e bolorenta.

VITÓRIA

Mas por dentro você deve estar uma bela viola. Eu sei como essas aventuras rejuvenescem o espírito.

GENI

Que aventura nada. Foi só uma festinha que o Max organizou.

DURAN

Continua cumpincha daquele safado, é?

VITÓRIA

Ih, Genival, me contaram que esse Max é um cafajeste!

GENI

Que nada, inveja do povo! Não é por ele ser meu patrão, mas se vocês conhecessem pessoalmente o Max, tenho certeza que ficariam cativados. Se vocês quiserem, eu posso trazer ele aqui dia desses. . .

VITÓRIA

Deus me livre e guarde, Genival!

DURAN

Um fora-da-lei não põe os pés nesta casa!

VITÓRIA

Me disseram até que ele é ateu e materialista!

GENI

Não sei, Vitória, mas é graças a ele que você pode andar assim cheirosa. . . (Abre a chapeleira) Olha, falando nisso o teu Aimant de Coty continua em falta. . .

Deve ser por causa dessa porcaria de guerra. O Max disse que os alemães ocuparam as fábricas de perfume francês e agora só vão produzir ácidos e gases venenosos.

DURAN

Esse teu patrão deve estar adorando a guerra. Pra quem vive do câmbio negro, nada como um black-out.

GENI

É, mas eu continuo achando uma bosta, essa guerra. Um fedor! Se eu fosse presidente, os meus soldadinhos iam pra guerra cheirando a jasmim.

VITÓRIA

O que é que você tem aí?

GENI

Olha, isto aqui o Max conseguiu por milagre. É o que há de melhor, o dernier cri. Fica um pouquinho mais caro mas vale a pena. Chama-se Shalimar. Lembra muito o Aimant, também é à base de sândalo. . . Ah, Duran, eu quase ia esquecendo. A farra de ontem foi num dos teus puteiros, lá na Mem de Sá.

DURAN

Ah, é? Pelo menos o teu Max deve ter garantido um bom movimento, pra quarta-feira de chuva. A Dorinha Tubão já deve estar chegando com o borderô. . .

GENI

Gostou do buquê, Vitória? Não é especial? Fica com os três frasquinhos que eu faço um desconto. Deixo por oitocentos. . .

DURAN

Oitocentos mil-réis de perfumaria? Isso é um assalto!

GENI

Bem, Vitória, se ele não quer pagar, paciência. Você pode comprar dessas lavandas nacionais que estão fabricando aí. Mas depois não vá reclamar, se ficar cheirando igual a sovaco de estivador.

VITÓRIA

Dudu...

DURAN (Paga)

Toma, ladrão.

GENI (Recebe)

Duran, você tá falando no borderô do bordel e eu acho melhor se prevenir logo pra não esperar grande coisa. O Max nunca pagou uma puta na vida dele. Tem é muita puta que paga pra dormir com ele.

DURAN

Você quer dizer que esse vigarista fechou minha butique, comeu minhas balconistas e ainda deu o beiço?

GENI

Não, ele não. O Max só entrou de patrocinador e saiu cedo. Depois que ele saiu é que começou o melhor. Começou um quebra-quebra que não sei se sobrou alguma coisa em pé no teu puteiro.

DURAN

O quê? Mas isso é provocação!

VITÓRIA

É alta sabotagem!

GENI

Eu não quero desanimar ninguém não, mas tenho a impressão que vai precisar fechar aquele puteiro pra reformas.

VITÓRIA

E muito me admira que você, Genival, tenha participado dum vandalismo desses! E depois ainda tem o desplante de me vender perfume. Cínico!

GENI

Vitória, eu sou tua amiga mas não sou tua empregada. O meu patrão é o Max e o que ele ordena eu obedeço. Ontem a ordem era comemorar e a turma dele, que já não é das mais raffinées, comemorou mesmo!

DURAN

Comemorou o quê? Só se for a minha falência. Até logo, Vitória, eu vou à butique ver o estrago. . .

GENI

Comemoramos a despedida de solteiro do Max, ora.

VITÓRIA

Despedida de solteiro?

GENI

Ué, vocês não sabiam? Que horas são? Ah, a esta altura o Max já é um homem casado.

DURAN

Não acredito.

GENI

Pois é, foi uma decisão repentina. Ninguém esperava mesmo...

DURAN
Max? Max casado? Bem, talvez isso seja uma boa notícia, afinal. Quem sabe se agora ele toma jeito e deixa de se meter com as minhas mulheres.

VITÓRIA
Duvido e faço pouco. Esse tipo de homem não se satifaz com uma só mulher. Oh, eu só fico pensando é no destino da coitada que foi parar nas mãos desse bandido.

DURAN
Que coitada o quê! Deve ser uma putinha!

VITÓRIA
A família dessa moça, então, nem quero pensar na desgraça que se abateu sobre esse lar. Calcule o que não deve estar padecendo a mãe dessa moça.

DURAN
Deve ser uma putona, a mãe dessa moça. Pai, então, ela nunca ouviu falar. Deve ser gentinha que vive nos mesmos buracos que o Max freqüenta. Não é, Genival?

GENI
Olha, eu não conheço a moça, mas parece que ela é louça fina. O Max nunca levou ela a puteiro não. Ontem mesmo ele saiu de lá às oito e meia pra encontrar a noiva. Ia levar ela pra ver o Grande Otelo no Cassino da Urca.

VITÓRIA
Aonde?

GENI
Pois é, no Cassino da Urca, olha que chique. Parece até que ela é uma jovem muito simpática, culta, prendada. .. E rica, é claro. Diz que a família dela tem muito dinheiro.

DURAN
Café?

GENI
Não, parece que é gado. Os negócios da família dela, eu não entendo não, parece que são uns comércios meio atrapalhados... Os pais dela moram por aqui mesmo, na Lapa, que é onde eles têm esses comércios.

DURAN
Gado? Na Lapa? Então tá explicado! Essa mocinha fina é filha dum açougueiro.

GENI

Não é açougueiro não. Diz que ele trabalha com carne viva. Mas apesar disso, apesar dos pais serem bem ordinários, diz que a filha saiu diferente e que foi muito bem educada.

VITÓRIA

Quantos anos?

GENI

Uns vinte e poucos. . . Deve regular com a tua filha, Vitória. Por sinal, eu trouxe aqui um anel que deve ficar um amor no dedo duma mocinha. Olha só, Vitória, pura platina, com um big diamante da índia. . .

VITÓRIA

Diz logo o nome, Genival!

GENI

O nome? Solitário, esse brilhante é um solitário. Pra você eu faço um precinho camarada: três contos.

VITÓRIA

O nome da noiva, Geni!

GENI

Ah, o nome da noiva. . . Como é mesmo o nome da noiva? Ah, já sei! O nome da noiva é Teresinha Fernandes de Duran. (Duran e Vitória ficam paralisados) Engraçado, né? Que coincidência. Eu nem tinha notado. .. Com esse sobrenome, será que a moça não é parenta de vocês?

Vitória berra e desmaia para cima de Duran que, no entanto, não ampara o corpo; sobe as escadas correndo e solta um urro

DURAN

Vitória, a cama da tua filha está intata! A vaquinha não dormiu em casa esta noite!

GENI

Acho que a Vitória morreu. Tá tão quietinha. . .

DURAN (Desce)

Tem um porta-pó aí na mesa. Dá rapé pra ela cheirar, que ela entrou em estado depressivo. Dá logo duas porções pra ela superar a crise. Ah, o capitão! O gentleman! O cavalheiro das luvas de vidro! É o filho da puta do capitão Max! Esse cangaceiro é capaz de dissipar minha fortuna numa noite de roleta. E ainda joga a minha filha na mesa de bacará!

VITÓRIA (Levanta-se)

Duran, o nosso nome está manchado. Uma vida inteira construindo uma reputação de dignidade e decoro, e da noite pro dia cai tudo por água abaixo! Agora é que a sociedade não nos recebe mesmo. O meu nome nunca vai sair na coluna do Jacinto de Thormes! Imagine! Luxuoso cocktail na casa da sogra do muambeiro. . . E eu que sonhava um dia entrar pra sócia do Country Club, agora sou capaz de levar bola preta no Bangu! Vou ser barrada até em porta de gafieira. Confeitaria Colombo, então, posso riscar da agenda. . . Que desgraça! Ah, não! Eu não vou permitir que façam isso comigo! Eu vou ao Papa! Vou conseguir a anulação desse casamento!

DURAN

Também não delira, Vitória. . .

VITÓRIA

Vou mesmo! Embarco no primeiro aeroplano! Outro dia li no Cruzeiro que o filho dum conde italiano anulou o casamento lá no Vaticano porque a noiva tinha bigode.

DURAN

Vitória, a gente está diante dum fato consumado. . .

GENI

Eu sinto muito ter dado a má notícia, Vitória. Mas já que a sua filha casou mesmo, você não vai dar um presentinho? Se eu abater pra dois contos, você fica com o solitário?

DURAN

Ô, Genival, enfia esse solitário. . .

GENI

Tá bem, tá bem, vou embora. Quero ver se ainda pego a fila dos cumprimentos. (Sai)

DURAN .

Vitória, vamos pensar nós dois juntos, com a cabeça fria. . .

VITÓRIA

Cabeça fria. . . Eu não consigo pensar! Eu me recuso a pensar! Só fico vendo como é inútil a gente tentar ser honesta neste mundo, Duran. Adiantou alguma coisa ser cidadão exemplar? Adiantou ser rotariano, adiantou? Ah, eu quero que esse homem morra! Quero ver o corpo desse homem crivado de chumbo, num barranco do rio da Guarda!

DURAN

O que é que você disse, Vitória?

VITÓRIA

Isso mesmo. Cheio de urubu disputando as tripas dele!

DURAN

Vitória, você disse tudo! Vou ter uma conversinha já já com o inspetor Chaves. Ele tá me devendo as calças e chegou a hora de acertar as contas.

Black-out; orquestra ataca um breve interlúdio.

CENA 2

Esconderijo de Max; o ambiente ê rústico, quase uma cabana de pescadores; o espaço está tomado por uma montanha de caixotes e embrulhos revirados e semi-abertos; os homens de Max estão enfiados nessa montanha, procurando algo; a exceção é Barrabás que, sentado num caixote e mascando chicletes, segue Teresinha com os olhos

TERESINHA

Puxa, Max, o teu escritório é tão escuro! Mais parece um esconderijo.

MAX

Por mim, a cerimônia era no Copacabana Palace. Eu já tinha até tratado a equipe de garçons. E ainda tava arriscado a aparecer de surpresa a orquestra típica do Xavier Cugat.

TERESINHA

Mas aí o papai. . .

MAX

Pois é, o papai também era capaz de dar uma incerta e escangalhar a rumba. Então, Teresinha, o lugar mais discreto que eu encontrei foi mesmo o escritório. O diabo é que ele tá todo entulhado. Essas encomendas chegaram anteontem e não deu tempo de fazer as entregas. (Alto) Como é, macacada? Nada ainda? Procurem direito que só pode estar aí mesmo, no setor dos têxteis.

TERESINHA

Nunca vi escritório tão isolado assim, num areal...

MAX

É, baby, eu fui criado no mar. Sabe, assim que a gente se livrar dos caixotes, sei não. . . Com o gosto que você tem, dando um cuidado na decoração, aposto que a gente vai acabar morando aqui mesmo.

TERESINHA

Deus me livre e guarde! Cadê coragem pra morar num ermo desses, sem luz elétrica, sem bonde, sem telefone, sem vizinho e sem policiamento? Sem falar que não vinha visita nem aos domingos.

MAX
Então, tá. Se você não se incomoda de morar em hotel. . .

TERESINHA
Outro dia eu vi uma casinha que era uma graça, lá no Cosme Velho. . .

MAX
Ô, cambada de vagabundos! Sai ou não sai esse vestido?

TERESINHA
Bem que eu falei pra gente comprar o vestido num magazine. Era tão mais fácil. . .

MAX
Ora, Teresinha, espera pra ver o modelo exclusivo que eu encomendei. Não é de armarinho do Catete, não. Veio direto da Quinta Avenida, New York! (Ouve-se o estouro dum champanhe)

TERESINHA
Que foi isso? É ladrão, Max, é ladrão!

MAX
Isso foi o safado do Johnny abrindo champanhe antes da hora. Ô, filho duma puta! Desculpe, baby. . . Ô, filho duma puta, desce daí e me passa a garrafa! Isso é hora de beber?

JOHNNY
Não tava bebendo, tava só testando a rolha, capitão.. .

MAX
Lei seca pra você! (Entorna o líquido)

JOHNNY
Não faça isso, capitão! Coitadas das bolhinhas. . .

MAX
Tem cinco minutos pra encontrar o vestido! (Bate com o pé no chão, afugentando Johnny) Não repara, Teresinha, mas esse pessoal só trabalha debaixo de chicote.

TERESINHA
Eles são tão engraçados, Max. Têm cara de gangsters de verdade! (Olha Barrabás) Parece até que saíram duma fita da Paramount.

MAX

E você, Barrabás, que é que tá fazendo aí, gostosão? Tá pensando que é artista de cinema? Mostra o teu talento, anda! Dá um mergulho aí e resgata o vestido da minha noiva.

BARRABÁS

Eu sou escafandrista. Sou roupeiro não. Meu serviço eu já fiz.

MAX

Tá brincando.

BARRABÁS

Não sou pago pra catar camisola de ninguém.

MAX

Ah, é? (Dá um pontapé no caixote, desequilibrando Barrabás) Levanta e faz o que eu te digo! E tem mais! Eu não te pago pra fazer biscate de traficante, viu? Aliás, parece que o Tigrão, nosso bravo inspetor, tá a fim de desbaratar uma quadrilha aí. E eu soube que você, Barrabás, é quem tá encabeçando a lista do Tigrão. (Barrabás junta-se aos outros, vagarosamente, de mâ vontade) Desculpe a cena, Teresinha, mas foi inevitável. . .

TERESINHA

Você esteve ótimo, Max.

PHILLIP

Capitão, capitão, achei uma caixa escrita nilom!

MAX

É náilon, Phillip. Passa aqui.

PHILLIP (Entrega a caixa)

Mas que tá escrito nilom, tá.

MAX

Ô, cretino, são as minhas cuecas! Perdão, Teresinha.

TERESINHA

Deixa eu ver? Olha que uva, eu nunca tinha visto cuecas de náilon!

MAX

É claro que não, eu acabei de importar. . . Escuta aqui, Teresinha, como são as cuecas que você costuma ver?

TERESINHA

Ah, tem de algodão, tem de cambraia, tem de linho, tem até de seda, mas

de náilon é a primeira vez que eu vejo.

MAX

Sei, sei...

TERESINHA

Ah, Max, é claro que eu tô falando das ceroulas do papai. . . Puxa, você tá tão nervoso com esse casamento que parece marinheiro de primeira viagem.

MAX

Sorry, Teresinha, é esse contratempo todo. Big Ben, que horas são?

BEN (Levanta-se de dentro dum caixote e consulta os relógios que lhe cobrem os braços)

Onze e trinta e sete e vinte, capitão.

MAX

Olha aí, já passou da hora. Ainda bem que o padrinho e o juiz também estão atrasados. . . Nosso padrinho é um homem muito ocupado, Teresinha. Mas é um grande amigo. Fez questão de providenciar um juiz de toda a confiança.

GENERAL

Tá aqui, capitão, achei! (Mostra o vestido)

MAX

É esse mesmo, General, parabéns! Vai ganhar uma medalha! Joga daí mesmo! (Apanha o vestido no ar) Tá vendo, baby, não amarrota. Amassa aqui, pode amarfanhar. É puro náilon, todo ele, até o véu, até a grinalda, até as florzinhas.

TERESINHA

É lindo, Max! Vou lá dentro me trocar. (Sai)

MAX

Ô, macacada, ajuda aqui com a mesa! (Os homens pulam de onde estão e dispõem uns caixotes que, com a toalha, vão simular uma longa mesa com seus bancos) Isso, issso. . . Prataria de Portugal, cristais da Boêmia, toalha de náilon, cerâmica inglesa. . . Vamos, vamos, cuidado que isso é frágil. . . Cadê a Geni, hein?

BARRABÁS

Tá dando.

MAX

Perfeito, perfeito, assim tá bem. Os queijos franceses, o salmão da Noruega, o vinho. . . O quê? Châteauneuf du Pape? Ô, Johnny, você tá bêbado, tá? Quer me fazer passar vexame? Onde é que já se viu servir vinho tinto com

salmão? Vai botar o vinho da Alsácia no gelo, vai! Vocês todos, vão passar uma loção na cara e enfiar uma roupa decente. Rápido! (Eles saem por um lado e Teresinha entra por outro, vestida de noiva)

MAX

Teresinha! Teresinha! É você ou é uma visão? (Gira a manivela do gramofone que começa a tocar "I'm in the Mood for Love" com Glenn Miller e um pouco de chiado) É você ou uma visão? Deixa eu te tocar. (Toma-a nos braços e dá alguns passos de dança) Ficou bem, baby? Não tá muito justo?

TERESINHA

Caiu como uma luva, Max. . .

MAX

Viu só? Eu sei de cor cada polegada do teu corpo.

TERESINHA

Eu só tô achando que ele tá um pouquinho úmido. . .

MAX

Ah, eu gosto de tudo úmido. Eu sou um lobo do mar, baby. E depois, não tem comerciante de secos e molhados? Pois é, eu só trabalho com molhados. Você tá tão fresquinha!

TERESINHA

O meu medo é pegar um resfriado.

Voltam os capangas de Max, vestindo smokings que não lhes caem bem; o gramofone perde a força e o disco ralenta até parar

MAX

Ah, agora sim vocês estão apresentáveis. Teresinha, estes são os meus funcionários. Funcionários, esta aqui é a minha noiva, Teresinha, que dentro de instantes será a senhora Max Overseas. E agora, a grande surpresa! Baby, não parece mas os meus amigos, nas horas vagas, são compositores. . .

JOHNNY

Ah não, Max, por favor. ..

GENERAL

A música não ficou muito boa...

BARRACAS

Ficou uma bosta.

MAX

Claro que ninguém aqui é Ari Barroso. Mas eles prepararam uma cançãozinha pra você, em sua homenagem.

TERESINHA

Ah, que gracinha! Quero ouvir.

MAX

Vocês escutaram? É a vontade da noiva!

Orquestra ataca introdução em ritmo de tango
Os capangas cantam "Tango do Covil"

Ai, quem me dera ser cantor
Quem dera ser tenor
Quem sabe ter a voz
Igual aos rouxinóis

Igual ao trovador
Que canta os arrebóis
Pra te dizer gentil
Bem-vinda
Deixa eu cantar tua beleza
Tu és a mais linda princesa
Aqui deste covil
Ai, quem me dera ser doutor
Formado em Salvador
Ter um diploma, anel
E voz de bacharel
Fazer em teu louvor
Discursos a granel
Pra te dizer gentil
Bem-vinda
Tu és a dama mais formosa
E, ouso dizer, a mais gostosa
Aqui deste covil
Ai, quem me dera ser garçom
Ter um sapato bom
Quem sabe até talvez
Ser um garçom francês
Vaiar de champinhom
Falar de molho inglês
Pra te dizer gentil
Bem-vinda
És tão graciosa e tão miúda
Tu és a dama mais tesuda
Aqui deste covil
Ai, quem me dera ser Gardel
Tenor e bacharel
Francês e rouxinol
Doutor em champinhom
Garçom em Salvador
E locutor de futebol
Pra te dizer febril
Bem-vinda
Tua beleza é quase um crime
Tu és a bunda mais sublime
Aqui deste covil

A orquestra continua tocando o tango para que cada um dance uma vez com Teresinha

MAX
General!

GENERAL

Às ordens, capitão!

MAX

Teresinha, este é o General Electric. Trata-se de um dos meus braços mais direitos! (General dança com Teresinha) No dia em que ele se aposentar, a cidade amanhecerá sem música e anoitecerá sem luz. Ele trabalha com radíofones, gramofones, abajures, geladeiras, enfim, tudo aquilo que dá choque. . . Phillip!

PHILLIP

Sim, capitão.

MAX

Teresinha, este é o Phillip Morris. (Phillip dança com Teresinha) Trabalha com tabaco da Virgínia, charutos de Havana, cachimbos ingleses, enfim, tudo aquilo que dá câncer. No dia em que ele sumir, os salões desta metrópole vão virar arraial do interior. Todo mundo picando fumo de rolo e enrolando cigarro de palha. Johnny!

JOHNNY

Elgbdoila, pitão.

MAX

Este é o Johnny Walker, Teresinha, e pelo bafo já se vê qual é o seu ramo. (Johnny dança com Teresinha) Mas posso garantir que, no dia em que Johnny morrer de cirrose, a cidade vai amanhecer um pouco mais triste. Johnny abastece todos os cafés da Cinelândia e pelos cafés vai ficando, consumindo, bebendo a comissão. Big Ben!

BEN

Em ponto, capitão.

MAX

Teresinha, Big Ben é o meu homem-relógio. (Ben dança com Teresinha) Aliás, não seria exagero dizer que ele é o despertador desta cidade, tamanho o seu volume de negócios. No dia em que ele parar, os banqueiros esquecerão de abrir seus bancos, os ministros faltarão à reunião em palácio e o chefe da nação vai dormir até o meio-dia. No dia em que ele parar, Teresinha, é capaz de nem amanhecer. A hora certa, Ben.

BEN

Plim. Exatamente doze horas e onze minutos.

MAX

Droga, por que será que o padrinho tá demorando tanto? E o juiz? E a Geni, onde é que anda a Geni?

BARRABÁS
Tá dando.

MAX
Ah, Teresinha, eu ia me esquecendo de apresentar o Barrabás.

BARRABÁS
Carece não, Max. Eu já conheço a menina.

MAX
Conhece a menina? Que intimidade é essa? Por acaso já dormiu com ela? Cospe esse chiclete nojento e beija a mão da madame, anda! (Barrabás obedece e dança com Teresinha) Barrabás é o meu homem-rã, Teresinha. É metido a folgado mas trabalha duro. Conhece os mistérios e os tesouros da baía de Guanabara. No dia em que Barrabás for liquidado, todos nós amanheceremos mais pobres. E os peixes, milionários.

GENI (Entra correndo aos berros)
O Tigrão! O Tigrão tá chegando aí! (Todos saem correndo, exceto Max; Max ainda consegue conter Teresinha e Geni, que também iam fugindo cada um para um lado)

MAX
Calma, calma, vocês ainda não foram apresentadas.

GENI
Me solta, Max, por favor!

MAX
Geni, esta aqui é a Teresinha, futura senhora Overseas.

GENI
Max, por favor, eu vim só te avisar que o Tigrão vem aí! Te denunciaram pro Tigrão! Eu não tenho nada com isso, Max, eu não quero ser preso, eu não quero apanhar!

MAX
Mas que falta de modos, Geni. Te apresento a minha noiva e você corre pro outro lado. . .

GENI
Genival, seu criado. Agora deixa eu ir!

MAX
Teresinha, esta aqui é a Geni. No dia em que a Gení for encontrada num quarto de pensão, nua, em decúbito ventral, um punhal nas costas, o crânio esfacelado, nesse dia a nossa sociedade vai despertar menos reluzente e menos

perfumada.

GENI

Ahhhhhhhh! Olha o Tigrão aí! (Desvencilha-se de Max e vai se esconder entre os caixotes)

Chaves entra seguido do juiz que traz um livro de registro

MAX

Olá, Tigreza!

CHAVES
Olá, Tião!

MAX
Dá aqui um abraço! (Abraçam-se forte e demoradamente)

TERESINHA
Quem é Tião? Você?

JUIZ
Não, senhorita, eu sou o juiz e estou apenas cumprindo ordens.

MAX
Eu pensei que você não viesse mais!

CHAVES
Pois é, eu fui parar na Marambaia, seu puto. Como é que tu muda pro Recreio dos Bandeirantes e nem me comunica? Mas, rapaz, tu não varia nada, hein? Sempre a mesma estampa!

MAX
Deixa eu te apresentar a Teresinha. Este é o inspetor Chaves, meu amor, o nosso padrinho.

TERESINHA
Max fala muito no senhor. . .

CHAVES
Senhor? Tá querendo me ofender? Pra teu governo, eu sou mais moço que o sacana do teu futuro esposo.

MAX
Exatamente um mês mais moço.

CHAVES
Viu só? Então, se a boneca quiser mudar de projeto, ainda dá tempo. O papai aqui é viúvo e é doido por uma falsa magra.

MAX
Olha aí, continua o mesmo. Ele sempre deu em cima das minhas garotas, Teresinha. Mas essa não, Tigreza, essa eu vi primeiro.

CHAVES

É, mas tu tem uma velha divida aqui com o degas. Lembra da Clotilde, minha primeira namorada?

MAX

Tem dívida nenhuma. A Clotilde, você trocou comigo por três bolas de gude. E ainda acho que fiz mau negócio.

A orquestra ataca um chorinho que sublinha o diálogo

CHAVES

E a Lili?

MAX

E a Maria da Glória?

CHAVES

E a Guiomar Sardenta?

MAX

E a dona Odete?

CHAVES

A professora? Ah, aquilo foi um tremenda traição!

MAX

Que traição?

CHAVES

Quem viu as coxas de dona Odete fui eu. Tu não tinha direito à punheta. A punheta era minha.

Max e Chaves cantam "Doze Anos"

Ai que saudades que eu tenho
Dos meus doze anos
Que saudade ingrata
Dar banda por aí
Fazendo grandes planos
E chutando lata
Trocando figurinha
Matando passarinho
Colecionando minhoca
Jogando muito botão
Rodopiando pião
Fazendo troca-troca
Ai que saudades que eu tenho
Duma travessura

O futebol de rua
Sair pulando muro
Olhando fechadura
E vendo mulher nua
Comendo fruta no pé
Chupando picolé
Pé-de-moleque, paçoca
E disputando troféu
Guerra de pipa no céu
Concurso de piroca

À medida que Max e Chaves cantam e confraternizam, os capangas começam a botar as cabeças para fora, mais confiantes; a orquestra segue com o chorinho por mais algum tempo

MAX
Vem cá, e a galinha da tua irmã? Continua dando a bunda regularmente?

CHAVES
Catarina bateu as botas há muito tempo. . . Foi na gripe espanhola.

MAX
Xi, eu não sabia. Pêsames, Chaves. Que gafe!

CHAVES
Gafe você vai ouvir agora. Olha, Tião, são dois anos que tu não acerta as contas comigo.

MAX
Olha aí, a gente nunca se vê. Quando se vê é às pressas, às escuras e é só pra tratar de negócios. Assim eu nem posso saber como vai a família. . . Mas hoje não, Tigreza.

CHAVES
É, eu sei que o momento é impróprio. Mas é que justamente hoje o meu outro sócio telefonou e me deu um aperto. Se tu não me paga, eu não posso pagar a ele. Também não posso chegar pra ele e dizer que tô duro porque o meu sócio contrabandista joga tudo no cassino e não me paga o combinado. Não fica bem prum chefe de polícia, entende? Esse meu outro sócio é um homem muito sério. Cobra juros de vinte por cento ao mês.

MAX
Puxa vida, Chaves, por que você não me falou antes? Eu não me preocupei com isso porque achei que você tava bem de vida. Aliás, sempre invejei a tua posição, a tua estabilidade, a segurança dum emprego público. .. Nunca pensei que fosse te ver chorando por causa duma mixaria. . .

CHAVES
Mixaria? Tua dívida tá a quase vinte contos!

MAX
Vinte contos. . . Vinte contos é a minha despesa mensal de lavanderia. Quanto é que você tira por mês?

CHAVES
Olha, Tião, tu tá me obrigando a me abrir contigo. Não conte a ninguém, mas eu vivo com um drama pessoal lá em casa. Pouca gente sabe que eu tenho uma filha de vinte anos. . .

MAX
A Lúcia?

CHAVES
Tu conhece a Lúcia?

MAX
Claro, eu cansei de carregar ela no colo. . .

CHAVES
Mas tu não sabe que aquela criança virou um problema sério. Aqui entre nós, a Lúcia me rouba.

MAX
Te rouba?

CHAVES
No começo era coisa à toa. Depois começou a roubar cem mil-réis, duzentos, o que tivesse na minha carteira enquanto eu dormia. É claro que eu lhe apliquei uma série de correções. Mas um dia o psiquiatra do Hospital dos Servidores me disse que não adianta castigar ela não. Porque ela não é ladra. Ela sofre duma doença incurável chamada cleptomania. E que ela rouba pra compensar a ausência da mãe. Então eu tenho que deixar a Lúcia ficar me roubando. . . Roubando e comendo doce, roubando e comendo doce, porque ela gasta todo o meu dinheiro na confeitaria. O psiquiatra disse que o creme de leite é a projeção do leite materno que ela não teve.

MAX
Que chato, Chaves, que chato. . . Olha, amanhã cedo eu começo a botar nossos livros em dia.

CHAVES
É bom. Tu tá trabalhando à vontade, na maior liberalidade, e se tiver juízo faz fortuna. Agora, eu tô colaborando contigo e preciso ver o meu, né? Tu não tem telefone, não tem residência fixa e eu não sou puta de praia pra ficar te catando

em cabana de pescador. Não posso me expor desse jeito.

MAX

Pode deixar. Vou levantar um vale com o meu sogro e liquidar todas as dívidas.

CHAVES

Não diga. Tu quer dizer que a rapariga, além dos chamados dotes físicos, tá sentada num baú? Ah, malandro, eu sabia que tinha carne embaixo desse angu. . . Então posso contar contigo. Já vou dizer ao Duran que pra semana a gente acerta.

MAX

Duran?

CHAVES

É meu outro sócio. Fernandes de Duran.

MAX

Ora, Fernandes de Duran é o meu sogro!

CHAVES

Tu tá me gozando. . .

MAX

Fernandes de Duran, o comerciante.

CHAVES

Fernandes de Duran, dos puteiros?

MAX

Ou isso. É ele o sócio que tá te apertando? Que nada, chapa, pode considerar perdoada a tua dívida. Ele perdoa a tua, você perdoa a minha e fica tudo em família.

CHAVES

Como é mesmo o nome da tua parceira?

MAX

Teresinha.

CHAVES

Eu tô sabendo agora quem é teu pai. Grande sujeito, cidadão de primeiríssima ordem! Ele não veio?

TERESINHA

Não, pois é, ele tá com uma enxaqueca terrível. . .

CHAVES

E a senhora dele, a dona Vitória. . .

TERESINHA

Mamãe. . . Mamãe tá com gota.

CHAVES

Ué, aquele ali não é o Joãozinho Pedestre? É ele mesmo, o maior distribuidor de iodo do Rio de Janeiro. . .

JOHNNY

Iodo não senhor. Minha muamba é honesta e quem afiança é o capitão.

MAX

E afianço mesmo! Johnny, o inspetor vai levar uma caixa de scotch pra tirar a teima. Oferta da casa.

CHAVES

Olha aí o Benê Mesbla! Tô te reconhecendo, ô, safado. Tu me vendeu um relógio há cinco anos atrás.

BEN

O senhor deve estar enganado.

CHAVES

Tô não, foi tu mesmo. Faz cinco anos mas eu me lembro como se fosse ontem. Posso até provar. Quer saber a hora exata que tu me passou a perna? (Para Max) Tá aqui. Cinco e dez. A bosta nunca mais andou. Muito me admira a tua confiança nos relógios da Mesbla.

MAX

Espera aí, Chaves, assim você me coloca em má situação. Eu só trabalho com relógio suíço, autêntico! Se o teu tá com defeito de fabricação, tem que reclamar é em Zurique.

CHAVES

Ah, é? No cú! E o recibo? E a garantia?

MAX

Big Ben, sacrifica um dos nossos aqui pro amigo.

BEN

Sim senhor. Serve um Patek Philippe?

CHAVES

Contanto que ande. . . (Troca de relógio) Não vai me dizer que aquele ali é

o Geraldino Elétrico. . . Sabe que outro dia eu mandei comprar um gramofone americano? Presente pra minha filha que adora música. Pois a geringonça tá tão acelerada que a gente bota disco de Francisco Alves e sai voz de Carmem Miranda.

MAX
O general vai-lhe providenciar um gramofone novo.

GENERAL
A voz do dono, inspetor.

CHAVES
Oh, o Filipinho Mata-Rato. . .

PHILLIP
O senhor gosta de charutos, né? Tá aqui uma caixa de El Rey del Mundo.

CHAVES
E a bichona aí, não oferece nada?

GENI
Perfume Shalimar pra sua filha, inspetor.

TERESINHA
Espera aí. Afinal a noiva sou eu ou é o inspetor?

CHAVES
Macacos me mordam se aquele não é o Barrabás!

BARRABÁS
Em carne e osso.

CHAVES
Rapaz, tu é a cara do teu retrato falado!

BARRABÁS
Só que eu não tenho nada pro senhor, não.

CHAVES
Tu tá sabendo que esse teu conviva é o inimigo público número dois?

MAX
Deixa pra lá, Tigreza. Nesta data todo mundo é amigo. Como é, vamos à cerimônia?

CHAVES
Tá certo, hoje eu faço vista grossa. Mas amanhã eu te caço, viu? Tô de

olho aberto em ti. "Seu" juiz, abre aí o livro de ocorrências e solta o verbo!

JUIZ

Contrato de matrimônio em regime de união de bens entre Teresinha de Jesus Fernandes de Duran, brasileira, maior, solteira, e Sebastião Pinto. . .

TERESINHA

Sebastião Pinto? Quem é Sebastião Pinto?

MAX (Sussurra)

Sou eu, baby, mas é só pro forma. . .

TERESINHA (Alto)

Sebastião Pinto? Ah, não, de jeito nenhum, eu estou aqui pra me casar com Max Overseas!

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

MAX (Puxa Teresinha)
Não faz diferença, Teresinha. . .

TERESINHA (Mais alto)
Como não faz diferença? Por acaso Overseas é igual a Pinto? E Sebastião? Sebastião é horroroso!

MAX (No ouvido dela)
Fala baixo, Teresinha. Eu também sou Overseas. Sou Overseas por parte de mãe.

TERESINHA (Histérica)
E eu, como é que fico? Vou virar Teresinha Pinto? Deus me livre! Isso é uma humilhação!

MAX
Você se assina como quiser, porra! Teresinha Fernandes, Teresinha Duran, Teresinha Overseas. . . Por favor, baby!

TERESINHA
Teresinha Pinto, jamais!

MAX
Claro, claro. . . Pode prosseguir, doutor.

JUIZ
De acordo com a vontade que ambos acabais de afirmar perante mim vírgula de vos receberdes por marido e mulher vírgula e vírgula em nome da lei vírgula vos declaro casados ponto.

General dá corda no gramofone que toca a marcha nupcial; Max puxa Teresinha para beijá-la; Johnny estoura champanhe e Teresinha leva um susto; todos avançam sobre a mesa do banquete.

MAX
Devagar, seus animais! Vocês não sabem se portar como cavalheiros? Nem diante duma senhora, dum meritíssimo e dum representante da lei? Você, Barrabás, tire as mãos da maionaise! São mesmo uns canibais. . .

TERESINHA
Posso servi-lo, inspetor Chaves?

CHAVES

Quero um bocado daquele pudim de morango.

MAX
Me passa os aspargos, baby.

JOHNNY
Olha o vinho branco!

TERESINHA
Onde é que tem pudim de morango, Max?

MAX
Pudim de morango?

CHAVES
Aquele lá no canto, cor-de-rosa caceta.

TERESINHA
Ah, o salmão.

CHAVES
Pois é, salmão, o que foi que eu disse? Também pode juntar uma colher daquela salada comunista.

TERESINHA
Passa a salada russa, Barrabás.

JOHNNY
A champanhe tá choca!

MAX
O champanhe, Johnny, o champanhe!

BARRABÁS
Esse queijo tá estragado ou alguém peidou?

GENI
Isso é camembert, ô, ignorante!

GENERAL
E essa meleca, que é isso?

GENI
É caviar, quadrúpede.

PHILLIP
Eu bem que desconfiava que a Lúcia era epilética.

BEN

Epilética, não. Piromaníaca.

GENI

Cala a boca.

BEN

E o capitão tá cada dia mais distraído.

PHILLIP

Por quê?

BEN

Casou com uma e mandou convite pro pai da outra.

GENI

Shhhhhhhhh!

GENERAL

Aí, quando a noiva ouviu o sobrenome, disse que não ia ficar com o pinto dele não.

BEN

E o juiz, hein?

PHILLIP

O juiz expulsou a noiva de campo.

GENERAL

Não, o juiz deu pênalti. Pênalti duplo.

BEN

Duplo?

GENERAL

É, porque a noiva pôs a mão nas duas bolas dentro da pequena área.

TERESINHA

O senhor está servido, senhor juiz?

JUIZ

Não, estou apenas cumprindo ordens.

TERESINHA

Então eu lhe ordeno que coma uma fatia de bolo. Quer bolo, Barrabás?

BARRABÁS
Quem gosta de doce é formiga ou é veado.

CHAVES
Eu gosto de doce. Sou formiga ou sou veado?

BARRABÁS
Pode escolher.

CHAVES
O quê? (Levanta-se e saca o revólver) Sou formiga ou veado?

MAX
Chaves. . .

CHAVES
Sai pra lá, Tião. Isto agora é caso pessoal. Tu tem dez segundos pra decidir. Formiga ou veado?

TERESINHA
Inspetor, sente-se! Que indelicadeza. . .

CHAVES
Cinco, quatro, três...

BARRABÁS
É Tigrão.

CHAVES
Não, Tigrão não vale. Tigrão é apelido. Tem que dizer que eu sou macho. Vamos, diz! Três, dois, um...

BARRABÁS
É macho.

CHAVES
Eu sou mesmo é macho! Alguém duvida? Hein? Muito bem, acabou a festa. Agora vocês são tudo bandido e eu sou o chefe de polícia, entendido? Todo mundo pra fora, já! (Saem todos correndo, exceto Max e Teresinha) Ô, juiz! Ô, bacharel de merda, você fica! Tu vai me ajudar a carregar os bagulhos. (Juiz volta e recolhe os presentes) Meu amigo Tião, minha afilhada Teresinha, eu não sei como agradecer. Tava tudo tão bom! O banquete então, tava do cacete! (Arrota) Posso beijar a noiva? (Beija Teresinha) Agora o dever me chama. Adeus, Tião. (Abraça Max) Divirtam-se, hein?
Hein? Hein? (Saindo) Já besuntou a ferramenta, Tião? Ha ha ha! Ah, Tião, não esquece a facada no teu sogro, hein? (Sai)

Max e Teresinha ficam sós, de mãos dadas; a orquestra ataca a introdução em ritmo de mambo. Max e Teresinha cantam "O Casamento dos Pequenos Burgueses"

Ele faz o noivo correto
E ela faz que quase desmaia
Vão viver sob o mesmo teto
Até que a casa caia
Até que a casa caia
Ele é o empregado discreto
Ela engoma o seu colarinho
Vão viver sob o mesmo teto
Até explodir o ninho
Até explodir o ninho
Ele faz o macho irrequieto
E ela faz crianças de monte
Vão viver sob o mesmo teto
Até secar a fonte
Até secar a fonte
Ele é o funcionário completo
E ela aprende a fazer suspiros
Vão viver sob o mesmo teto
Até trocarem tiros
Até trocarem tiros
Ele tem um caso secreto
Ela diz que não sai dos trilhos
Vão viver sob o mesmo teto
Até casarem os filhos
Até casarem os filhos
Ele fala de cianureto
E ela sonha com formicida
Vão viver sob o mesmo teto
Até que alguém decida
Até que alguém decida
Ele tem um velho projeto
Ela tem um monte de estrias
Vão viver sob o mesmo teto
Até o fim dos dias
Até o fim dos dias
Ele às vezes cede um afeto
Ela só se despe no escuro
Vão viver sob o mesmo teto
Até um breve futuro
Até um breve futuro
Ela esquenta a papa do neto
E ele quase que fez fortuna
Vão viver sob o mesmo teto

Até que a morte os uma
Até que a morte os uma

Max e Teresinha se agarram e se beijam; black-out.

CENA 3

Casa de Duran; sentado à escrivaninha, Duran fala ao telefone, enquanto Vitória anda de um lado para o outro.

DURAN
Olha aí, meu camarada, diga ao Chaves que eu não to telefonando pra cobrar dívida não. Pode até dizer que é pra perdoar a dívida, tá? Perdoar, é! Quero ver se agora ele não me atende. . . Saiu mesmo, é? Casamento de alta patente, é? Capitão de fragata? Almirante,? Sei... Então, assim que ele chegar, diz que é pra me ligar urgente! Toma nota. . .

VITÓRIA
Nunca me convidaram pra casamento de alta patente. Aliás, nunca convidam a gente pra nada. Ontem mesmo o Guinie deu uma festa no Fluminense e convidou "le tout Rio". Só ficou de fora o sapo, o time de futebol e adivinhe quem mais?

DURAN
Fernandes de Duran. É pra ligar sem falta, viu? É assunto de interesse dele. (Desliga)

VITÓRIA
O que é que eles pensam que são? Aristocracia brasileira? Faz-me rir, ha ha ha. Os Monteiro da Fonseca têm um pé na cozinha, já reparou nas fotografias? O tio dos Castro Melo enriqueceu com a febre amarela. O pai dos Vasconcelos roubava cavalo em Araraquara. Os Santo Espírito vieram corridos de Portugal. Os Frink são judeus, os Salum são turcos e os Masserotti são uns carcamanos da Calábria. . . Quer saber duma coisa? Se me convidarem pro Juju e Balangandãs, eu não vou. Minha mãe era francesa! Legítima!

Entra Teresinha; Vitória não percebe; Duran levanta-se e dá um soco na escrivaninha

DURAN
Sua filha da mãe!

VITÓRIA
Como disse?

DURAN

Como é que você se atreve?. . . Vitória, pergunta à tua filha como é que ela tem coragem de encarar seus pais!

VITÓRIA
Minha filha? Oh, Teresinha! Como você demorou!

TERESINHA
Mamãe, diga ao papai que eu só vim me despedir de você e apanhar duas mudas de roupa.

VITÓRIA
Minha filha, que bom que você veio! É que espalharam um boato horrível a teu respeito. Imagina que inventaram que você se casou com um contraventor! Um patife! Um pagão! Daí o teu pai ficou nervoso, e com toda a razão. Teresinha, pelo amor de Deus! Desminta logo essa falácia se você não quer matar teu pai de desgosto e tua mãe do coração. . .

TERESINHA
Se você tá se referindo ao capitão Max Overseas, mamãe, eu casei sim.

VITÓRIA
Ohhhh! Me segura que deu bambeira nas pernas. . . (Vai desmaiar; Teresinha antecipa-lhe o porta-pó que está na mesa)

TERESINHA
Cheira aqui teu rapé, mãe. Duas fileiras.

DURAN
Vitória, assim que você se refizer, diga à sua filha que ela tá proibida de se encontrar de novo com aquele canalha!

TERESINHA
Mamãe, eu tô casada e emancipada. Você sabe que o lugar da esposa é ao lado do marido.

VITÓRIA
Filha, filha, onde é que você anda com a cabeça? Mulher de soldado e mulher de bandido não têm marido. E agora? Me diga do que é que você pretende viver?

DURAN
Cortei a tua mesada, viu?

TERESINHA
Ora, mamãe, igualzinho a todas as mulheres decentes do mundo. Vou viver do trabalho do meu esposo.

DURAN
Esse capitão nunca trabalhou na vida. É ladrão!

TERESINHA
Pode chamar de ladrão quanto quiser que eu nem ligo. Ninguém mais liga pra essas coisas. Aquele alemão que escreve pra teatro, como é mesmo o nome dele?

VITÓRIA
Einstein.

TERESINHA
Não, não. É Bertolt Brecht. Ele também não é ladrão? Me disseram que esse Brecht rouba tudo dos outros e faz coisas maravilhosas. Então, ninguém quer saber de onde vem a riqueza das pessoas. Importa é o que as pessoas vão fazer com essa riqueza. Max, por exemplo, não vai guardar dinheiro no colchão nem vai emprestar a juros de agiota. E muito menos vai morar numa casa infecta da Lapa, só pra fiscalizar os negócios de perto! O que Max vai fazer é dar uma bruta recepção no nosso futuro bangalô na serra. Você tá convidada, mãe.

VITÓRIA
Teresinha, esse tarado te comprou com conversa de bangalô? Virou criança? Ah, não, fala a verdade. O que foi que você viu de aproveitável nesse homem?

TERESINHA
Eu não vi nada, casei no escuro. Casei por amor.

DURAN
Que isso?

TERESINHA
O amor não tem fronteiras. O amor destrói barreiras. Só o amor constrói. E nós vamos construir um bangalô em Teresópolis! (Sobe as escadas cantarolando)

DURAN
Onde foi que ela ouviu tanta cretinice?

VITÓRIA
Aqui em casa é que não foi.

DURAN
Nunca demos mau exemplo.

VITÓRIA
É. Só pode ser influência dessas malditas novelas da Rádio Nacional.

DURAN

Eu atiro esse rádio pela janela!

Teresinha desce com a mala

VITÓRIA

Teresinha, duas pessoas podem até se amar que nem nas novelas. Só que na vida real, se você ama uma pessoa, é lógico que não vai casar com ela. Casa com qualquer outro. Veja teu pai e eu. Como é que esse casamento durou esse tempo todo? Aqui ninguém ama nem desama.

DURAN

Nem fede nem cheira.

VITÓRIA

Nem bate, nem alisa. Então é casamento pra vida inteira. É pão pão, queijo queijo. É um tijolo.

DURAN

É sólido como um banco.

VITÓRIA

Porque ninguém suporta os defeitos da pessoa amada por mais de um fim de semana em Paquetá. Depois a pessoa amada vai ficando é muito chata. O amor vai virar exigência e exigência vai virar frustração que vai virar rancor que vai virar ódio e o ódio vai ser mortal. Aí não tem perdão, Teresinha. Só se perdoa a quem não se ama.

A orquestra ataca em ritmo de valsa.
Teresinha canta "Teresinha".

O primeiro me chegou
Como quem vem do florista
Trouxe um bicho de pelúcia
Trouxe um broche de ametista
Me contou suas viagens
E as vantagens que ele tinha
Me mostrou o seu relógio
Me chamava de rainha
Me encontrou tão desarmada
Que tocou meu coração
Mas não me negava nada
E assustada eu disse não
O segundo me chegou
Como quem chega do bar
Trouxe um litro de aguardente
Tão amarga de tragar

Indagou o meu passado
E cheirou minha comida
Vasculhou minha gaveta
Me chamava de perdida
Me encontrou tão desarmada
Que arranhou meu coração
Mas não me entregava nada
E assustada eu disse não
O terceiro me chegou
Como quem chega do nada
Ele não me trouxe nada
Também nada perguntou
II
Mal sei como ele se chama
Mas entendo o que ele quer
Se deitou na minha cama
E me chama de mulher
Foi chegando sorrateiro
E antes que eu dissesse não
Se instalou feito um posseiro
Dentro do meu coração

A orquestra silencia

DURAN

Bravos, muito bem. Agora, Vitória, diga à tua filha que pro segundo ato ela já pode ir ensaiando a Marcha Fúnebre. Ou então aquela opereta, como é que se chama aquela opereta alemã?

VITÓRIA

O Anjo Azul.

DURAN

Não, a Viúva Alegre.

VITÓRIA

Ah é, Teresinha. Teu pai tá com uns projetos bem interessantes pro teu futuro. Há uma forte possibilidade de você vir a se safar dessa encrenca. Há uma bela possibilidade de você vir a se tornar viúva.

TERESINHA

Que isso, mamãe, vira essa boca pra lá! Acabei de me casar e você vem cheia de agouro? Saiba que o Max tem uma saúde de ferro!

VITÓRIA

Sinceramente, filha. Tem coisa melhor pra uma jovem esposa sem filhos do que enviuvar de repente? Sabe, o teu pai está entrando em contato com o chefe

de polícia pra dar umas informações suplementares sobre as atividades do teu ex-marido. Eu digo ex, querida, porque esse delegado, quando põe as mãos num bandido... é uma graça! O teu pai é sócio dele. E ele deve trinta milhões de favores ao teu pai.

DURAN

Daí, se a filhota estiver disposta a colaborar. . .

VITÓRIA

Seu pai tá lhe dando a última oportunidade de se reintegrar na sociedade.

DURAN

É só dar a pista daquele delinqüente que o inspetor Chaves completa o serviço.

TERESINHA

Mas vem cá. Vocês tão falando do dindinho?

VITÓRIA

Dindinho?

TERESINHA

O inspetor Chaves, ué. Meu padrinho de casamento. Ah, ele é uma pessoa encantadora! Tão fino! Até perguntou por vocês.. . Não sei de onde foi que saiu essa fama de mau. . . Ele e o Max são amigos de infância. Jogam biriba, bebem no mesmo copo, falam as mesmas gírias e torcem pro Vasco da Gama.

VITÓRIA

Você sabia disso, Duran?

DURAN

Não, mas já devia ter desconfiado há muito tempo! Todo mundo sabe que o indivíduo é contrabandista, fabrica licor francês no Grajaú, dá desfalque até no banco dos réus, quebra as minhas butiques e no domingo tá lá faceiro no Iate Clube, de braços com o comodoro. Ninguém tem costas quentes assim de graça.

TERESINHA

Pegam jacaré, pescam badejo, jogam monopólio. . .

VITÓRIA

Ih, Duran, o Chaves não vende essa amizade toda por trinta dinheiros. Acho melhor oferecer mais trinta por fora.

DURAN

Pois é, vou ter que alterar meus planos. Mas é interessante. . . Veja só que bonita manchete pro Diário da Noite: inimigo público número um é o melhor amigo do chefe de polícia. Que bomba! Só não sei é e um funcionário na posição do

Chaves resiste a um escândalo desses. O que é uma pena, porque o Chaves tem muito apego àquele cargo. Ainda mais agora que saiu o novo plano de classificação do DASP e ele tá a três anos da aposentadoria. Pena mesmo. Depois de tanto sacrifício, tanta dedicação à causa pública, morrer na praia por tão pouco. . . Por uma amizade dessas. . .

VITÓRIA
E quem te consegue essa manchete? O Chateaubriand?

DURAN
Depois de amanhã é o primeiro de maio, certo? Dia do trabalhador. Dia de desfile, estádio repleto, chefe da nação e tudo. Pois então as nossas trabalhadoras vão aproveitar o feriado pra desfilar no estádio de São Januário. Ah, vai ser um espetáculo e tanto! Porque as nossas funcionárias normalmente são discretas. Costumam trabalhar à meia-luz, na calada da noite, nos cantos de bar, debaixo dos lençóis. . . Mas quando elas saírem em bando, às três da tarde, dando a volta olímpica com suas roupas e instrumentos de trabalho, ah, a arquibancada vai-se levantar! Vai ser gol do Diamante Negro! E as minhas trabalhadoras do Brasil, além de bolsinhas, meias de seda e camisas-de-vênus, vão ostentar cartazes. E os cartazes vão denunciar a corrupção nos serviços públicos, a insegurança do proletariado, a ameaça ao cidadão comum! O pânico da população civil! Coitado do Chaves.

VITÓRIA
E nós, Duran? E se envolverem o nome da gente? Ah, não, eu não posso ficar mal perante o chefe da nação!

DURAN
Te impressionei, hein, Vitória? Agora imagine o que não vai ficar impressionado o Chaves. Você acha que a essa altura ele vai-se preocupar com os culhões do amigo ou com os seus próprios culhões?

TERESINHA
Adeus, mamãe. E diga ao papai que o que ele tá planejando é mais criminoso que uma chantagem!

VITÓRIA
É mais criminoso que uma chantagem, Duran!

TERESINHA
Pior que criminoso. É um péssimo negócio!

DURAN
Taí, essa eu não entendi.

VITÓRIA
Ele não entendeu, Teresinha.

TERESINHA

O pai é durinho mesmo. Diga que ele, papai, é tão importante pro inspetor quanto o inspetor é importante pro Max. Mas que o Max, vivo, pode ser mais importante que tudo pro papai. Com os contatos e as influências que o Max tem, as relações, as transações e os culhões, se eu fosse o papai, procurava me aproximar dele. Aliás, foi o que eu acabei de fazer.

DURAN

Diga à tua filha que eu não faço acordo com marginal. E diga também pra ela dizer ao marginal que vai ser muito difícil arrancar um tostão de mim.

TERESINHA

Então diga ao teu marido que nós não vamos precisar do dinheirinho dele, não. E diga também que enquanto ele parou no tempo do Artur Bernardes, enquanto ele vende filipeta ao Conde d'Eu, desconta promissória do Borba Gato e cria vaca em sociedade com o Caramuru, Max e eu entramos de peito aberto na era industrial. Adeus, mãe.

VITÓRIA

Minha filha, eu ia dizer "vai com Deus", mas pelo visto você preferiu a companhia de satanás.

TERESINHA

Ah, mamãe, também não exagera!

VITÓRIA

Se há uma coisa que nunca te faltou nesta casa foi educação cristã. Ah, se a congregação mariana soubesse o que foi feito de ti...

Quatro prostitutas — Dorinha, Shirley, Mimi e Doris — vão entrando atabalhoadamente, atrapalhando-se com a porta giratória.

VITÓRIA

Que é isso? Vai, minha filha, vai. (Teresinha sai)

DURAN

Que carrossel é esse? Digo, que escarcéu é esse?

DORINHA

"Seu" Duran, nós precisamos falar com o senhor.

DURAN

Olá, Dorinha Tubão. Trouxe o borderô?

DORINHA

Arrasaram o bordel e arrombaram a gente.

DURAN
Jura? O que me contaram é que vocês se divertiram um bocado. Principalmente a Mimi Bibelô.

MIMI
Eu? Oh, "seu" Duran! Oh, dona Vitória! Vocês não sabem o pior. Aqueles brutos. . . (Soluça) Aqueles brutos me estupraram!

VITÓRIA
Oh, coitadinha. . . Doeu muito?

MIMI
Uma sangueira, dona Vitória!

DURAN
Oh, coitadinha. . . Nem deu tempo de chamar a polícia, né?

MIMI
Como é que eu ia chamar a polícia se tinha quatro cabos da PM em cima de mim?

DURAN
Espera aí. A arruaça não foi com o bando do Max?

SHIRLEY
Não, o Max não tem culpa, "seu" Duran.

DURAN
Não vem, Shirley Paquete. Você não! Esse Max já te emprenhou sete vezes e eu gastei um dinheirão em aborto!

SHIRLEY
Mas o senhor descontou. . .

DURAN
Quer dizer que o Max botou polícia e bandido juntos pra estuporar minha butique!

DORINHA
O Max só levou a turma dele pro puteiro. Depois é que a turma chamou os amigos da patrulha.

DURAN
Ah, Dorinha Tubão, você também é suspeita pra falar do Max. Cansou de dar pra ele e nunca prestou conta.

DORINHA

Isso já faz tanto tempo. . .

DURAN

Tá vendo, Vitória? Chaves, Max, polícia, bandido, a ligação é muito mais profunda do que a gente imaginava. . . Mimi Bibelô, vamos parar com essa choradeira que já encheu o saco?

MIMI

Desculpa, "seu" Duran, mas eu tava pensando no meu noivo. Ele estuda no Itamaraty, sabe, dona Vitória?

VITÓRIA

Não diga.

MIMI

Digo sim. Ano que vem ele se forma embaixador. Ia casar comigo e me levar pra Austrália. Agora que eu perdi a castidade, será que ele ainda casa?

DORINHA

Tá aqui, "seu" Duran, eu já trouxe a lista dos estragos que é para amaciar o susto. . .

MIMI

Embaixadora sem cabaço, será que o governo deixa?

DORINHA

Pia, bidê, cagador, dois espelhos, um lustre, quatro cadeiras, treze garrafas e todas as camas. . . Assim numa primeira olhada, calculo o prejuízo nuns cinco contos.

DURAN

Puxa! Ainda bem que o meu seguro cobre tudo.

VITÓRIA

Seguro, Duran? Você nunca me falou nesse seguro. ..

DURAN

Olha aí o seguro, Vitória, bem diante do teu nariz. O meu seguro são elas.

DORINHA

Elas quem?

DURAN

Como, elas quem? Elas vocês, é claro!

DORINHA

O que é que o senhor quer dizer com isso?

DURAN

Ô, Dorinha, logo você? Você que tem ginásio, você que me ajuda nas contas, você que tá comigo há doze anos, será que você nunca leu o seu contrato de trabalho? Que vergonha, Dorinha. . . Vocês aí, todo mundo leu, não é verdade?

SHIRLEY

Eu só sei ler letra de forma.. .

DURAN

O quê? Ninguém lê contrato antes de assinar, é? Olha que isso é um perigo! A sorte de vocês é trabalhar pra mim. Se um dia vocês caem nas mãos dum patrão menos consciencioso, vão ser exploradas até o bagaço. . . Olha aqui um contrato padrão, registrado na justiça e tudo. Faço questão que vocês tomem conhecimento da cláusula quarenta e seis. Dorinha, leia em voz alta.

DORINHA

Quarenta e seis. . . Não tô achando essa cláusula não. . . Ah, são essas cláusulas da letrinha miudinha? É, mas sem óculos não dá pra enxergar, não senhor.

DURAN

A cláusula quarenta e seis reza o seguinte: o locatário obriga-se a manter o imóvel em perfeito estado de conservação e higiene. O locador tem direito a imediata e integral indenização por quaisquer danos causados em sua propriedade, tais como os provocados por furto, roubo, saque, depredação, incêndio, terremoto, etc. Ta certo? Todo mundo ouviu?

DÓRIS

Essa lengalenga toda é pra dizer que o prejuízo é nosso?

DURAN

O máximo que eu posso fazer é dispensar o pagamento imediato. Desconto das folhas no fim do mês.

SHIRLEY

O fim do mês é amanhã. . .

DORINHA

"Seu" Duran, se for descontar da folha fica ruim até pra mim que ganho dois salários. Imagine pras outras. Se continua essa maré vazante, não sobra nem pra pasta de dente.

DÓRIS

Pasta de dente? Eu não escovo dente desde o começo da guerra.

SHIRLEY

A Dóris tá numa situação triste, "seu" Duran. Falo por ela e falo por mim. Porque a Dóris tá me devendo dois mil-réis e não tem santo que faça ela pagar.

DÓRIS

Eu tô devendo a todo mundo, tô mesmo! Que é que eu vou fazer? São três meses que eu não trepo.

DURAN

Espera um pouco, dona Dóris. Se faz três meses que você não trepa, quem tá perdendo dinheiro sou eu. Em vez de se queixar, você tem mas é que me agradecer. Tô te pagando salário-mínimo todo santo mês e você tá lá no come e dorme.

DÓRIS

Come e dorme? O aluguel come a metade do salário. Desconta imposto, taxa de acessório, vaselina, o que é que sobra pra eu comer?

DURAN

Coma arroz com bosta! Já tô perdendo a paciência contigo, viu?

DORINHA

O problema não é só da Dóris, "seu" Duran. Acho que o problema também é do senhor. O senhor tá sempre debruçado nos livros e deve saber que o movimento ta caindo de mês pra mês. . .

VITÓRIA

Não, o problema é outro. O problema é que tá todo mundo brocha. Uns põem a culpa no gin, outros na cocaína, mas o fato é que faz muito tempo que não se ouve falar num pau duro no Rio de Janeiro. Qualquer meia-bomba já é recebida com furor aí nos meios.. .

DORINHA

Olha, "seu" Duran, eu sei que vou tocar num ponto delicado. . . Esses acessórios que o senhor criou. . . Eles são muito bons, são ótimos, são vistosos, funcionais, libidinosos, são mesmo obras de gênio, não é por estar na sua presença. . . Mas é que talvez tenha chegado a hora de lançar uns feitios novos. . .

DURAN

Feitios novos?

DORINHA

Quer dizer. . . Pelo menos acho que valia a pena dar uma recauchutada nos mais antigos. . .

SHIRLEY

Há muito tempo que esses acessórios tão uma merda, com o perdão da palavra. O meu peito de borracha ta mais caído que o original. Assim fica difícil atrair freguês!

VITÓRIA

Essa é boa! A culpa é do Duran, se vocês não têm sex appeal? Querem que ele vá rebolar por vocês? O meu marido trabalha pra vocês dia e noite, sentado nessa escrivaninha. É um trabalho intelectual! O homem ta se ardendo em hemorróidas e vocês ainda acham pouco? Tenham dó. Não tão vendo que o meu marido é um psicopata?

DURAN

Psicopata não, Vitória! Tecnocrata. Eu trabalho com gráficos e estatísticas. Aqui tá tudo calculado e computado. Agora, o que há de imponderável é o elemento humano. Se vocês falham, atrapalham todas as minhas contas. Vocês são artistas ou não? Pra trabalhar comigo, só grandes artistas. Grandes malabaristas! Grandes contorcionistas! E, principalmente, grandes ilusionistas!

DORINHA

"Seu" Duran, a gente nunca fez pouco dos seus inventos, não. Mas, pra falar a verdade, sempre que pode a gente dá uma contribuição pessoal. É natural, a mulher é vaidosa mesmo. Então, faltou pó-de-arroz, faltou rouge, purpurina, a gente completa do bolso da gente. Quer dizer, completava, porque agora não tá mais dando. Ainda mais se o senhor joga o prejuízo do quebra-quebra nas costas da gente.

DÓRIS
Ah, esse prejuízo eu não pago não. De jeito nenhum! Não posso ficar mais encalacrada do que já estou.

DURAN
Escuta, Dóris Pelanca, se você não arranja macho é porque tá velha pra cachorro e tem mas é que pendurar essa vulva!

DÓRIS
Tô velha não, eu tô é muito mal embalada! Semana passada apareceu um fazendeiro paulista lá na Mem de Sá. Tava parado na porta do puteiro. Eu ia chegando pro expediente e logo vi que ele me gostou. Não olhou pra nenhuma dessas frangas aí, não. Olhou foi aqui pra galinha velha!

DURAN
Vai ver que ele tava procurando a mãe.

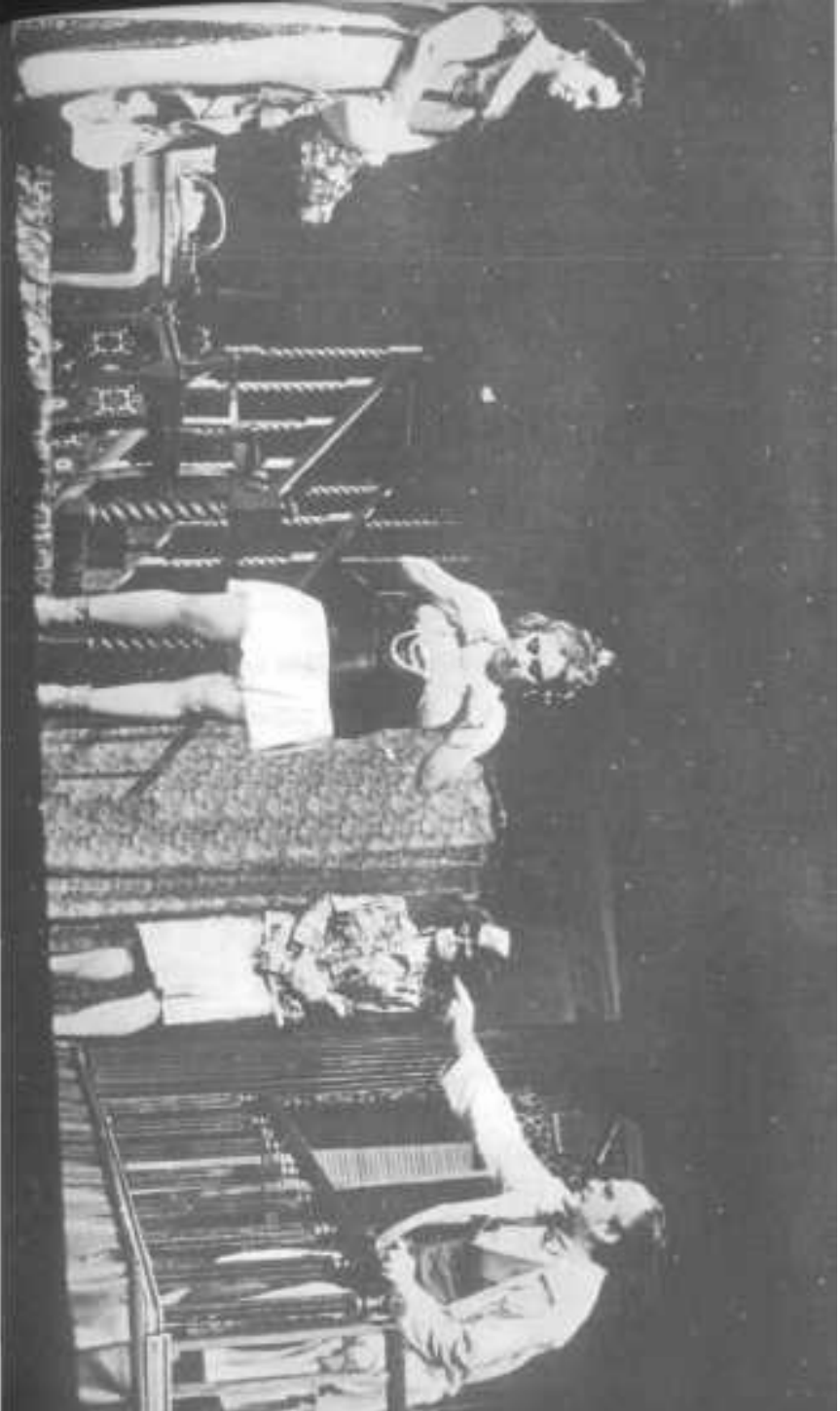
DÓRIS
Daí a pouco eu saí pra comprar cigarro e ele continuava ali parado, porque era um fazendeiro muito tímido. Quando passei por ele, só pra atiçar, lancei um requebro em meia-lua e senti que tava agradando. O homem não tirava o olho do meu bundão. Voltei do boteco e ele tava me esperando no mesmo lugar, o olho embaçado de tanto tesão. Quando cruzei por ele dessa vez, só de maldade, com a intenção de fulminar mesmo, resolvi dar uma requebrada mais violenta, em diagonal. Sabe o que aconteceu? O bundão foi parar no Largo da Lapa! (Tira a bunda artificial e joga sobre Duran)
Pode ficar com a tua bunda!

DURAN
Muito bem, Dóris, pode ir passando o resto. Vamos, vamos, a blusa, a saia, tudo. (Aturdida, como que arrependida, Dóris vai tirando a roupa hesitantemente; Duran procura seu cartão no fichário) Conceição dos Santos Filha, 35 anos, vulga Dóris Palmer, depois Dóris Palmito, depois Dóris Pelanca, sim. . . Treze anos de casa. . . (Rasga a ficha) Anda, tira os sapatos. . . Não, pode ficar com essas botinas de lembrança, mas devolve as minhas meias. . . Não tava gostando dos meus figurinos? Agora mesmo é que não faz mais um michê na tua vida. Vitória, Vitória, arranja um traje à paisana pra essa mulher e dá bilhete azul. (Vitória sai com Dóris) E vocês aí. Mais alguma queixa?

SHIRLEY

Tem os dois mil-réis que a Dóris tava me devendo...

DURAN

Nenhuma queixa? Nem dos acessórios? Nem da pasta de dentes? Do pó-de-arroz, do rouge, da purpurina? Vou dizer uma coisa a vocês. É capaz que vocês tenham razão neste caso. Eu não sou o Papa e posso errar. Mas normalmente eu tenho dado a vocês tudo o que vocês precisam, antes mesmo que vocês exijam. IAP, SAPS, IAPTEC, salário-mínimo, tudo em ordem, conforme a legislação trabalhista. Vão pedir essas regalias num bordel do Mangue pra ver o que é que respondem. . .

VITÓRIA (Volta)

No Mangue, a coitada da Dóris vai tentar a vida no Mangue! Essas coisas me deixam tão deprimida. . .

DURAN

Agora, o que vocês precisam é se organizar. Não adianta nada uma desgraçada vir fazer escândalo aqui na minha casa. Os acessórios estão velhos? Pode ser, vou pensar no caso, vamos dialogar. Mas sem gritaria no meu ouvido! Vocês têm que fazer valer os seus direitos de maneira civilizada.

VITÓRIA (Refeita)

Isso eu também acho! E a primeira providência a tomar é o título de eleitor. Vocês já tiraram os seus? ô, suas retardadas, já faz dez anos que mulher pode votar no Brasil!

DURAN

Sabe o que é que vocês precisam? É dum sindicato. Um veículo legal para as suas reivindicações. Se as reivindicações são justas, serão atendidas. Taí, gostei. Vou organizar um sindicato pra vocês.

VITÓRIA

Eu voto na Dorinha Tubão. Dorinha pra presidenta do SMOELA. Sindicato de Mão-de-Obra Especializada da Lapa.

DURAN

Excelente sugestão, Vitória. Você aceita, Dorinha?

DORINHA

Bem, eu não sei direito como é que é. . .

DURAN

Por exemplo, vocês tiveram um probleminha ontem à noite, envolvendo maus elementos e maus policiais, certo? É claro que o incidente acarretou prejuízo a vocês todas, certo? Como poderia ter prejudicado outras colegas suas, né? E então? Então é aí que fica caracterizado um problema de classe. E eu, Fernandes Duran, estou solidário com a vossa classe. Vocês têm que levar esse problema às autoridades competentes. . .

VITÓRIA

E por falar em autoridade, Duran, depois de amanhã é dia do trabalhador. Dia de desfile, estádio repleto, chefe da nação e tudo. Quer melhor oportunidade para nossas funcionárias saírem numa passeata ordeira, pacífica e legítima?

DURAN

Sábias palavras, Vitória. Minhas filhas!

A orquestra ataca um hino marcial

DURAN

O importante é vocês terem consciência de que o bem-estar de cada um é interesse prioritário da minha empresa. Somente unidos, aglutinados, articulados, membros de um corpo sadio e altivo, poderemos caminhar em frente!

Duran e Vitória cantam "Sempre em Frente" seguidos aos poucos das prostitutas

Sempre em frente
Sempre em frente
Mãos-de-obra sem temor
Mãos ardentes
Em corrente
Prum futuro de esplendor
Nós daremos nossas pernas
Nós daremos nossos braços
Ao senhor dos nossos gestos
Ao senhor dos nossos passos
Somos a musculatura
Nervos, tripas e pulmão
A serviço
Da cabeça
Que conduz um corpo são
Sempre em frente
Sempre em frente
Etc.

A cortina vai fechando

2.° ATO

2.° PRÓLOGO

Cortina fechada; luz em João Alegre, sempre batucando na caixinha de fósforos; a orquestra dá a introdução João Alegre canta "Homenagem ao Malandro”.

Eu fui fazer
Um samba em homenagem
A nata da malandragem
Que conheço de outros carnavais
Eu fui à Lapa
E perdi a viagem
Que aquela tal malandragem
Não existe mais
Agora jâ não é normal
O que dá de malandro
Regular, profissional
Malandro com aparato
De malandro oficial
Malandro candidato
A malandro federal
Malandro com retrato
Na coluna social
Malandro com contrato
Com gravata e capital
Que nunca se dá mal
Mas o malandro pra valer
Só espalha
Aposentou a navalha
Tem mulher e filho
E tralha e tal
Dizem as más línguas
Que ele até trabalha
Mora lá longe e chacoalha
Num trem da Central

Black-out.

CENA 1

Esconderijo de Max; Max e seus capangas sentados nos caixotes.

MAX

Olha aí, macacada. A caixinha do mês rendeu vinte contos redondinhos. Quer dizer que os felizardos têm dois contos pra repartir.

BARRABÁS
Ficou combinado que eu sou mão-de-obra qualificada, Max. Não esquece que agora eu recebo por dois.

MAX
É mesmo? Então tá. Todo mundo ouviu? Tem que espremer essa divisão aí que o Barrabás agora ganha por dois.

TODOS
Aqui ó! No meu ele não mete a mão.

BARRABÁS
Não foi isso que a gente acertou, Max.

MAX
Ah, não? Então eu entendi mal. Olha aí, macacada, fica o dito por não dito.

BARRABÁS
Não enrola, Max. Quem ficou de dobrar o meu bocado foi você. Da tua parte, entendeu? Tu leva noventa por cento e nem arregaça as mangas, tá certo isso?

MAX
O quê? É luta de classes, é? Cuidado, rapaz, vê lá o que você anda lendo. E decide se quer ser socialista ou contrabandista. As duas coisas não pode não.

TERESINHA (Entra)
Max, eu preciso falar contigo.

MAX
Teresinha, não tá vendo que estou em plena reunião de diretoria?

BARRABÁS
Mulher é um bicho enxerido pra caralho!

BEN
Ô Barrabás, você não viu ela dizer que é urgentíssimo? No mínimo deve ser pra abotoar o vestido dela.

GENI
Pra mim ela tá naqueles dias. Veio pedir dinheiro pro tampão.

TERESINHA
Preciso te falar da conversa com os meus pais.

MAX

Ah, que tal? Eles vibraram com a boa nova?

TERESINHA

É sério, Max. Faz a mala e desaparece.

MAX

Que isso, baby. Recado do velho? Olha que eu me borro todo, hein?

TERESINHA

Não brinca com o papai, Max. Ele já arruinou a carreira de muita gente. Ele é quase tão poderoso quanto um bicheiro.

MAX

O pessoal tá me esperando, Teresinha.

TERESINHA

Max, o papai vai botar a polícia atrás de ti.

MAX

Polícia? Não diga. Com o Tigrão na linha de frente. . .

TERESINHA

Exatamente. O inspetor Chaves.

MAX

Tá louca, mulher? Minha amizade com o Tigreza não tem preço.

TERESINHA

Tem sim. Sessenta contos e um emprego público. Papai armou um bafafá pra denunciar as falcatruas do inspetor. Vai botar todas as funcionárias pra desfilar com cartaz e tudo no primeiro de maio. A não ser que o inspetor te pegue, é claro.

MAX

Não acredito. . .

TERESINHA

Te apressa, Max, faz a mala e desaparece!

MAX

Eu não posso me ausentar, tenho muito trabalho. . .

TERESINHA

É só por uns dias. Uma semana, no máximo, e a coisa esfria. . .

MAX

Em uma semana entram dois cargueiros na baía.

TERESINHA
Deixa comigo. Enquanto você tá fora, eu cuido dos negócios.

MAX
O que é que você entende dos meus negócios?

TERESINHA
Max, eu vi quando o papai telefonou pro Chaves. . . Ai, eu não queria dizer, me dá arrepio só de pensar. . . Ele deu vinte e quatro horas pro inspetor acabar com a tua sombra. Te liquidar, Max. A sangue-frio! À queima-roupa. Foge, Max, pelo amor de Deus!

MAX
Tá bem, Teresinha, eu vou. Mas não é por mim, não, que eu não me assusto com essas coisas, viu?

TERESINHA
Vai por mim, Max, por mim!

MAX
É, pois é. É por você que eu vou. Mas como é que eu faço com esses cargueiros? Você compreende, Teresinha, se eu falto a um compromisso posso perder pra sempre o fornecedor.

TERESINHA
Já te disse, Max, pode deixar comigo.

MAX
Eu vou deixar as instruções com os rapazes. Contigo eu deixo o segredo do cofre, que é pra pagar a mercadoria, certo?

TERESINHA
Certo. Mas depois a gente precisa ter uma conversinha sobre o teu futuro. Max, enquanto você continuar com esses negócios escusos, tá sujeito a viver fugindo da justiça.

MAX
Ah, assim não. Eu não me casei contigo pra você se meter na minha vida profissional. Eu vou continuar trabalhando no que sempre me orgulhei de trabalhar.

TERESINHA
Mas é claro, querido, é claro. Ninguém tá pedindo pra você mudar de atividade. Só o que precisa, é dar um nome legal à tua organização. Põe um "esse-a" ou um "ele-tê-dê-a" atrás do nome e pronto, constituiu a firma. Firma de

importações, por exemplo. É tão digno quanto contrabando e não oferece perigo. Você passa a ser pessoa jurídica, igualzinho ao papai. Pessoa jurídica não vai presa. Pessoa jurídica não apanha da polícia... Acho até que é imortal, pessoa jurídica.

MAX

Teresinha, eu não quero que você fique nervosa por minha causa. É melhor eu cair fora logo. Deixa eu falar com o pessoal.

TERESINHA

Sobre esse pessoal a gente também precisa conversar. Em primeiro lugar, é um absurdo você dar participação nos lucros da nossa empresa a essa gente. Isso aí tinha que ser assalariado. Muito bem assalariado, é evidente! Por isso mesmo, é uma pena, mas aos poucos você vai ter que se desembaraçar de uns e outros. . .

MAX

Eu? Me separar do General? Do Johnny? Dos meus companheiros de tantas batalhas? Francamente, Teresinha, onde foi que você deixou seu coração?

TERESINHA

Meu coração é teu, Max. É por ti que ele raciocina. E também é por ti que ele dispara quando sente medo. Vai, Max, eu te suplico! Foge daqui!

MAX

Macacada, muita atenção! Eu tenho que ir a Poços de Caldas tirar umas férias de alguns dias. Ordens médicas. Não, não fiquem preocupados que não é nada grave. Eu só quero que vocês se preocupem com as recomendações que vou deixar. Amanhã, ao toque da alvorada, General e Big Ben vão se deslocar para Niterói e Geni e Johnny devem subir na Urca, todos equipados com seus binóculos prismáticos. Os quatro ficarão atentos à entrada de um navio de fanico, porte médio, bandeira panamenha, que vai despontar de nor-nordeste a uma velocidade de sete nós. A junta que estiver postada na Urca deve vigiar a terceira escotilha a bombordo, partindo da proa, certo?

GENI E JOHNNY

Certo, senhor capitão.

MAX

A parelha que estiver no Saco de São Francisco deve observar a segunda escotilha a estibordo, partindo da popa, certo?

GENERAL E BEN

Certo, senhor capitão.

MAX

Quando uma lanterna piscar três vezes nessas escotilhas os quatro devem

desertar de seus postos e dirigir-se ao Amarelinho, onde Phillip estará de prontidão. Pra você, Phillip, eu reservei a função mais arrojada, qual seja a de me substituir.

PHILLIP
Certo, senhor capitão.

MAX
Assim que você avistar seus camaradas, deverá avançar até o cais do porto. Quando o navio atracar, coloque-se estrategicamente junto à escadinha. A cada homem que descer você vai perguntar baixinho: message from Tony Smith? Message from Tony Smith? Até que um desses homens, ao ouvir essas palavras, vai te abraçar bem forte, fingindo ser um velho amigo. Esse aí você traz ao escritório. Aqui ele vai indicar no mapa o ponto exato em que a mercadoria foi lançada. Barrabás comandará o resgate e Teresinha entregará os dólares, certo?

PHILLIP
Como é que é mesmo aquele nome alemão?

MAX
A senha é: message from Tony Smith.

PHILLIP
Tony Chmid?

MAX
Smith! Com a língua entre os dentes. Smith!

PHILLIP
Chimid?

MAX
Assim não dá! Barrabás, diga Smith.

BARRABÁS
Chhhh. . . Chmiz.

TODOS
Chi. . . Chinite. . . Chimix? Chimik. ..

MAX
Realmente, são uns idiotas! Em que merda de Cultura Inglesa vocês estudaram, hein?

TERESINHA
Message from Tony Smith?

MAX
Olha só como a Teresinha pronuncia bem. Só que eu não posso mandar minha esposa pro cais do porto...

TERESINHA
Não se preocupe, Max. Eu ensino a eles. Pode fugir sossegado que tudo vai dar certo.

MAX
Pessoal, enquanto eu estiver de repouso absoluto quem manda aqui é Teresinha Overseas.

TODOS
O quê?

BARRABÁS
Essa não.

MAX
Essa sim! É ela quem dá ordens e contra-ordens, quem compra e vende, quem paga ou deixa de pagar, como se fosse eu! E eu não admito indisciplina, entenderam? Geni, me passa uma daquelas caixas azuis, ali no alto, que eu vou levar comigo.

GENI
Eu levo pra você, Max.

MAX
Não. Eu vou sozinho.

GENI
Me leva contigo, Max. Eu adoro Poços de Caldas.

MAX (Arranca a caixa das mãos de Geni)
Já disse que vou sozinho!

GENI
Então eu vou atrás.

MAX (Beija Teresmha)
Eu não demoro, baby.

TERESINHA
O segredo, Max. . .

MAX (No ouvido dela)

Te amo como nunca amei ninguém. . .

TERESINHA
Não, Max, o segredo do cofre.

MAX
Ah, sim. (No ouvido dela) Três voltas pra direita até o dezesseis, uma pra esquerda até o nove e três pra direita até o vinte e cinco.

TERESINHA
Eu também te amo, Max. Adeus. Cuidado.

Max vai saindo, seguido por Geni; dá uma súbita meia-volta e assusta Geni; Max sai; Geni dá um tempo e corre atrás; Teresinha senta-se num caixote mais alto.

TERESINHA
Muito bem, meninos. Vamos começar as aulas de inglês. Big Ben, what time is it?

Todos riem, assobiam, fazem barulho, atiram bolas de papel, etc.

BARRABÁS
Dona, a turma quer saber uma coisa em inglês e tá sem jeito de perguntar.

TERESINHA
Que bobagem! Pergunte você, Barrabás.

BARRABÁS
Como é que se pronuncia: eu da mãe tem dente?

Todos recomeçam a algazarra

BARRABÁS
A professorinha tá puta, pessoal...

Mais algazarra

TERESINHA
Barrabás, cospe esse chiclete!

Barrabás faz uma bola com o chiclete; Teresinha desce do caixote, comprime as bochechas de Barrabás e tira-lhe o chiclete da boca.

TERESINHA
Pode ir embora!

BARRABÁS
Tô expulso da classe, dona?

TERESINHA
Não. Tá expulso do meu negócio!

BARRABÁS
Eu trabalho com o Max há quinze anos, mocinha. Pra alguém me despedir, tem que ser ele.

TERESINHA
Ele me deu carta branca pra conduzir os negócios. E eu decidi que você não presta mais. Fora!

BARRABÁS
Tá bem, eu vou. Mas quando o Max voltar, eu volto.

TERESINHA
Claro, você pode pedir a ele pra ser readmitido. Só que eu vou colocar pra ele o seguinte: é Barrabás ou eu. Com quem você acha que ele vai ficar, gracinha? Fora!

BARRABÁS
Isso é uma puta sacanagem. Golpe baixo de mulher. Se você fosse homem, eu te cobria de porrada!

TERESINHA (Esbofeteia-o)
Cobria nada! Você fala grosso mas não é de nada! Vamos, reage! É uma bicha enrustida, ha ha. Fora! (Barabás saí) Muito bem, pessoal, alguém mais tem alguma queixa? (Silêncio) Então vamos recomeçar a lição. Todo mundo repetindo comigo. John is a boy.

TODOS
Dijon is a bói.

TERESINHA
Mary is a girl.

TODOS
Mérí ís a guél.

TERESINHA
Mary is,John's sister.

TODOS
Méri is Dijon sister.

TERESINHA
John is Mary's brother.

TODOS
Dijon is Méris brózer.

TERESINHA
Brother.

TODOS
Brózer.

TERESINHA
Brother.

TODOS
Brózer.

TERESINHA
Brother.

TODOS
Brózer.

Luz vai apagando em resistência; ouve-se o som de um piano.

CENA 2

Bordel; as putas preparam os cartazes, como quem se dedica aos afazeres domésticos; uma delas canta, junto ao piano.
Uma puta canta "folhetim".

Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim
E se tiveres renda
Aceito uma prenda
Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim
E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia-luz

E te farei, vaidoso, supor
Que és o maior
E que me possuis
Mas na manha seguinte
Não conta até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim

O piano segue tocando; entra Max com o embrulho sob o braço; logo depois entra Geni; as putas, meio sem graça, procuram esconder as tintas, os panos, os cartazes.

MAX

Oh, não se incomodem, queridas. Vocês estão atarefadas com os trabalhos manuais, né mesmo? Podem continuar, façam de conta que eu não estou aqui.

DORINHA

Nem devia estar. Deixa o Tigrão saber. . .

MAX

Ah, Dorinha Tubão, você tá cada dia mais gostosa! É que nem o vinho. . .

DORINHA

Eu tô falando sério, Max. Cai fora.

MAX

Puxa, eu fico emocionado de ver como as mulheres estão se afligindo por mim. . . O que é que tá aí nesse cartaz? Morte aos contrabandistas? Excelente! Contrabandista tem que abater a tiro de canhão. Mas, Dorinha, não fique aí se roendo toda por minha causa, tá? Afinal, todo mundo sabe que eu freqüento este cabaré às sextas. Com toda a polícia atrás de mim, ninguém vai pensar que eu sou louco de baixar neste cabaré logo hoje, uma sexta. Né? Olha a Mimi Bibelô! Ta chorando por quê, Mimi? Brigou com o teu noivo desembargador?

MIMI

Não é desembargador. (Soluça) É comandante da Panair.

MAX

Assim você borra todo o seu cartaz. Não dá pra ler nada, parece a Semana de Arte Moderna. . . Ué, quem é essa? O quê! Artigo novo na praça e o Duran nem participa à família? Vem cá, brotinho, vem! (Estende-se numa poltrona e senta Fichinha sobre a sua perna direita) Precisamos inaugurar isso, hein? Urgentemente! Qual é o teu nome, hein?

FICHINHA

Margareth. . .

GENI (Senta-se rapidamente na perna esquerda de Max)
Cheguei!

MAX
Porra, Genival, quer me deixar em paz? Tem trabalho pra ti lá no escritório!

GENI
Só vou se você deixar eu ler a tua mão.

MAX
Mas que lindo nome, Margareth. Você deve ser parenta da princesinha da Inglaterra, não é não?

FICHINHA
Sei não senhor.

MAX
Aposto que é. Cê tem todos os traços da família real.

GENI
Ei, todo mundo, a Fichinha agora deu pra se chamar Margareth!

MAX
Margareth, amanhã a tua tarde é minha, tá?

FICHINHA
Só se dona Dorinha deixar. Amanhã tem desafio e dona Dorinha é presidenta da sindicância.

GENI
Amanhã tem desfile e a Dorinha é presidenta do sindicato.

MAX
Não diga! Dorinha Tubão depois de velha virou pelega? Mas a Fichinha não vai ao desfile, né mesmo, Margareth? (Dá-lhe um beijo na boca; sua mão direita apalpa os seios de Fichinha, enquanto Geni lê a mão esquerda; chega Shirley com uma taça) Ah, Shirley, meu amor, eu sabia que você não ia se esquecer do meu daiquiri. (Abre a boca e Shirley despeja um gole)

GENI
Estou vendo uma coisa! Ah, uma mulher muito importante na tua vida. . .

MAX
Genival, todas as mulheres da minha vida são muito importantes. (Dá um longo beijo na boca de Fichinha e acaricia as coxas de Shirley)

GENI

Esta mulher é mais importante que todas as outras... Porque vai te trair.

MAX (Interrompe o beijo e as carícias)

E diz o nome dela aí?

GENI

Só uma letra. A inicial.

MAX

Vamos ver. . . É tê?

GENI

Não, é gê.

MAX

Gê? Gê de Geralda? Não conheço nenhuma Geralda. Nem Geraldina. . . Glauce, também não. Gumercinda, muito menos. Porra, será que nunca comi nenhuma mulher com gê? Ah, só se for você, boneca. . .

Geni solta a mão de Max e sai às pressas; Max levanta-se.

MAX

E vocês, Shirley, Fichinha, não vão me mostrar os seus desenhos?

FICHINHA

Eu só sei fazer bolinha, sim senhor.

MAX

Ah, sei. Você é que bota os pingos nos ii. Shirley, essa cartolina é tua? Olha que poema, tem rima e tudo! "Abaixo a corrupção/Max e Chaves na prisão." Quem diria, Shirley! Que papelão! Logo você, a mãe dos meus fetos!

SHIRLEY

Eu não queria, Max, juro que eu não queria!

MAX

Que decepção, Shirley! Será que você não sabe que corrupção é com cê cedilha? Oh, Jussara Pé de Anjo, eu não tinha visto você! Puxa, eu fiquei preocupado com o teu sumiço. Sabe que eu me encontrei num jantar com o Tigrão e pedi a ele que se interessasse pelo teu caso? Que bom que ele me atendeu. . .

JUSSARA

Não te engraça pro meu lado, Max, que hoje eu não tô boa.

MAX

Teu cartaz tá em branco, Jussara?

JUSSARA

O que eu tenho engasgado pra dizer, não cabe nem em cartaz de cinema.

MAX

Posso dar umas sugestões? Que tal "abaixo a exploração"? O Duran vai adorar. "Abaixo a escravidão!" "Abaixo o monopólio da cafetinagem."

DORINHA

Vamos ao trabalho, meninas.

MAX

"Abaixo os pelegos!" "Por uma associação livre!" "Por melhores condições de trabalho!" "Dignidade pra trepar! " Vamos falar claramente, meninas. Vocês querem que eu me dane, né? E por quê? Porque o Duran quer que eu me dane. E por quê? Porque ele não tem condições de enfrentar uma concorrência. Então, bastou ele ouvir falar que eu tava comprando a Taverna da Glória pra ficar com o cabelo em pé!

SHIRLEY

Taverna da Glória?

MAX

E então. Aquilo ali tá uma porcaria, mas com a reforma que o Le Corbusíer

projetou, eu ia ficar com o maior cabaré da América do Sul. Uma beleza, todo envidraçado! No mesmo estilo do Ministério da Educação. . . Bem, eu vou andando. . .

SHIRLEY
Acabei de aprontar mais um daiquiri. . .

MIMI
Você me apresenta ao Le Corbusier?

MAX
Eu acho que vocês adorariam trabalhar no meu cabaré. Quer dizer, pensando bem, não sei. . . É, acho que vocês devem mesmo continuar com o Duran. Lá no meu café-concerto vocês não iam se sentir à vontade. Ia lotar daqueles turistas americanos que são uns milionários muito chatos, muito velhos, bebem muito, falam alto. E os meus turistas americanos iam morrer de rir dessas roupas que vocês usam. Esse vestido da Dorinha, por exemplo, eu vi um igualzinho há cinco anos, num museu da Filadélfia. Deixa eu ver uma coisa. (Levanta a saia de Dorinha) Meias de seda, Dorinha? Ainda? Espera aí, cadê o meu embrulho? (Pega o embrulho e abre) Pode ser que a gente não se veja mais. . . (Tira uma meia de náilon e estica) Já viu isso, Dorinha? Não se usa outra coisa no mundo civilizado. (Dorinha toca a meia timidamente) Pode ficar. É tua!

TODAS
Eu também quero!

MAX
Calma, tem pra todo mundo!

A orquestra ataca a introdução em ritmo de foxtrot; as mulheres vão cantar calçando as suas meias.
As putas cantam "Ai, se Eles Me Pegam Agora".

Ai, se mamãe me pega agora
De anágua e de combinação
Será que ela me leva embora
Ou não
Será que vai ficar sentida
Será que vai me dar razão
Chorar sua vida vivida
Em vão
Será que faz mil caras feias
Será que vai passar carão
Será que calça as minhas meias
E sai deslizando
Pelo salão

Eu quero que mamãe me veja
Pintando a boca em coração
Será que vai morrer de inveja
Ou não
Ai, se o papai me pega agora
Abrindo o último botão
Será que ele me leva embora
Ou não
Será que fica enfurecido
Será que vai me dar razão
Chorar o seu tempo vivido
Em vão
Será que ele me trata a tapa
E me sapeca um pescoção
Ou abre um cabaré na Lapa
E aí me contrata
Como atração
Será que me põe de castigo
Será que ele me estende a mão
Será que o pai dança comigo
Ou não

Max executa um solo de sapateado; em seguida elas retomam a canção.

Será que me põe de castigo
Será que ele me estende a mão
Será que o pai dança comigo
Ou não

Max recomeça a sapatear; estrondo na porta; entra Vitória, seguida de Chaves e seus policiais; as putas recuam, amedrontadas, enquanto Max continua sapateando.

VITÓRIA
Ah, é? Sabe o que é que vocês são? São umas meretrizes! E estão multadas em sessenta por cento dos vencimentos! Inspetor Chaves, prenda esse homem!

Max segue sapateando; quando Vitória aponta em sua direção, aproveita para puxá-la pela mão e fazê-la dançar uns passos involuntários; Chaves tenta interromper a dança mas só o consegue dando um tiro no chão.

MAX
Que é isso? Faroeste? Empresta aqui. (Pega o revólver de Chaves e o examina) Ah, eu logo vi. Isto é uma raridade, Roy Rogers, quer vender? Um colt! Mas, vem cá, é com esta peça que a polícia carioca pretende proteger a

sociedade? Não, Tigreza, assim você me deixa encabulado. . .

VITÓRIA
Tira o revólver dele, tira!

MAX
Pode ficar com o trabuco, minha senhora. Olha aqui, Chaves, eu tenho um presentinho pra você. . . (Tira uma pistola do bolso do paletó)

VITÓRIA
Eu atiro! Eu atiro! Cadê o gatilho?

MAX
Esta é uma mauser, inspetor. Cuidado que é automática.

VITÓRIA
As algemas! Amarra esse monstro!

Chaves acena para os policiais que algemam Max.

MAX
Só queria dizer uma coisa, inspetor. Eu e as meninas...

VITÓRIA
Meninas, cadê os cartazes?

Uma a uma, hesitantemente, elas vão levantando os cartazes.

MAX
Nós conversamos sobre essa palhaçada de desfile. . .

VITÓRIA
Que passeata mais espetaculosa! Já tinha visto os cartazes, inspetor?

Entram os capangas de Max empunhando novos cartazes

MAX
Que é que é isso, macacada? Por acaso vocês também embarcaram nessa bosta de passeata?

BEN
Nós e a cambada toda que tava coçando saco lá no cais do porto.

MAX
Espera aí, gente, vocês são os meus amigos. . .

JOHNNY

Amigos. . . Tua mulher botou todo mundo no olho da rua.

BEN
Disse que a gente tava sem know-how. . .

PHILLIP
Enquanto você pagou eu fui cem por cento. Agora quem tá pagando é o Duran! E ele prometeu outros biscates pra turma.

Chaves gesticula para os policiais que empurram Max para fora, seguidos de Vitória.

SHIRLEY
Que feio, gente! Isso é traição.

DORINHA
Olha quem fala. . .

JUSSARA
Você deixa de besteira, ô, Shirley Paquete! Desde quando tem feio e tem bonito pra fodido? Tem certo? Tem errado? Os homens inventaram um jeito batata de regular a máquina do fodido. O corpo do fodido tá desarranjado dum jeito que sente com a cabeça, pensa com a barriga e caga pelo coração.

Entra Dóris Pelanca, toda molhada e desgrenhada.

DÓRIS
Ei, gente. . . Sou eu, a Dóris. . . Dóris Pelanca. . .

SHIRLEY
Dóris! O que é que houve, mulher?

DÓRIS
Tô com fome. . . (Estende-se numa poltrona).

DORINHA
Aí não, Dóris, que você molha tudo! Shirley, vê lá um prato de sopa pra ela. (Levanta Dóris, senta-a no chão) Foi polícia?

DÓRIS
Não, foram uns moços, cinco. Eu disse cinqüenta mil-réis. Não tá caro, certo? Dava dez por cabeça. Eles começaram a rir. Abati pra vinte e cinco. Aí então é que eles se cagaram de rir. . . E foi pela gargalhada deles que eu descobri que já não podia ser considerada uma puta. Era pedinte, era meleca, era um molambo. Me bateram na cara, me chutaram a bunda e me jogaram no canal do Mangue. . . Bem feito!

SHIRLEY

A sopa, Dóris.

FICHINHA

É de letrinha.

DORINHA

É a vida, mulher. Quando eu sair daqui, acho que me escondo, me meto num asilo de louco, me visto de preto, me enveneno, faço tudo menos putear. . . É a vida, mulher.

JUSSARA

É a vida o cacete, Dorinha. É o safado do Duran que fez isso com ela!

DORINHA

Foi o Duran que te tirou da cadeia, Jussara!

JUSSARA

Foda-se o Duran!

DÓRIS

Não fala assim do patrão, menina. Benze a boca e agradece aos céus que ele te dá emprego e tudo... Sabe que ele convidou meio Mangue pra desfilar com vocês amanhã no estádio? E ainda paga vinte mil-réis. Vou eu, vai a Bete Minete, a Telma Sanfona, a Nona Titica, a Chica Morcega, a Nega Saliva, a Diva Baiana, vai lá todo o time das veteranas.

JUSSARA

Que bela merda!

FICHINHA

Olha, o Max pode até ser bom de cama. Mas, no fundo no fundo, patrão, feitor e domador de circo é tudo a mesma coisa.

GENERAL

Tudo a mesma coisa. Duran, Max e o escambau, no fim eles acabam se entendendo. E nós, ó!

JOHNNY

Feito a mulher do Max. Deu emprego e ajuda de custo prum monte de pessoal, o tal do sangue novo. E pra gente aqui do sangue estragado, sabe o que ela disse?

BEN

Disse que a gente tava sem know-how.

JUSSARA

Te digo mais. Eu mesma, numa outra encarnação, no dia em que eu for patrão, ah. . . Sai de baixo!

Viola caipira ataca introdução.
Todos cantam "Se Eu Fosse o Teu Patrão".

ELES
Eu te adivinhava
E te cobiçava
E te arrematava em leilão
Te ferrava a boca, morena
Se eu fosse o teu patrão
Ai, eu te tratava
Como uma escrava
Ai, eu não te dava perdão
Te rasgava a roupa, morena
Se eu fosse o teu patrão
Eu te encarcerava
Te acorrentava
Te atava ao pé do fogão
Não te dava sopa, morena
Se eu fosse o teu patrão
Eu te encurralava
Te dominava
Te violava no chão
Te deixava rota, morena
Se eu fosse o teu patrão
Quando tu quebrava
E tu desmontava
E tu não prestava mais não
Eu comprava outra morena
Se eu fosse o teu patrão

ELAS
Pois eu te pagava direito
Soldo de cidadão
Punha uma medalha em teu peito
Se eu fosse o teu patrão
O tempo passava sereno
E sem reclamação
Tu nem reparava, moreno
Na tua maldição
E tu só pegava veneno
Beijando a minha mão
Ódio te brotava, moreno
Ódio do teu irmão
Teu filho pegava gangrena

Raiva, peste e sezão
Cólera na tua morena
E tu não chiava não
Eu te dava café pequeno
E manteiga no pão
Depois te afagava, moreno
Como se afaga um cão
Eu sempre te dava esperança
Dum futuro hão
Tu me idolatrava, criança
Se eu fosse o teu patrão

CENA 3

Cadeia; Max e Chaves em frente à cela; Max gesticula muito, mesmo algemado.

MAX
Não vai dizer que se impressionou com aquele forrobodó, vai? As meninas morrem de medo da puta velha da minha sogra. Elas me adoram, Chaves. Os rapazes então, são unha e carne comigo. E você é muito macaco velho pra cair no blefe dos Duran. Me solta pra ver se acontece passeata. . . Acontece nada. Olha pra mim, Chaves! Não vai me soltar?

CHAVES
Sabe que as minhas instruções são pra te aplicar uma execução sumária, né? O Duran diz que a Justiça é morosa e que tu é um pinta escorregadio. Eu é que to tentando contornar a situação, ganhar tempo. . . Vou fazer o possível pra não te eliminar.

MAX
Muito obrigado, você é um anjo.

CHAVES
Entende, Max. Esse emprego eu não posso perder. Ainda mais com a minha filha Lúcia que me rouba e não pára de comer bombom.

MAX
Mais um motivo pra me soltar. Meus negócios estão incrementando dum jeito que só você vendo. Hoje mesmo, tem sete cargueiros chegando aí. E eu tava pensando em reajustar a tua comissão. . . Pergunta à Teresinha. Eu tinha decidido que ia te pagar dez por cento do meu rendimento bruto. Daí você podia largar este empreguinho miserável. E depois comprava o Pão de Açúcar pra tua filha comer.

CHAVES
Essa não. Tu já não me paga mesmo. Se eu saio da polícia então, que interesse tu vai ter em me dar sociedade?

MAX

Interesse? É só nisso que você pensa? Sabe duma coisa, Chaves? Acabei de descobrir que você é venal. É desumano, é mercenário. Na minha cabeça não era assim não. Pra mim, a amizade tava acima de tudo. Ah, eu sou o último romântico.

CHAVES

Não é assim, Tião. Mesmo que o nosso negócio vá pras picas, eu continuo prezando a tua amizade. E com você preso, praticamente morando na minha casa, acho que vai dar pra gente se divertir que nem nos doze anos.

MAX

Nada feito. Você não é mais meu amigo, é meu carcereiro. Nunca mais lhe dirijo a palavra! Palavra de honra!

O juiz do casamento, algemado e escoltado, sai de uma porta e passa pelos dois, aos prantos

JUIZ

Eu apenas cumpri ordens! Eu sempre cumpri ordens! (Sai)

MAX

Vem cá. Esse aí não é o juiz do meu casamento?

CHAVES

Era. Foi denunciado pelo teu sogro. No começo eu pensei que fosse só picuinha do Duran, talvez porque ele registrou o casamento em livro oficial. Mas eu, como inspetor, tenho a obrigação de mandar investigar objeto da denúncia. Pegamos o homem, investigamos, investigamos, e não é que o sujeitinho confessou cada crime mais criminoso que o outro? Confessou uns crimes que eu nem sabia da existência. Eta juizinho subversivo, sô.

BARRABÁS (A porta)

Quem é o próximo?

MAX

Barrabás, você por aqui? Também te pegaram?

CHAVES

Ah, Tião, esse aí é o Chagas, nosso novo investigador. Agora me desculpa que eu vou ter que te trancar. Se precisar de alguma coisa, fala com o Chagas. Até. (Tranca a cela e sai levando as chaves)

MAX

Vai, ingrato! Vai, bunda mole! E você, Barrabás, trabalhando na polícia? Não tem vergonha? O que houve?

BARRABÁS

Vergonha até que tenho. Mas não cavei nada melhor depois que a tua mulher me botou na rua.

MAX

Não! Teresinha não pode ter feito isso com o meu melhor amigo!

BARRABÁS

Agora eu tenho que preparar teu interrogatório pra logo mais. Vai querer superluxo, luxo ou standard?

MAX

Como é que é isso?

BARRABÁS

Superluxo custa dois contos e é sentado. Luxo custa quinhentos e é em pé. Standard é de quatro e sai grátis.

MAX

Escuta, sem interrogatório, quanto é que você faz?

BARRABÁS

Cinco contos.

MAX

Quatro.

BARRABÁS

Por menos de quatro e quinhentos eu não posso fazer, que entro no prejuízo.

MAX (Abre a carteira)

É tudo o que eu tenho comigo. Quatro, duzentos e cinqüenta. . .

BARRABÁS (Pega a carteira)

Vá lá. Mas eu fico com a carteira.

MAX

Não! É de couro argentino! Então tira as algemas. . .

Barrabás tira as algemas de Max; gritos de mulher

LÚCIA (Off)

Cadê aquele barba-azul de merda?

BARRABÁS

Ih, Max, é a Lúcia!

MAX

Pelo amor de Deus, Barrabás, diz que eu saí. . .

LÜCIA (Entra)

Ah, canalha, você me desonrou pra sempre! Na tua sessão de tortura eu quero sentar na primeira fila!

MAX

Lúcia, que surpresa! (Barrabás sai)

LÚCIA

Aplaudindo de pé e pedindo bis! O autor! O autor!

MAX

Lúcia, você se esqueceu do meu beijo.

LÚCIA

Que beijo!

MAX

Falando sério, Lúcia, você não tem entranhas? Teu pai vai me jogar no Guandu, Lúcia! Você não tem dó da situação do teu marido?

LÚCIA

Que marido! Pensa que eu não sei da Teresinha, pensa?

MAX

Teresinha? Que Teresinha?

LÚCIA

Ah, veado, quando você estiver pendurado no pau, eu vou mandar te capar!

MAX

Lúcia, cuidado! Eu não sei por que você tá tão nervosinha hoje. Só sei que nos primeiros meses de gravidez isso é um perigo. Li num livro. O histerismo da gestante enrijece o colo uterino e afeta o desenvolvimento do embrião.

LÚCIA

Filho do cão!

MAX

Juro, Lúcia, se há uma coisa no mundo que eu não posso perder é esse meu filho. (Acaricia-lhe a barriga). O primogênito, o herdeiro, o Max Júnior!

LÚCIA

Tira a mão daí! Eu vou criar sozinha o filho adulterino, filho de mãe solteira. . . Oh, Max! (Quase chora).

MAX

Lúcia, Max Júnior vai ser a goma-arábica que nos manterá unidos pra sempre. Ele vai consolidar nosso matrimônio.

LÚCIA

Ô, patife, você sabe que eu sei que você sabe que eu sei do seu casamento com a Teresinha!

MAX

Lá vem essa Teresinha de novo, porra! Parece ioiô!

LÜCIA

E antes que você esbanje tudo na lua-de-merda, devolva os trinta contos que eu lhe emprestei!

MAX

O quê? Calúnia! Eu só troquei teu dinheiro em dólar por causa da inflação. Graças a mim, os teus vinte contos hoje são vinte e cinco.

LÜCIA

Quero os meus trinta contos! Meus não, do papai!

MAX

É claro, faço questão de te entregar tudo. Chega de fazer favor e receber desaforo. Só que tem que me tirar daqui, porque tá tudo no City Bank. Eu não sou irresponsável de andar com dinheiro dos outros no bolso.

LÜCIA

Faz um cheque!

MAX

E eu venho à cadeia com talão de cheque? Teu pai é perito em fazer nego assinar tudo quanto é confissão. . . Imagine um cheque do City Bank! Eu fico bobo é com a tua tacanharia, Lúcia. Daqui a pouco eu começo a cobrar pelas caixas de marrom-glacê que eu trago pra você devorar.

LÚCIA

Olha, pega os teus marrom-glacê e enfia no cu da Teresinha Duran!

MAX

Teresinha Duran! Ahhhh, então a Teresinha era essa? Oh, baby, você não vai ser bobinha a ponto de ter ciúme de Teresinha Duran, vai?

LÜCIA

Vai dizer que não casou com ela, vai?

MAX

Mulher já não prima pelo intelecto. Quando tá com ciúme então, aí é que emburrece de vez.

LÜCIA

Vai dizer, vai?

MAX

Ha ha ha, já sei! Só pode ser arranjo daquele velho safado! Tá com a filha encalhada na prateleira, o velho. Daí, só porque eu fui lá vez e outra, tralalá, trololó, coisa e tal, o velho espalha boato de casório pra valorizar o material.

LÚCIA

Vocês têm papel passado em cartório, que eu sei!

MAX

Lúcia, eu já estou envolvido em vinte e nove processos. Tá querendo me enquadrar por bigamia também, é?

LÜCIA

Tô cagando, sabe o que é isso? Quero que você morra! E quero ver aquela galinha viúva, todinha de preto!

MAX

Logo a Teresinha, pô. Se é pra me acusar de casamento, arranja uma mulher melhor. Uma Joan Crawford, por aí. Mas nunca a Teresinha, ainda mais com aquele problema chato. . .

LÚCIA

Que problema?

MAX

Aquele corrimento que não pára. Você acha que o seu Max ia casar com uma mulher que vive vazando?

LÚCIA

Max, você tá com jeito de quem vai me enganar. . .

MAX

Deixa disso, baby, você sabe que eu sou louco por você. Quem já deitou contigo não esquece, minha pombinha de veludo. Se eu pudesse, comia você agora mesmo, com grade e tudo. (Agarra Lúcia) Abre a porta, Lúcia. Eu te desejo! Lúcia, amor de pica é amor que fica!

TERESINHA (Entra)

Preciso falar com meu marido. Oh, que é isso?

MAX
Que azar!

LÚCIA
Que bandido!

TERESINHA
Quem é essa pessoa?

LÚCIA
Quem é essa pessoa?

TERESINHA
Sou a senhora Max Overseas, encantada. Querido, você jurou que não punha mais os pés num bordel. Viu no que é que deu?

LÚCIA
Ah, é? Andando com as putas de novo? Seu cachorro!

TERESINHA
Meu bem, eu trago grandes novidades! Consegui um contato direto com Nova Iorque! Já mandei um telegrama em nosso nome para a United Merchants and Manufacturers. . . Max, você tá me ouvindo? Por que não olha pra tua esposinha?

LÚCIA
Olha pra tua esposinha, tarado! Polígono! Você nunca vai ver os cornos do teu filho, viu?

TERESINHA
Que filho?

LÚCIA
Isto aqui. (Mostra a barriga) Tá pensando que é chope? Isto é o bendito fruto do meu casamento com Max.

TERESINHA
Você tá enganada, moça. Eu é que casei com ele. De branco e tudo, véu, grinalda, juiz e padrinho, né, Max?

MAX
Não exagera, tá? A brincadeira já foi longe demais.

TERESINHA
O quê? Tem coragem de me renegar?

MAX

Ah, Teresinha, eu não tô te renegando. Você é uma moça excelente, muito prestativa, boa datilografa. Sabe inglês, foi por isso que eu te admiti como secretária.

TERESINHA

O quê?

MAX

E assim mesmo você andou abusando. Quem foi que te deu o direito de dispensar o Barrabás?

TERESINHA

Max, os teus negócios também são meus! Ah, antes que eu me esqueça, a tua aliança. . . Toma, você esqueceu na mesinha de cabeceira. . .

LÚCIA

O quê? Ah, agora sim, a prova do crime! (Torce o braço de Max) Vai confessar ou não vai?

MAX

Que é isso, Lúcia, me larga! Não tá vendo que isso é truque dela pra nos separar? Truque barato! (Atira longe a aliança) Bijuteria de camelô!

TERESINHA

Max, olha o que você fez!

ESTADOS UNI

MAX

Você não desconfia de nada, Teresinha? Quer ver a minha caveira, quer?

LÚCIA

É isso mesmo, mocinha. Tá vendo que ele tá com um pé na cova e ainda vem tripudiar?

TERESINHA

Se a rapariga tivesse recebido um mínimo de educação, saberia que, em conversa particular de marido e mulher, não se mete a colher.

LÚCIA

Educação, é? A leide estudou no Sacrequer, é? Pois vamos ali na salinha ao lado que vou te mostrar um pouco de educação pra senhorita!

TERESINHA

Senhorita, não. Senhora!

LÚCIA

Pois a senhora vá tomar no seu rabo.

TERESINHA

Que coisa mais vulgar!

LÚCIA

Vou chamar o investigador pra tu ver o que é bom pra tosse.

TERESINHA

Pode chamar quem quiser, moça. O Max me protege.

LÚCIA

Deixa disso, mulher. O negócio do Max é aqui comigo.

TERESINHA

Pode falar à vontade. O Max me ama.

LÚCIA

Te ama? Pois em mim ele dá cinco sem sair de cima.

TERESINHA

Comigo ele chora de prazer!

LÚCIA

Comigo ele rola no tapete!

TERESINHA
Comigo ele fica vesguinho. ..

LÚCIA
Comigo ele fala um montão de porcaria. . .

A orquestra ataca a introdução.
Teresinha e Lúcia cantam "O Meu Amor"

TERESINHA
O meu amor
Tem um jeito manso que ê só seu
E que me deixa louca
Quando me beija a boca
A minha pele toda fica arrepiada
E me beija com calma e fundo
Até minh'alma se sentir beijada

LÚCIA
O meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
Que rouba os meus sentidos
Viola os meus ouvidos
Com tantos segredos
Lindos e indecentes
Depois brinca comigo
Ri do meu umbigo
E me crava os dentes

AS DUAS
Eu sou sua menina, viu?
E ele é o meu rapaz
Meu corpo é testemunha
Do bem que ele me faz

LÚCIA
Meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
De me deixar maluca
Quando me roça a nuca
E quase me machuca
Com a barba mal feita
E de pousar as coxas
Entre as minhas coxas
Quando ele se deita

TERESINHA
O meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
De me fazer rodeios
De me beijar os seios
Me beijar o ventre
E me beijar o sexo
E o mundo sai rodando
E tudo vai ficando
Solto e desconexo

AS DUAS
Eu sou sua menina, viu?
E ele ê o meu rapaz
Meu corpo é testemunha
Do bem que ele me faz

Sobe o volume da orquestra; as duas se encaram e, súbito, se atracam.

BARRABÁS (Entra tentando separá-las)
Pára! Solta! Ah, essas unhas! (Puxa Teresinha) Fora daqui, moça!

LÚCIA
Dá umas porradas nela, dá!

BARRABÁS
Aqui tu não manda nada, viu? Fora!

TERESINHA
Me larga!

BARRABÁS
Aqui o galo sou eu! Fora!

TERESINHA
Eu sou uma senhora de respeito, caralho! Me solta!

BARRABÁS (Arrasta Teresinha pra fora)
E se voltar, fica! Fora!

LÜCIA
Me desculpe, amor, eu perdi a cabeça. Essa história de casamento me deixou confusa. . .

MAX
Casamento, tem graça. . . Você acha que eu ia deixar esse filho da mãe

escorraçar esposa minha desse jeito? Sabe, Lúcia, eu te amo e sou fiel.

LÚCIA

Você pode até me achar cruel, mas eu preferia te ver morto a te ver nos braços de outra.

MAX

E eu prefiro morrer nos teus braços a viver nos braços de outra.

LÚCIA

Que lindo! Repete, vá!

MAX

Prefiro morrer nos teus braços a viver nos braços de outra.

LÚCIA

Tu é poeta pra caramba, hein?

MAX

Mas eu quero te dever mais do que já devo. Quero te dever a própria vida. Me solta, Lúcia, me solta!

LÚCIA

Não sei. . .

MAX

Você sabe que podem me liquidar a qualquer momento! Cadê teu pai?

LÚCIA

Tava no quarto dele tomando uns rabo-de-galo. A esta altura do porre, já deve estar dormindo. . .

MAX

Então vá lá e me traga as chaves. Depois você distrai o Barrabás como só você sabe. E nessa eu caio fora.

LÚCIA

Não, Max! Eu quero ir contigo!

MAX

Não dá, Lúcia. O Barrabás vai perceber. . . Já reparou como ele não tira os olhos de ti? Mas assim que a coisa serenar, venho correndo te buscar. A gente se casa nas burocracias todas e eu te levo pra Hollywood.

LÚCIA

Eu te adoro, te quero e te venero.

MAX

Rápido, rápido. Eu também te adoro, quero e venero. Ah, Lúcia, quando apanhar as chaves, aproveita e pega uns dois contos do teu pai, que eu vou precisar pro táxi. Rápido, vai!

Black-out; breve interlúdio da orquestra, lembrando o tema de "O Meu Amor”.

CENA 4

Casa de Duran; Duran e Vitória estão à janela, observando a multidão lâ fora; continua o canto da cena anterior, acrescido de gritos e sussurros.

DURAN

Estão todos esperando um aceno meu, Vitória! São dez mil cabeças, fora as perucas das nossas funcionárias. Sabe como é que estou me sentindo? Igualzinho ao Moisés na margem do mar Vermelho! Só fico puto que o que me custa duzentos contos, aquele judeu conseguiu de graça.

VITÓRIA

Eu estou tão preocupada, Duran.

DURAN

Que é isso, Vitória, tô só especulando. E eu sou lá maluco de gastar duzentos contos com vagabundo? O pagamento tá marcado pro final da passeata. Como não vai haver passeata. . .

VITÓRIA

O que me apavora é o cheiro dessa gente. . . É um troço pegajoso. Já tomei cinco banhos de Shalimar e continua parecendo que sou eu que estou cheirando a povo.

DURAN

Olha o Chaves chegando aí. E pela cara do desgraçado, vem de mão vazia. Olha, Vitória, em último caso, se a polícia não pegar o Max, é evidente que a gente suspende a passeata do mesmo jeito. Isso aí tá engrossando muito e pode dar complicação. Sem falar nos duzentos contos. Mas se o Chaves suspeitar que a gente tá vacilando, aí então é que ele faz corpo mole. Segura firme, Vitória!

Entra Chaves

DURAN

E então? Exterminou o bandido? Parabéns, Chaves! Deve ter sido duro pra você. Mas eu gostei. Você foi pragmático! Ainda chega a senador. . .

CHAVES

Muito bem, senhores. Acabo de descobrir que posso processar vocês dois por incitamento à baderna.

VITÓRIA

Aceita um chá de camomila, inspetor?

CHAVES

Camomila o cacete! Eu não posso permitir que uma minoria insignificante perturbe a ordem pública dessa maneira! Os senhores façam o favor de conter essa manifestação imediatamente!

DURAN

Mas quem sou eu, Chaves? A polícia é você!

CHAVES

Tu não quer solução pacífica? Tá bem. Eu prendo essas putas todas!

DURAN

Prende mesmo, é fácil. Isso aí é realmente uma minoria insignificante. É tudo gente aprumada na vida, gente asseada, assalariada, umas proletárias de luxo. Mas se você prestar atenção à janela, vai notar que vem aí outro tipo de gente. Quem vai protestar na rua são os milhares de desempregados desta cidade, esses sim, com toneladas de motivos. Sem falar nos subempregados, nos engraxates, nos lambe-botas, nos vendedores de bugigangas. Vagabundo então, não pode ver aglomerado que vai logo se enfiando no meio. E se tanta gente imunda e miserável vai pra rua, por que não haverão de sair os aleijados? Ah, não, esses não vão perder a chance de exibir seus tocos à luz do dia. Junta os leprosos, os bêbados, os toxicômanos, e só aí a tua minoria já foi à merda. Mais os tuberculosos, os maleitosos, os sifilíticos, os epiléticos, os débeis mentais, os menores abandonados, os velhinhos desamparados, as bichas, os pretos e os curiosos, e se prepare pra prender noventa por cento da população do Rio de Janeiro! São um milhão e setecentos mil cadáveres pra boiar no rio da Guarda.

CHAVES

Porra! Um milhão e setecentos mil presuntos é encomenda pra atacadista. Tu sempre encomendou no varejo, Duran.

DURAN

Um momento, inspetor! Cuidado com o que diz! Denunciar criminosos é dever de todo cidadão honesto. Já não se pode dizer o mesmo de quem pratica a pena de morte ao arrepio da lei.

CHAVES

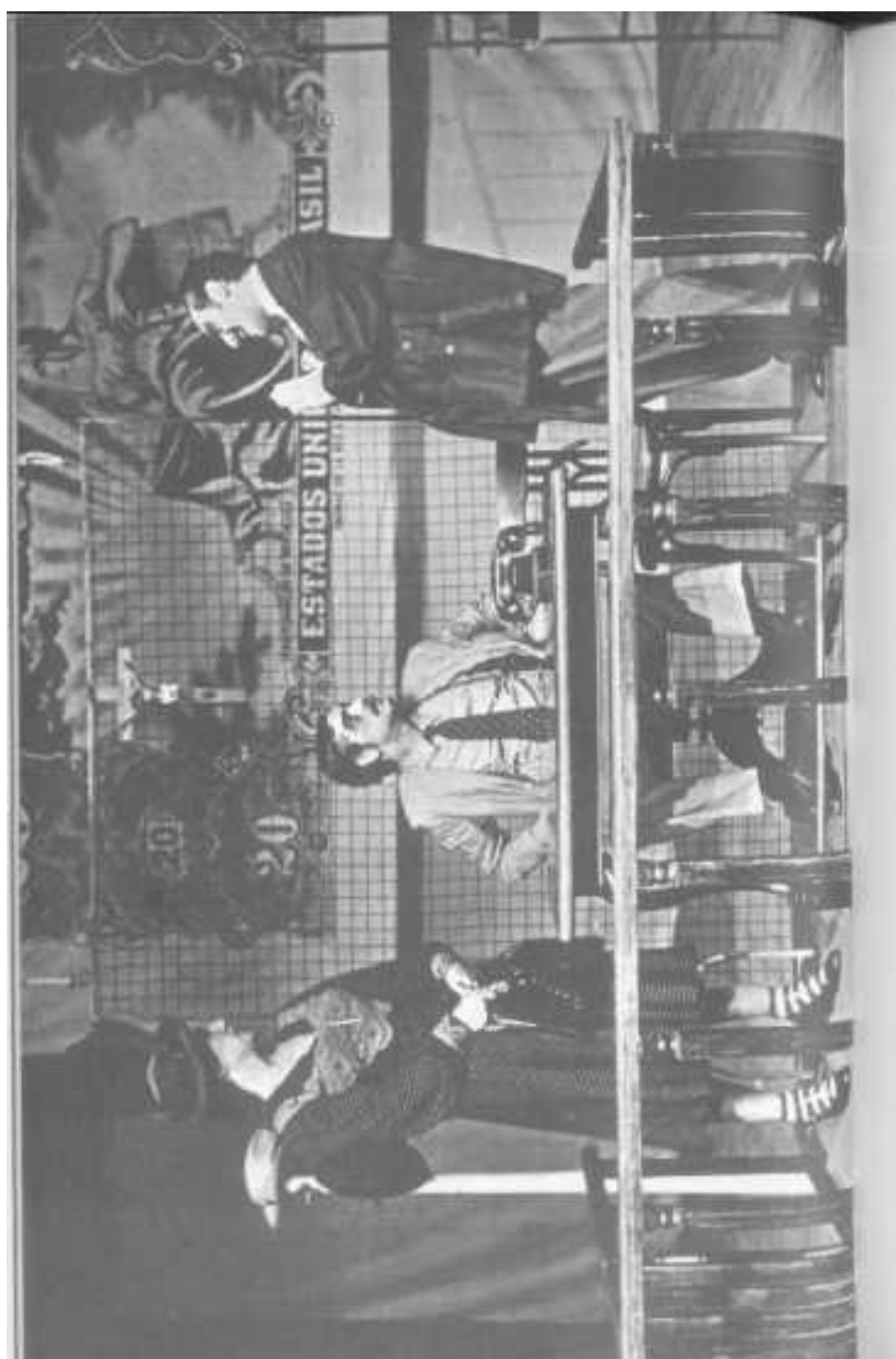
Que é que tu quer dizer?

DURAN

Minha maneira de contribuir para a redução da marginalidade é empregar

mil quatrocentos e trinta e dois funcionários fixos. Além de outros dez mil que eu ajudo aqui e ali. Mas você não, você tá tingindo os subúrbios com o sangue dos mendigos e dos adversários. Não adianta, Chaves, você não me enquadra. A minha bíblia é a Constituição da República e as leis trabalhistas são o meu breviário. Você já ouviu falar em lei? Em Constituição?

CHAVES

Eu não tô no banco dos réus pra ser julgado assim.

DURAN

Mas vai estar, inspetor, vai estar logo logo. E quem vai te julgar não sou eu não, vai ser esse povo aí fora. Você não lê jornal, lê? Pois fique sabendo que os alemães perderam as calças em Stalingrado. Os aliados já ocuparam o norte da África. Os ingleses e os americanos já desembarcaram em Nápoles, viu? Mussolini tá perigando. Enfim, pra teu governo, o nazi-fascismo tá no fim!

CHAVES

Pra meu governo? E tu, como é que fica? Afinal, nós fomos colegas na Ação Integralista. . .

DURAN

Mas você é casca-grossa mesmo. Continua fazendo uma confusão grosseira entre a filosofia integralista e a delinqüência de alguns sádicos nazistas. Olha, Chaves, outro dia houve um levante no gueto de Varsóvia. Logo outros guetos vão-se levantar e, mais dia menos dia, todos os perseguidos nesta guerra vão exigir justiça. Os nazistas vão pagar caro por seus crimes. Haverá tribunais populares em todos os cantos do mundo. E o que é que te faz pensar que aqui no Brasil os criminosos vão ficar impunes? Hein? Como é que o Hitlerzinho da Lapa vai-se safar desta, hein? Calcule a indignação da opinião pública quando forem denunciadas as atrocidades cometidas por um certo inspetor Chaves, mais conhecido por Tigrão, o facínora. . .

CHAVES

Não, Duran, por favor, chega!

DURAN

Liquidou o bandido?

CHAVES

Eu fiz o possível e o impossível!

DURAN

Vais ter um nobre destino. Igualzinho à dona Maria Antonieta. A não ser, é claro, que você use a cabeça e me apresente a cabeça do teu amigo. Aí, quem sabe, dá-se um jeitinho, né? Mas acho que já nem dá tempo, inspetor.

CHAVES

Me acredita, Duran! Botei todas as patrulhas pra caçar aquele desgraçado. Toda a força pública, bombeiro, cachorro, fuzileiro naval, DIP, tudo. Vasculhei os covins, fechei os cassinos, invadi as pensões, bloqueei as estradas, parei os trens, interditei o Santos Dumont, o serviço de barcas, e nada! A esta altura ele já deve estar longe. . . O país tem oito mil quilômetros de fronteira!

DURAN

Pois é. Igualzinho à dona Maria Antonieta. Tribunais populares. . . Cabeças rolando. . . Aliás, os moleques de rua vão adorar bater umas peladas com o teu coco.

CHAVES

Ai, meu Deus, a vida já não tem sentido pra mim! Duran, pelo amor que tu tem a Cristo, me atende um último desejo! Dona Vitória, pelo amor da tua filha, me escuta! Eu também tenho uma filha... Ela vai ficar desamparada no mundo. Promete que cuida dela, dona Vitória? Duran, tu emprega Lúcia num dos teus puteiros? Me promete isso e eu morro sossegado!

Entra Geni com a chapeleira

GENI

Olá, todo mundo. Vitória, me vê um conhaque urgente que eu estou com uma angina no peito! (Estende-se na poltrona enquanto Vitória vai buscar a garrafa)

DURAN

Ué, Genival, você não vai ao desfile?

GENI

Pra quê? Por vinte pratas que você nem vai pagar?

DURAN

Que é isso? Duvidando da minha honestidade?

GENI

Nunca, Duran. Mas por que é que você vai pagar por uma passeata que não vai acontecer?

DURAN

Não vai acontecer? Já viu a multidão aí fora?

GENI

Que tumulto, hein? Eles vão ficar bem chateados quando você suspender a passeata.

DURAN

Eu não vou suspender nada, de jeito nenhum. A não ser, é claro, que o meu amigo Chaves cumpra com o seu dever.

GENI

Justamente. Acho que o Tigrão só não cumpre o dever se não quiser.

CHAVES

Que é que tu tá insinuando, ô, veado? Pensa que eu tô protegendo aquele patife?

GENI

Eu não disse isso. . .

CHAVES

Sai da minha frente, vai, cai fora!

VITÓRIA

Calma, inspetor. Algo me diz que o Genival tem novidades pra nós.

DURAN

Você sabe do Max, Genival?

GENI

Esse conhaque caiu redondinho, Vitória.

CHAVES

Sabe do Max, porra? Fala duma vez!

GENI

Serve mais um, Vitória?

CHAVES

Ah, eu esgano este puto! (Avança sobre Geni)

VITÓRIA

Não faça isso, inspetor, que você estraga tudo! Fala, Genival, fica à vontade.

GENI

Oh, inspetor, que lindas mãos! Posso ler?

CHAVES

Tu vai ler é uma caceta!

DURAN

Deixa ele ler, Chaves, ouve o que eu tô falando! Lê a mão dele, Genival, que ele tá morrendo de curiosidade.

CHAVES

Vai, vai logo, lê essa bosta!

GENI

Ah, que emocionante. Um futuro grandioso! Muito poder nas suas mãos! Quantas viagens! Oh, oh, oh que lindo! Um aviãozinho no céu azul. . . Nossa, que

aviãozão enorme! Xiiiiii. . .

CHAVES
O que foi?

GENI
Caiu.

CHAVES
Agora chega. Se tu sabe alguma coisa do Max, desembucha duma vez.

GENI
Pois é, o Max. . . Sujeito alinhado, o Max. Mulhereeeeengo! Lembra ontem à tarde, quando eu deixei escapar pra vocês que o Max tava no puteiro dos Arcos?

CHAVES
Mas hoje ele não tá em puteiro nenhum, que eu já revistei todos.

GENI
É claro que não tá. O Max jamais vai a puteiro em feriado nacional. Eu tava falando de ontem.

DURAN
E você veio aqui pra falar de ontem, Genival?

GENI
Também. Eu ontem dei uma informação, sem querer mas dei, e vocês nem agradeceram.

CHAVES
Ah, é? Pois não tem agradecimento nenhum. O Max fugiu da cadeia no mesmo dia.

GENI
Bom, eu não tenho culpa se a polícia é incompetente. ..

CHAVES
Ah, Duran, ah, dona Vitória, vocês vão me desculpar mas agora eu arrebento esse veado puto!

VITÓRIA
Inspetor, eu tenho certeza que o Genival tem outras coisas pra falar. Tô vendo nos olhos dele.

DURAN
Quanto é o agradecimento por ontem, Genival?

GENI

Olha, era só dois contos. Mas agora que o inspetor me chamou de veado puto eu vou ter que exigir uma indenização. Fica tudo por quatro contos e eu me dou por satisfeita.

CHAVES

Se não é veado, o que é que é? É machão?

GENI

Nem veado nem machão. Eu sou plurissexual.

DURAN

É melhor pagar logo, Chaves, senão aumenta.

CHAVES

Toma, porra!

GENI

Não, assim tão cru eu nem tenho jeito de receber.

CHAVES

O que tu quer mais?

GENI

Aceito desculpas.

CHAVES

Nunca! Não peço desculpa a veado por nada deste mundo!

GENI

Veado, não.

VITÓRIA

Por favor, inspetor.

DURAN

Deixa de besteira, Chaves. Pede desculpas.

CHAVES

Desculpa, porra!

GENI (Pega o dinheiro)

Dá mais um conhaque, querida?

VITÓRIA

Toma, Genival. Mas agora é melhor vender teu peixe, que já passa das

duas.

GENI

Pois é, como eu ia dizendo, o Max conheceu uma putinha nova ontem e marcou encontro pra esta tarde. O Max é um cavalheiro muito distinto e é incapaz de faltar com a palavra. As mulheres também não faltam, é claro, todas elas adoram o Max. Por falar nisso, que menina sortuda a tua filha, hein, Vitória? Sabe, eu trouxe aqui um anel que é feito sob medida pra uma recém-casada. (Abre a chapeleira) É platina pura com um big solitário da índia.

VITÓRIA

Faz aí um cheque, Duran. São três contos, né?

GENI

Três? Isso faz muito tempo, meu anjo. Agora não pode ficar por menos de doze.

DURAN

O quê? Doze contos? De jeito nenhum!

VITÓRIA

Duran, o tempo tá correndo!

DURAN

Eu pago sete e fim.

GENI

É doze e fim.

CHAVES

Vamos, pessoal, vamos logo com isso!

GENI

Ah, Tigrão, eu também não me esqueci da tua filha. Coitada, ela era tarada pelo Max e ele chutou ela pra titia. Olha aqui, esses brincos vão cair lindamente numa solteirona. Bem discretos, são de marcassita. Pra você eu faço um preçinho especial: quinze contos.

CHAVES

Tá louco! Onde é que eu vou arranjar quinze contos?

GENI

Ah, Vitória, olha só esse xale. Todo bordado a mão. É da ilha da Madeira e bate com o solitário: doze contos, apenas. E pro Duran não ficar chateado, tem esse isqueiro Dupont, folheado a ouro. . .

DURAN

Eu não fumo!

GENI

Sai por dezesseis contos. Dezesseis com vinte e quatro, olha que graça, deu quarenta justinhos! Você, Tigrão, tem os quinze dos brincos, mais este chaveiro com uma figa de marfim, total: trinta e cinco contos, só porque é amigo. . .

CHAVES (Pula sobre Geni e torce-lhe o braço)

Diga já onde é que tá o Max, senão. . .

GENI

Avenida Atlântica, 120.

CHAVES

Tão vendo, seus idiotas? (Prepara-se para sair) Comigo não tem eu doce não!

GENI

Otário.

CHAVES

Como disse?

GENI

Otário.

CHAVES

Vai dizer que deu o endereço errado? Não, tu não é homem pra isso! Se o Max não tá lá nesse número, eu volto, te prendo e te mato!

GENI

Só que, quando voltar de Copacabana, às quatro e meia da tarde, com esse carnaval aí fora, você não vai ter tempo de prender ninguém. Você vai estar promovido a xerife no território do Acre! Bem, gente, eu vou andando. Agora sim, eu acredito nessa passeata. E eu não quero perder.

DURAN

Espera, Genival.

VITÓRIA

Você é burro mesmo, hein, inspetor? Puta que o pariu!

CHAVES

Genival, eu peço perdão, eu perdi o controle, desculpa!

GENI

Eu tô exausta de desculpas. Agora eu quero é quarenta contos do Duran e trinta e cinco do inspetor que aliás acabam de passar a cinqüenta pra indenizar a ofensa física.

CHAVES
Mas eu não tenho esse dinheiro todo!

GENI
O teu amigo Duran empresta, né?

DURAN
Você tá me arruinando, Genival. Noventa contos é demais!

VITÓRIA
Duran, tá em cima da hora!

DURAN
Merda! (Assina o cheque)

VITÓRIA
Agora fala, Genival.

CHAVES
Pelo amor que tu tem a Cristo, fala!

GENI
Então o Max marcou encontro esta tarde com a menina. Aliás, não sei o que foi que ele viu naquela biscatinha. Mas enfim, ele é tão novidadeiro! E, ao mesmo tempo, o Max é muito metódico. O primeiro encontro com uma mulher tem que ser sempre no mesmo lugar. Diga-se de passagem que é um lugar maravilhoso. Muito bem decorado, espaçoso, confortável, cheio de tapetes, almofadas, coisa e tal. Enfim, a mulher passa horas inesquecíveis com o Max. Porque ele é insaciável. Dá uma, muda de cama, dá outra, muda de cama, ele não pára quieto. E nessa agitação toda, consegue ser romântico, tão romântico. . .

CHAVES
Assim é foda!

DURAN
Toma o cheque e diz logo o endereço.

GENI (Guarda o cheque no peito, como se usasse sutiã)
Tão romântico! Mas tão romântico que me deu vontade de cantar. Vocês agora vão-se sentar direitinho pra assistir ao meu show.

CHAVES
Ai, meu saco, meus culhões, caralho. . .

VITÓRIA

Cala a boca, cretino, e senta aqui.

GENI

Ah, na hora do coro vocês cantam comigo, tá? Mas bem forte, inspetor, bem forte!

Orquestra ataca introdução
Geni canta "Geni e o Zepelim"

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela jâ foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Foi assim desde menina
Das lésbicas, concubina
Dos pederastas, amásio
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques de ginásio
E também dá-se amiúde
Aos velhinhos sem saúde
E às viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E ê por isso que a cidade
Vive sempre a repetir

COM CORO
Joga pedra na Geni
joga bosta na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela ê boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Um dia surgiu, brilhante
Entre as nuvens, flutuante
Um enorme zepelim
Pairou sobre os edifícios
Abriu dois mil orifícios
Com dois mil canhões assim
A cidade apavorada
Se quedou paralisada
Pronta pra virar geléia

Mas do zepelim gigante
Desceu o seu comandante
Dizendo Mudei de idéia
Quando vi nesta cidade
Tanto horror e iniqüidade
Resolvi tudo explodir
Mas posso evitar o drama
Se aquela formosa dama
Esta noite me servir

COM CORO
Essa dama era Geni
Mas não pode ser Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela ê boa de cuspir
Ela dâ pra qualquer um
Maldita Geni

Mas, de fato, logo ela
Tão coitada e tão singela
Cativara o forasteiro
O guerreiro tão vistoso
Tão temido e poderoso
Era dela, prisioneiro
Acontece que a donzela
e isso era segredo dela
Também tinha seus caprichos
E a deitar com homem tão nobre
Tão cheirando a brilho e a cobre
Preferia amar com os bichos
Ao ouvir tal heresia
A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão
O prefeito de joelhos
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão

COM CORO
Vai com ele, vai, Geni
Vai com ele, vai, Geni
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir
Você dâ pra qualquer um
Bendita Geni

Foram tantos os pedidos
Tão sinceros, tão sentidos

Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco
Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado
E nem bem amanhecia
Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado
Num suspiro aliviado
Ela se virou de lado
E tentou até sorrir
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir

COM CORO
joga pedra na Geni
Joga bosta na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Breque na orquestra.

GENI
Acabou.

DURAN
Ah, muito bem.

VITÓRIA
Bravos!

GENI
Não vão pedir bis?

VITÓRIA
Ah, Genival!

GENI
Inspetor, não vai pedir bis?

CHAVES
Bis.

GENI

É, mas hoje eu tô muito cansada pra dar bis. Vocês voltam amanhã, tá?

DURAN

O endereço, Genival!

GENI

É Rua do Catete, 194. A Renascença, Móveis e Decorações.

CHAVES

Tu tá gozando. ..

GENI

É isso mesmo. Ele tem cópia das chaves. Todo domingo, feriado e dia santo ele festeja uma mocinha naquela garçonnière lá.

Todos saem correndo, exceto Geni que senta-se na poltrona, toma um gole de conhaque e se abana com o cheque; cai a luz em resistência.

CENA 5

Cadeia; Max dentro da cela e Barrabás do lado de fora

BARRABÁS

Desta tu não escapa, hein?

MAX

Escapo sim.

BARRABÁS

Ah, é? E quem te safa?

MAX

Você, Barrabás. Você vai tomar a arma do inspetor, vai trancar todo mundo no banheiro e vai embora comigo.

BARRABÁS

Ah sim, meu amor? Depois promete que casa comigo? Hein, coraçãozinho? Também vai me levar pra Hollywood?

MAX

Não, muito melhor. Vou te levar pra Cuba. Já ouviu falar de Cuba? É o paraíso, Barrabás. Muita praia, muito coqueiro, muito cassino, muita rumba, muita mulher e ninguém precisa trabalhar. Eu tenho um camaradinha lá chamado Fulgêncio. Imagina que o Fulgêncio me mandou um cartão postal contando que

agora ele é o manda-chuva de lá. Quer dizer, Barrabás, que lá em Havana você é amigo do amigo do rei.

BARRABÁS

Conta mais, conta mais que eu tô quase abrindo as pernas!

MAX

Pára com isso, Barrabás! Eu sei que você não é mulher nem criança pra cair em conversa fiada. Você é malandro, que eu sei! Muito mais malandro do que eu! Basta dizer que arranjou emprego na polícia, logo você que tem uma folha corrida mais suja que colchão de puta. Não precisa dizer mais nada, é só ver quem tá de que lado da grade pra saber quem é mais malandro.

BARRABÁS

Obrigado.

MAX

Então, isso que eu falo do meu amigo Fulgêncio, isso não é nada, é só uma sugestão dum belo lugar pra você passar o resto dos seus dias, fazendo pesca submarina no Caribe. É só isso, e você não vai me soltar por causa disso. Você vai me soltar porque eu te dou condições de ser feliz em Cuba, em Honolulu ou em qualquer outro lugar do mundo. Em outras palavras, vou te dar todo o dinheiro que tenho no cofre.

BARRABÁS

Cala a boca, Max. Assim você me ofende. Agora eu sou um homem de bem. . . Quanto é que você tem no cofre?

MAX

Pra lá de cinco mil dólares. . . Escuta! É a voz da Teresinha. Vamos fazer melhor, Barrabás. Eu digo à Teresinha pra te abrir o cofre. Você me solta e fica garantido. Eu não vou te dar um golpe se a Teresinha ta contigo de refém. . . Teresinha, meu amor!

TERESINHA (Entra)

Max, que bom te ver! Eu tava com tanto medo de chegar atrasada!

MAX

Você chegou na hora exata. Conhece o Barrabás, não é mesmo?

TERESINHA

Prazer. Sabe o que é, Max? A gente tá com o tempo apertado e eu trouxe uns papéis pra você assinar.

MAX

Isso a gente vê amanhã, baby. Agora o Barrabás vai me soltar e você vai dar a ele todo o dinheiro do cofre.

TERESINHA

Dinheiro do cofre?

MAX

Todinho. Vamos, Barrabás! Dá uma gravata no inspetor.

TERESINHA

Mas, querido, não tem dinheiro nenhum no cofre.

MAX

Não tem? Cê tá louca? Tinha mais de cinco mil dólares!

TERESINHA

Cinco mil cento e sete dólares e vinte e cinco cents. Mas agora a gente tá devendo dezessete mil.

BARRABÁS

Adeus, Max.

MAX

Tá brincando. Devendo a quem?

TERESINHA

Aos bancos, é claro. Uma firma tem que estar sempre devendo a todos os bancos. Tá tudo aqui no livro-caixa, meu amor, mas é meio complicado de explicar e não vai dar tempo de você conferir. Mas pra ter uma idéia, só de advogados, contabilidade e documentação, foram uns seis mil. E dez mil dólares eu dei de entrada num conjunto de salas na Avenida Central. Uma beleza, Max. No oitavo andar, com porteiro, elevador e ar refrigerado para os dias de calor. Você tem que assinar aqui, aqui e aqui. Foi mais por isso que eu vim assim correndo, porque é da maior urgência e mal deu pra eu me pintar. (Max vai assinando tudo sem esboçar a menor reação) A firma precisava dum endereço comercial porque não tinha graça timbrar no papel: MAXTERTEX Limitada, endereço cabana na praia. Ah, as promissórias, que eu prometi levar a tua assinatura aos bancos amanhã bem cedo. Os gerentes têm sido muito camaradas comigo, sabe, Max? Imagina que eles me atenderam em dia de sábado! Agora só falta assinar essa folha em branco que é pra me prevenir em caso de acidente grave ou doença que te deixe impedido e que é prós nossos negócios não sofrerem solução de continuidade e o dr. Sobral já me disse que espólio é um processo muito demorado. . . Ah, que bom que deu tempo pra tudo! Fala de você agora, querido. Max, eu nunca te vi calado assim! Diz o que é que você ta sentindo, por favor!

MAX

Eu estou sentindo medo, muito medo. (Cresce o barulho da passeata, como uma canção selvagem)

TERESINHA

Bom, não é pra te consolar, mas quem hoje te condena à morte tá condenado pra depois de amanhã. Papai, inspetor Chaves, a Lapa, as falcatruas, todo esse mundo já tá morto e caindo aos pedaços.

MAX_

É, isso não me consola muito não. Tô com medo.

TERESINHA

Eles também tão com medo, Max. Precisava ver a cara da mamãe. Tá ouvindo a multidão aí embaixo? Coitada da mãe, mas essa gente tá certa, tem mesmo que desabafar. Ninguém agüenta mais esse clima, esse sufoco! Tá todo mundo precisando duma coisa nova, mais aberta, mais limpa e arejada. Tá na cara que tem que mudar tudo e já! Tem que abrir avenidas largas, tem que levantar muitos arranha-céus, tem que inventar anúncios luminosos, e a MAXTERTEX faz parte do grande projeto. Você devia se orgulhar, Max, porque nisso tudo tem um pedaço do teu nome e um pouquinho do teu espírito. . .

MAX

Que se foda o meu espírito. Quem tá com medo é o meu corpo. É deste corpo aqui que eu gosto, gosto muito, adoro. Tô acostumado dentro dele e não quero sair.

TERESINHA

Sangue novo! A nova civilização! É claro que os malandrinhos, os bandidinhos e os que acham que sempre dá-se um jeitinho, esses vão apodrecer debaixo da ponte. Mas nesse povo aí fora não dá só vagabundo e marginal, não. E vai ter um lugar ao sol pra quem quiser lutar e souber vencer na vida. É daí que vem o progresso, Max, do trabalho dessa gente e da nossa imaginação. Daqui a uns anos, você vai ver só. Em cada sinal de trânsito, em cada farol de carro, em cada nova sirene de fábrica vai ter um dedo da nossa firma. Você devia se orgulhar, Max.

MAX

Este meu corpo tá inteirinho, tá cheiroso, tá com toda a vida, tá jogando saúde pelo ladrão. A boca quer chupar mais manga, a garganta quer tomar mais cerveja, o pau tá querendo foder e a cabeça quer pensar besteira. Depois ia chegar um dia que o corpo ia parando de querer. Ia minguando a fome, a sede, o tesão, ia dando preguiça de pensar, e as carnes se decompondo naturalmente, devagar, na cama. Assim é que tinha que ser.

TERESINHA

E vai demorar meio século pra essa gente se juntar de novo e levantar a voz. Porque a multidão não vai estar abafada, nem encurralada, nem tiranizada, nem nada. Sabe o quê? A multidão vai estar é seduzida. Você devia se orgulhar.

MAX

Então, não é justo esmagar um corpo assim no meio do caminho. Interromper um gesto, a digestão, interromper uma idéia, um programa, uma música, o sangue correndo nas veias, e o corpo parar de chofre, ainda produzindo saliva e esperma, e cheio de merda por dentro.

Orquestra ataca a introdução, abafando o barulho da passeata

TERESINHA

Acho que tá na hora, Max.

MAX

Acho que tá na hora.

Max e Teresinha cantam "Pedaço de Mim"

TERESINHA

Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar

Que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar

MAX
Oh, pedaço de mim
Oh, metade exilada de mim
Leva os teus sinais
Que a saudade dói como um barco
Que aos poucos descreve um arco
E evita atracar no cais

TERESINHA
Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que jâ morreu

MAX
Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fisgada
No membro que jâ perdi

OS DOIS
Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Lava os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus

A orquestra segue tocando, mas é abafada aos poucos pelo canto barulhento da passeata.

CENA 6

Luz geral na cadeia; a alguns passos da cela estão Duran e Chaves, este com a pistola na mão

DURAN
Que é que tá esperando? Três, dois, um, já!

CHAVES
Espera aí. E a passeata?

DURAN
Primeiro executa o teu amigo. Aí a Vitória cuida da passeata.

CHAVES
Eu tenho o maior prazer em executar o meu amigo. Mas tem que desmanchar a passeata antes.

DURAN
Que é isso, Chaves? Não confia em mim?

CHAVES
E tu? Não confia em mim?

DURAN
Não.

CHAVES
Então empatou zero a zero.

DURAN
Assim não dá, Chaves. Alguém tem que agir primeiro.

CHAVES
Eu tô com a arma engatada e na mira, Duran. (Aproxima-se de Max) Tu fica ao meu lado. Na hora exata que esse esporro sossegar, tu me cutuca que eu dou o teco.

CENA 7

Entra em cena a passeata, comandada por João Alegre; Vitória caminha em direção à multidão

VITÓRIA

Muito bem, minha gente, vamos todos pra casa, vamos circular que a passeata está suspensa. Estão me ouvindo? Acabou a passeata! Ei, pessoal! Não tem mais passeata! Vocês estão surdos? Não tem passeata! Não tem. . .

A passeata atropela Vitória e segue em frente; Duran tenta socorrer Vitória mas ê arrastado; Chaves dá um tiro para o alto, em vão, e se esconde; enfim, Vitória levanta-se e vai ao proscênio

VITÓRIA

Luzes! Eu pedi luzes! Suspende o espetáculo! Luzes na platéia! Ei, vocês aí em cima na técnica! Pára tudo! Acende a platéia!

Luzes na platéia; a passeata pára

VITÓRIA

Mas que absurdo! Que palhaçada! Eu não saí de casa pra vir aqui passar vexame! Quem é o responsável por essa bagunça? Eu vou me queixar no Jornal Nacional. Que é que vocês estão pensando? Cadê o produtor?

DURAN/PRODUTOR

Estou aqui, dona Vitória, desculpe. Eu não sei como foi que isso aconteceu. A senhora está bem?

VITÓRIA

Eu estou ótima, e a tua mãe? Exijo satisfações!

DURAN/PRODUTOR

Pois é, essa baderna não estava no roteiro aprovado por todos nós. . . Ô, "seu" João Alegre, quer dar um pulinho aqui?

VITÓRIA
Seu sem-vergonha! Preto safado! Filho dum cão!

JOÃO ALEGRE
Sabe como é, dona? A senhora entende. . .

VITÓRIA
Eu não entendo nada!

JOÃO ALEGRE
A gente tá na onda do partido alto. Então, o puxador dá o mote e nego vai tirando o que pintar na mentalidade, sacou? É uma jogada que dá um pé na quadra e eu achei que no teatro ficava original. Mas não tive a intenção de ofender a madame. . .

VITÓRIA
Tua intenção era me mandar daqui pro Miguel Couto!

JOÃO ALEGRE
Não, madame, nunca, de jeito nenhum! Foi só um improviso, sem maldade. . .

DURAN/PRODUTOR
Dona Vitória, eu não sei o que dizer. Talvez o melhor fosse a gente esquecer o incidente e recomeçar o final da peça do jeito que tava combinado.

VITÓRIA
Eu, por mim, ia embora imediatamente. Só continuo aqui por respeito a esse público maravilhoso que pagou ingresso. . . Ô, você! Como é mesmo o nome do crioulo? Vamos fazer um gran finale decente, mas tem que ser igualzinho ao ensaio geral!

JOÃO ALEGRE
Ah, isso não dá, não senhora. O que tá feito, tá feito. Partideiro que se respeita não volta a palavra atrás.

PASSEATA
Viva! Agüenta firme! Boa, João! Salve João Alegre!

VITÓRIA
Que é isso?

DURAN
Tá pensando que é malandro, rapaz?

VITÓRIA
Vai juntar o teu gado e recomeçar o happy end! É pra já!

JOÃO ALEGRE
Vou não senhora.

PASSEATA
Grande, João! É o maior!

JOÃO ALEGRE
Eu também tenho um nome pra zelar.

PASSEATA
É isso mesmo! Segura as pontas, João! Viva!

DURAN/PRODUTOR
Você não pode fazer isso, João. Afinal, teatro é cultura!

JOÃO ALEGRE
Vambora pra rua, pessoal!

PASSEATA
Vamos lá! Apoiado! Já ganhou! Viva o João!

DURAN/PRODUTOR
Está certo, João Alegre, você venceu. A carreira é sua e você tem todo o direito de acabar com ela. Mas primeiro tem que me acompanhar ali na administração, que é pra formalizar a rescisão do contrato.

JOÃO ALEGRE
Com todo o prazer, doutor. Pessoal, eu volto já!

DURAN/PRODUTOR
É uma pena. Com um futuro tão promissor. . .

VITÓRIA
Podia até estourar na Broadway. . .

DURAN/PRODUTOR
Ia levantar aquela verba na Funarte. . .

VITÓRIA
Ainda ia ganhar o Oscar! (Saem Duran, Vitória e João Alegre)

INTERMEZZO
Luzes gerais no palco e na platéia

LÚCIA (Entra)
Que é que tá acontecendo, hein?

TERESINHA

O autor se meteu a besta e resolveu embananar o happy end. Daí os figurantes embarcaram na palhaçada. . .

BEN

Figurante é a mãe! Coadjuvante!

TERESINHA

Vamos, façam alguma coisa aí vocês! Tem que entreter o público!

MAX

Vamos, moçada! The show must go on!

SHIRLEY

Que é que eles tão querendo mais? Tô há quase três horas me esgoelando neste palco!

JUSSARA

Eles tão pensando que são estrela, só porque ganham dez vezes mais que a gente.

MIMI

Mas agora mixou. O João Alegre disse que, em peça dele, fodido é que fala mais alto. Diz que, em letreiro de teatro dele, fodido vai ser estrelo e estrelo vai se foder.

GENERAL

Disse, pois é. Mas quero ver o que é que ele vai dizer agora que estão umedecendo a pata dele.

SHIRLEY

Ele agüenta firme. Pelo João Alegre eu ponho a mão na merda.

PHILLIP

Vou te contar. Enquanto artista depender de autor e produtor, tá ferrado!

DÓRIS

Eu digo mais. A melhor coisa que pode acontecer pra gente, mas a melhor mesmo, coisa de sonho, coisa de shangri-la, é ter um cara da TV Globo na platéia e chamar a gente pra novela das oito.

JOHNNY

Sabe duma? Se eu fosse atacar de muamba pra valer, tava numa melhor.

FICHINHA

E eu? O que tô ganhando aqui num mês, puta de verdade fatura numa

noite, rodando a bolsa na Vieira Souto. Aliás, tô decidida. Vou ser puta no duro! Se alguém aí na platéia se habilita, é só passar no camarim.

GENERAL
Muito me admira é o Barrabás. Como é que é, homem, se bandeou pro lado dos ricos?

BARRABÁS
Te manca, General. Deixa eu me destacar aqui perto dos figurões.

JOHNNY
Belo espírito de solidariedade.

BARRABÁS
Daí eu pago uma lasanha na Fiorentina.

JOHNNY
Ah, bom.

GENI (Entra com duas bolsas grandes de palha)
Olá, todo mundo.

PHILLIP
Ô, Genival, chegue-se aos bons!

GENI
Quem é esse cara mesmo, hein? Ah, Teresinha, Lúcia, que bom encontrar vocês!

PHILLIP
Ô, bichona, eu falei contigo!

GENERAL
Qual é, Geni? Não fala com a gente?

GENI
De onde é que eu conheço esses caras mesmo? É do Retiro dos Artistas ou da TV Educativa? Mas, queridas, olha que barato essas bolsas italianas. Qualquer butique de Ipanema tá vendendo a oitocentos contos! Eu faço por quinhentos. . .

TERESINHA
Ai, que graça!

GENI
Tem também um soirée bem metido a antigo, ideal pra festa de entrega do prêmio Molière!

LÚCIA
Esse é meu!

GENI
Olha só esses penduricalhos. . . Bem art-nouveau. . .

Entram Duran e Vitória.

EPÍLOGO DITOSO (Ópera)

VITÓRIA
Música, maestro!

Orquestra dá acorde seco que introduz a ópera. Do fundo do palco vem surgindo João Alegre, sentado ao volante de um conversível modelo anos 40. De agora em diante, tudo será cantado.

JOÃO ALEGRE
Telegrama
Do Alabama
Pro senhor Max
Overseas
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

TERESINHA
Chegou a confirmação
Da United coisa e tal
Que nos passa a concessão
Vara o náilon tropical

MAX
Então nós vamos montar
Em São Paulo um fabricão

TERESINHA
Depois vamos exportar
Fio de náilon pro Japão

MAX
Sei que o náilon tem valor
Mas começa a me enjoar
Tive idéia bem melhor
Nós vamos ramificar

TERESINHA
Já ramifiquei, ha há
Fiz acordo com a Shell
Coca-Cola, RCA
E vai ser sopa no mel

CORO
Que beleza
Que riqueza
Tá chovendo
Da matriz
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

MAX
Que tal juntarmos
Esses capitais
Pra abrir um banco
Em Minas Gerais

TERESINHA
Que brilhante idéia, meu amor
Que plano original
Com fundos do exterior
Você fundar
Um banco nacional

CAPANGAS
E eu que jâ fui
Um pobre marginal
Sem documento
E sem moral

Hei de ser um bom profissional
Vou ser quase um doutor
Continuo da senhora
E do senhor
Bancário ou contador

CORO
Que sucesso
O progresso
Corta o mal
Pela raiz
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

CHAVES
Irmão
Nem começar eu sei
Receio te inibir

MAX
Sua vontade é lei
É falar
É mandar
É exigir

CHAVES
É que
Num mundo tão cruel
Cheio de inveja e fel
Não lhe fará mal
Ter à mão
Proteção
Policial
Quer os meus préstimos?

MAX
Eu acho ótimo

BARRABÁS
Serve um acólito?

MAX
Também
Vou te empregar

LÜCIA
Eu não

Tenho com quem deixar
Meu filho que já vem

MAX
Barrabás é um par
Exemplar
Quer casar

BARRABÁS
E adoro neném

CORO
Maravilha
Que família
Dois pombinhos
E um petiz
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

VITÓRIA
Só tenho um único
Breve reparo
A tão preclaro
Genro viril
É o esquecimento
Do sacramento
Afinal
Se casou
Só no civil
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Só no civil
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Só no civil

MAX
Mas nesse ínterim
Mudei de crença
Já peço a bênção
No santo altar

VITÓRIA
Que maravilha
Não perco a filha
E um varão
Bonitão

Eu vou ganhar
Ah, ah, ah
Ah, ah, ah
Eu vou ganhar
Ah, ah, ah
Ah, ah, ah
Eu vou ganhar

DURAN
Minha filha, eu desejo pedir teu perdão

TERESINHA
Oh, meu pai, isso é bom demais! Finalmente! Até que enfim!

DURAN
Não sei como fui pra você tão durão
Tão mandão, tão sem coração, tão malvado assim

MAX
Meu sogro, o senhor não sabe quanta alegria
Me dá, ao dizer que já se juntou aos nossos

DURAN
Só Deus sabe há quanto tempo eu tanto queria
Poder apertar esses ossos

MAXTERTEX LTDA
THE UNITED STATES OF AMERICA

CORO
Que alegria
Quem diria
Como os grandes
São gentis
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

DURAN
Não quero ser
Nas suas costas um fardo
Porém
Talvez
Eu necessite um resguardo

MAX
Tua instituição
Tão tradicional
Vai ter um padrão
Moderno
Cristão e ocidental

PUTAS
Vamos participar
Dessa evolução
Vamos todas entrar
Na linha de produção
Vamos abandonar
O sexo artesanal
Vamos todas amar
Em escala industrial

GENI
O sol nasceu
No mar de Copacabana
Pra quem viveu
Só de café e banana

MAXTERTEX LTDA

TODOS
Tem gilete, Kibon
Lanchonete, neon
Petróleo
Cinemascope, sapólio
Ban-lon
Shampoo, tevê
Cigarros longos e finos
Blindex fume
Já tem napalm e Kolinos
Tem cassete e rai-ban
Camionete e sedan
Que sonho
Corcel, Brasília, plutônio
Shazam
Que orgia
Que energia
Reina a paz
No meu país
Ai, meu Deus do céu
Me sinto tão feliz

Black-out; fecha a cortina; orquestra continua.

EPÍLOGO DO EPÍLOGO

Foco de luz sobre João Alegre que vem ao proscênio, batucando na caixinha de fósforos; a orquestra vai parando aos poucos.

João Alegre canta "O Malandro N." 2"

O malandro/Tá na greta
Na sarjeta/Do país
E quem passa/Acha graça
Na desgraça/Do infeliz
O malandro /Tá de coma
Hematoma/No nariz
E rasgando/Sua bunda
Uma funda/Cicatriz

O seu rosto/Tem mais mosca
Que a birosca/Do Mane
O malandro/É um presunto
De pé junto/E com chulé
O coitado/Foi encontrado
Mais furado/Que Jesus
E do estranho/Abdômen
Desse homem/Jorra pus
O seu peito/Putrefeito
Tá com jeito/De pirão
O seu sangue/Forma lagos
E os seus bagos/Estão no chão
O cadáver/Do indigente
É evidente/Que morreu
E no entanto/Ele se move
Como prova/O Galileu

João Alegre vai saindo, assobiando e batendo na caixinha de fósforos.

FIM

O AUTOR E SUA OBRA

Francisco Buarque de Holanda nasceu no Rio de Janeiro no dia 19 de julho de 1944, numa casa cheia de livros e de música. Seu pai é o historiador Sérgio Buarque de Holanda. E todos em sua família cantam e tocam algum instrumento.

Aprendeu violão com sua irmã Heloísa, e logo começou a compor músicas de carnaval, enquanto lia poemas de Bandeira, Drummond, Vinícius e Fernando Pessaa. Aos quinze anos, impressionado com João Gilberto, passou a cantar e compor bossa-nova.

Jâ como aluno da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, que cursou até o terceiro ano, Chico foi criando um estilo próprio e fazendo sucesso em shows estudantis e festivais de MPB. O êxito de "A banda" o consagrou, em 1966, como um dos mais importantes compositores jovens do Brasil.

Em 1967, musicou a peça "Morte e vida severina", com poemas de João Cabral de Melo Neto. Em 1968, com "Roda viva", inicia uma fase em que — sem abandonar as canções suaves e sentimentais como "Sabiá" — introduz um claro conteúdo social em suas músicas, como prova o LP "Construção", de 1970.

Uma atitude mais agressiva ainda surge de sua associação com Rui Guerra, em 1973, e que deu como resultado um livro, um disco e uma peça de teatro (que não pôde ser encenada): "Calabar, o elogio da traição", publicada pelo Círculo.

Entre as perseguições da censura, as apresentações ao vivo e as gravações de seu disco anual, Chico acabou desenvolvendo tanto sua carreira de escritor (com "Fazenda Modelo, novela pecuária", também publicada pelo Círculo),como sua atividade no teatro. Ao extraordinário sucesso de "Gota d'água" (feita com Paulo Pontes), seguiu-se esta "Ópera do malandro", que, mais uma vez, marca a presença indelével de Chico Buarque na vida intelectual e artística

brasileira.